

MARIANNE LIRA DE OLIVEIRA

VIOLÊNCIA FAMILIAR INFANTOJUVENIL E O FRACASSO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade (PPGSC) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde e Comunidade.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda.

Área de concentração: Saúde pública.

Linha de pesquisa: Saúde na escola.

TERESINA

2019

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria do Socorro e Marcos Antônio, minha família, meu vô Carrim, meu noivo, meus amigos, aos professores que me conduziram com saber e humanidade durante este percurso e a cada criança e adolescente que com afeto, me encorajaram nesta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que com sua infinita bondade, me permitiu produzir vida durante todas as etapas do Mestrado. Agradeço à minha mãe, Maria do Socorro, que nunca mediu esforços para me apoiar em todos os meus projetos e com seu exemplo, me ensinou que meu coração só sonha alto porque tenho minha força de vontade para realizar.

Agradeço aos familiares que vibraram energia positiva todas as vezes que eu tinha que enfrentar uma longa estrada e que torceram verdadeiramente pelo meu êxito, como o meu pai, Elizângela, Josenir e a minha querida Lis. Sou grata aos meus avós paternos, avó Aleluia (In memorian), minha mãe Zefinha que mesmo sem conhecer todos os motivos da minha luta esteve junto em cada batalha e ao meu amado avô Carrim (In memorian) que foi/é meu maior exemplo de Mestre na vida, mesmo sem títulos acadêmicos.

Ao meu noivo e companheiro de vida, Francisco Willamis Sotero Araújo, que sempre acolheu minhas incertezas, comemorou minhas vitórias, encorajou meus sonhos e transformou a minha coleta de dados em nossa. À minha prima, Débora Cristina, por ter sido tão disponível e prestativa durante esta pesquisa.

Aos meus amigos, por toda a confiança e estímulo, em especial, à Delbana que foi um presente cheio de alegria durante a árdua caminhada do mestrado, à Raksandra pela acolhida e à Nádia, minha irmã do coração, e sua família que foram minha base e conforto em Teresina todas as vezes em que precisei. Às pessoas que me ajudaram nos momentos mais difíceis sem pretensão alguma, como a Dona Maria Anjinha da zona rural de Chaval.

Agradeço aos funcionários da secretaria de educação, diretores, professores e funcionários das secretarias escolares que permitiram a realização deste trabalho. À cada criança e responsável que depositou em mim a confiança de poder ouvi-los e dar voz ao que sentiam. Ao meu orientador, Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda, por ter sido exemplo de Ser Humano, ética e competência, por ter me conduzido com afeto e disciplina, por me mostrar que títulos acadêmicos são fruto de muito esforço e dedicação, mas que estes não devem ser institucionalizados e por me permitir viver este processo com leveza e poesia.

*“Pois uma gota de paz
Limpa um mar de violência
O que falta à humanidade
É uma dose de bondade
Pra curar toda essa dor
Por isso que eu tenho dito
Que eu ainda acredito
Na valentia do amor”.*

Bráulio Bessa

RESUMO

Introdução: A violência familiar infantojuvenil é caracterizada por atos ou omissões praticadas por pais, parentes ou responsáveis e pode produzir comportamentos autodestrutivos, reclusão, depressão, raiva e problemas de aprendizado, como os que caracterizam o fracasso escolar. **Objetivo:** Analisar a correlação entre a percepção de violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal utilizando a triangulação dos dados, realizado com 117 escolares do 6º do ensino fundamental de escolas públicas da cidade de Chaval-CE. Esta pesquisa foi desenvolvida em 02 escolas da zona urbana e 01 da zona rural totalizando 06 turmas participantes da coleta de dados. Os dados quantitativos foram coletados por meio de questionário sociodemográfico, aplicação da escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI) e avaliação objetiva do fracasso escolar, sendo analisados utilizando os testes *t de student*, Exato de Fisher e teste de Spearman. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 20% dos escolares, compostos por 10% com maior pontuação e 10% com menor pontuação na escala SANI. Utilizou-se a saturação teórica e as informações foram avaliadas por meio da análise do discurso na vertente francesa. **Resultados:** Dentre os escolares da amostra, 52,1% eram do sexo masculino e 47,9% do sexo feminino com média de idade de 10,9 anos. A pesquisa demonstrou ainda que 86,3% dos escolares eram matriculados na zona urbana e 53,8% estudavam no turno da manhã. Após análise bivariada verificou-se que não houve diferença significativa entre as médias de percepção de violência familiar para as variáveis de turno, renda familiar e quanto ao fracasso escolar. Em contraponto, houve diferença significativa ($p \leq 0,05$) na relação entre a pontuação na escala SANI e as zonas urbana e rural. A partir das entrevistas semiestruturadas foi possível identificar que a maioria dos participantes mora com os pais ou só com a mãe e, quando ausentes, os tios têm exercido o papel de responsáveis pelos escolares. Quanto aos tipos de violência presenciada, a física e a psicológica foram as mais citadas pelos escolares, tendo como agressores mais frequentes os pais e a vítima mais frequente foi a irmã (o). **Conclusão:** Mediante análise entre a percepção de violência familiar e fracasso escolar verificou-se que não houve correlação significativa, ainda que as pontuações estejam acima da média da escala SANI, o que permite concluir que mesmo presenciando situações de violência, os escolares podem desenvolver estratégias de autoproteção que auxiliem no desempenho escolar satisfatório.

Palavras-chave: Violência; Criança; Adolescente; Fracasso escolar.

ABSTRACT

Introduction: Child and juvenile domestic violence is identified by the acts or omissions by parents, relatives or guardians, and it can result in self-destructive behavior, seclusion, depression, anger issues and learning problems, can lead to school failure. **Objective:** To analyze the correlation between the perception of child and juvenile domestic violence and school failure. **Methodology:** This is a cross-sectional study with data triangulation, carried out with 117 students from the 6th grade of public schools in Chaval-CE. This research was conducted in 02 schools from the urban area and 01 school from the rural area, with a total of 06 groups in the data collection. Quantitative data were collected through a sociodemographic questionnaire, a Children's Natural Environment Signaling (Sinalização do Ambiente Natural Infantil - SANI) scale application, and an objective assessment regarding school failure, and data were analyzed using Student's t-test, Fisher's exact test and Spearman's test. Semi-structured interviews were conducted with 20% of the students, of which 10% had the highest score and 10% had the lowest score on the SANI scale. Using theoretical saturation and the information was assessed through the French discourse analysis theory. **Results:** Among the students in the sample, 52.1% were male and 47.9% female, the average age was 10.9 years. The survey also showed that 86.3% of the students were enrolled in the urban area, and 53.8% studied during the morning period. After bivariate analysis, it was found that there was no significant difference between the variables of average perception of family violence by the period of study, family income and school failure. However, there was a significant difference ($p \leq 0.05$) in the relationship between the SANI score and the urban and rural areas. It was possible to identify, from the semi-structured interviews, that most students live with both parents or only with their mother and, in their absence, uncles can also be legally responsible for the students. Regarding the types of violence witnessed and pointed by the students, the physical and psychological ones were the majority; their parents were the most frequent aggressors and the most frequent victim was the sister or brother. **Conclusion:** In the analysis of the perception of domestic violence and school failure, it was found that there was no significant correlation between them, even though the scores are above the SANI scale average number. This allows us to conclude that even when witnessing violence situations, students can develop self-protection strategies that help them to achieve a satisfactory school performance.

Keywords: Violence; Children; Adolescents; School failure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 01 – Descrição das etapas da coleta de dados com os escolares.....	28
Fluxograma 02 – Frequência da percepção dos atos de violência familiar pontuados na escala SANI. Chaval, CE, 2019.....	32
Quadro 01 – Caracterização dos escolares do 6º ano entrevistados. Chaval, CE, 2019.....	38
Quadro 02 – Comparação entre a percepção de violência familiar a partir da escala SANI e das entrevistas semiestruturadas. Chaval, CE, 2019.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Caracterização dos escolares do 6º ano participantes da pesquisa. Chaval, CE, 2019.....	31
Tabela 02 – Caracterização sociodemográfica dos pais/responsáveis. Chaval, CE, 2019.....	33
Tabela 03 – Análise bivariada entre a percepção de violência familiar e as variáveis sociodemográficas para os 20% selecionados. Chaval, CE, 2019.....	35
Tabela 04 – Análise bivariada da associação entre percepção de violência familiar e as variáveis sociodemográficas para os 10% com maior pontuação. Chaval, CE, 2019.....	36
Tabela 05 – Caracterização dos escolares referentes aos 10% com menor pontuação. Chaval, CE, 2019.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IVS	Índice de Vulnerabilidade Social
NIPPSEC	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade
PSE	Programa Saúde na Escola
RMSF	Residência Multiprofissional em Saúde da Família
SANI	Sinalização do Ambiente Natural Infantil
SIGE	Sistema Integrado de Gestão Escolar
SPSS	Statistical Package for the Social Science
SUS	Sistema Único de Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPE	Todos Pela Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS	15
2.1 Objetivo geral.....	15
2.2 Objetivo específicos	15
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
3.1 Violência como problema de saúde pública	16
3.2 Violência familiar infantojuvenil	17
3.3 Preceitos legais: normatizações sobre violência infantojuvenil.....	18
3.4 Violência familiar infantojuvenil, escola e fracasso escolar	19
3.5 Renda familiar: um dos aspectos sociodemográficos da violência e do fracasso escolar	20
3.6 Enfrentamento da violência familiar infantojuvenil e do fracasso escolar	21
4 MÉTODOS.....	23
4.1 Delineamento do estudo	23
4.2 População e Amostra.....	23
4.3 Cenário de práticas.....	24
4.4 Variáveis do estudo.....	25
4.4.1 Numéricas	25
4.4.2 Categóricas	25
4.5 Instrumentos de pesquisa.....	26
4.5.1 Questionário sociodemográfico	26
4.5.2 Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI)	26
4.5.3 Roteiro Semiestruturado	26
4.6 Coleta de dados	27
4.7 Organização e análise dos dados	28
4.8 Critérios de inclusão e exclusão.....	29
4.9 Aspectos éticos	29
5 RESULTADOS	31
5.1 Abordagem quantitativa	31
5.1.1 Caracterização dos escolares	31
5.1.2 Caracterização dos pais e responsáveis	32

5.1.3 Dados referentes aos 20% dos escolares selecionados para a entrevista.....	34
5.1.4 Dados referentes aos 10% dos escolares com maior pontuação.....	35
5.2 Abordagem qualitativa	37
5.2.1 Caracterização dos entrevistados	37
5.2.2 Concepção de violência pelos escolares	42
5.2.3 Experiências de vitimização e o sentir diante de agressões.....	45
5.2.4 Abandono afetivo: A ausência dá lugar ao vazio	48
5.2.5 A violência familiar e o desempenho escolar	50
5.2.6 Estratégias de enfrentamento e proteção contra a violência familiar	52
5.3 Comparação entre os dados quantitativos e qualitativos	53
6 DISCUSSÃO.....	57
7 CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado	70
APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE)	71
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)	73
APÊNDICE D – Entrevistas na íntegra.....	75
APÊNDICE E – Artigo submetido.....	144
ANEXO A – Questionário Sociodemográfico	154
ANEXO B – Termo de autorização institucional	155
ANEXO C – Autorização para adaptação e validação da escala SANI para o Brasil ...	156
ANEXO D – Autorização para utilização da escala SANI adaptada-Versão Brasileira	157
ANEXO E – Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI)-Versão Brasileira	158

1 INTRODUÇÃO

A violência familiar é um fenômeno crescente que envolve abandono, negligência, abusos físicos, psicológicos e sexuais e consiste em ato agressivo, omissão ou transgressão praticada por indivíduos com grau de parentesco, independentemente de consanguinidade. Esse tipo de violência ocorre nas relações intergeracionais, prejudicando crianças e adolescentes por sua condição de desenvolvimento e fragilidade física e emocional (BRASIL, 2010; MAGALHÃES et al., 2017). A violência familiar tem repercussões físicas, emocionais e sociais que afetam gravemente o poder de adaptação e defesa das crianças e adolescentes vitimizados. É, portanto, considerada um problema social e de saúde pública, dada a violação dos direitos humanos e demais consequências que perpetua (COELHO; FRANZIN, 2014; SILVA, 2018).

Ao divergir das expectativas sociais quanto ao seu papel de apoio, cuidado e proteção, o contexto familiar tem representado um espaço de perpetração de violência para várias crianças e adolescentes. Práticas violentas de educação e disciplina, soluções agressivas para conflitos, abusos físicos e sexuais, lesões para reprimir atitudes desaprovadas, dentre outras, permeiam fortemente o ambiente familiar, mesmo sendo reconhecidas estratégias legislativas e sociais para repreendê-las e os efeitos dessa violência podem ser evidenciados, inclusive, no cenário escolar (RISTUM, 2010).

A escola, por vezes, surge como um lugar protegido de inclusão de crianças vítimas de violência familiar e acaba por se tornar o único local onde elas não sofrem os efeitos das agressões e maus-tratos domésticos (SILVA et al., 2014). Em contraponto, é na escola que as crianças e adolescentes tendem a reproduzir os atos violentos que vivenciam em casa, reverberando, nesse ambiente, a violência sofrida. Esse fato dificulta a aproximação dos pares, o convívio social e o próprio processo de aprendizagem, propagando seus efeitos no desempenho escolar. Esses aspectos da violência familiar podem resultar, ainda, em baixo rendimento, reprovação, defasagem idade-série ou abandono escolar, configurando objetivamente o fracasso escolar (SILVA, 2018).

Dessa forma, o fracasso escolar manifesta-se como uma problemática contemporânea que afeta as sociedades civil e escolar, pois dificulta o desenvolvimento da aprendizagem e resulta no insucesso do aluno. Diante disso, o fracasso não deve ser relacionado estritamente a aspectos intrínsecos do educando ou à sua relação com o educador, uma vez que pode envolver outros fatores externos ao convívio escolar, como as situações de violência vivenciadas no próprio domicílio (ALVARENGA; MIRANDA, 2017).

Atualmente há uma tendência crescente na publicação de estudos, com o público infantojuvenil, que enfatizam a relação entre violência familiar e escolar. Além disso, a literatura identifica uma frequência quatro vezes maior de agressividade na escola por parte de adolescentes que sofreram violência familiar (GIORDANI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017; MINAYO, 2006). Esses resultados reafirmam a complexidade do tema e a necessidade de atuação intersetorial no enfrentamento à violência e aos efeitos deletérios que ela perpetua, como, por exemplo, o fracasso escolar. Nesse sentido, é preciso evitar culpabilizar a criança ou o adolescente sem antes utilizar meios multidimensionais de avaliação da causalidade do fracasso escolar, uma vez que este não está associado estritamente a condições individuais do sujeito (MIRANDA; ALVARENGA, 2017).

Assim, frente à multiplicidade de fatores associados ao fracasso escolar, alguns aspectos sociodemográficos também podem influenciar a ocorrência de reprovações, defasagem idade-série, abandono e evasão. Dentre estes aspectos estão as condições de vulnerabilidade e pobreza às quais escolares de classes menos favorecidas são submetidos, uma vez que a precariedade vivenciada nas famílias se reflete nas escolas a que estas crianças e adolescentes têm acesso. Essa situação ocorre devido às condições mínimas para o desenvolvimento das atividades pedagógicas e garantia da aprendizagem da leitura e escrita adequadas. Todos esses elementos tendem a reforçar a “patologização da pobreza”, que caracteriza os pobres como menos capazes e com maior tendência a criminalidade (MOLL, 2014; PATTO, 2007).

Pesquisas têm sido desenvolvidas na perspectiva de investigar o fracasso escolar relacionado a situações de violência familiar. Ressalta-se, no entanto, a dificuldade no reconhecimento de tal violência, devido ao processo de naturalização de agressões perpetradas pelos pais por meio de medidas corretivas aceitas pela sociedade, com a justificativa de disciplinar e/ou educar crianças e adolescentes (BARROS; FREITAS, 2015).

Nesse sentido, a implicação com a presente temática emergiu das vivências da pesquisadora enquanto residente multiprofissional em saúde da família, entre os anos de 2016 a 2018, em Parnaíba-PI. Em meio às atividades desenvolvidas no Programa Saúde na Escola (PSE), houve a maior aproximação com os casos de violência familiar e baixo desempenho escolar, aos quais escolares do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública encontravam-se expostos, morando numa comunidade de alta vulnerabilidade social. Numa das ações, as crianças avaliadas apresentaram as mais diversas histórias de traumas familiares, agressões e perdas na família.

Somado a isso, a crença na existência de situações similares na cidade natal da pesquisadora, localizada no interior do Ceará, fomentou uma avaliação inicial realizada na cidade de Chaval-CE com o objetivo de analisar a viabilidade de desenvolvimento desta pesquisa. Essa avaliação permitiu a identificação da fragilidade da formação docente quanto ao tema da violência, a disponibilidade de espaços e população de interesse para o desenvolvimento da pesquisa, além da inexistência de projetos anteriores que tenham abordado a temática da violência contra crianças e adolescentes.

Desse modo, esta dissertação é resultado de pesquisa realizada na cidade de Chaval-CE e teve como questão norteadora: Existe correlação entre a percepção de violência familiar infantojuvenil e o fracasso escolar?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar a correlação entre a percepção de violência familiar infantojuvenil e o fracasso escolar.

2.2 Objetivo específicos

- Identificar a percepção de escolares sobre violência familiar;
- Descrever fatores associados ao fracasso escolar, percebidos por crianças e adolescentes escolares;
- Verificar a associação entre fracasso escolar e renda familiar.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Violência como problema de saúde pública

A violência é um fenômeno multicausal que perpassa toda a história da humanidade, nas mais diversas formas, inicialmente associada ao campo do direito criminal e da segurança pública. A definição de violência não se restringe a um conceito único, devido a sua complexidade, e pode ser expressa pelo uso da força ou relação de poder sobre a vítima, causando danos físicos ou psicológicos, caracterizada ainda pela omissão ou transgressão dos direitos da vítima pelo agressor (NUNES; SALES, 2016).

A violência possui raízes históricas, culturais, econômicas e sociais e, por ser um fenômeno sócio-histórico variante, tende a afetar os indivíduos de maneiras diferentes. Atualmente, passou a ser considerado um problema de saúde pública, tendo em vista os efeitos deletérios que tem sobre a qualidade de vida e saúde dos indivíduos agredidos ou expostos a atos de agressão contra outra pessoa. Em vista disso, prevenção, tratamento e reversão, além da minimização dos efeitos das agressões, exigem a formulação de políticas públicas específicas e a organização de práticas de cuidado e apoio (MASCARENHAS et al., 2017).

A violência é a terceira causa de mortalidade na população geral e a primeira entre crianças e adolescentes, além disso, podem-se citar outras repercussões emocionais, cognitivas e materiais na vida das vítimas (HILDEBRAND, 2019). Informações como esta auxiliam na compreensão do comportamento e da forma como os escolares expostos a agressões em ambiente familiar tendem à reprodução da violência ou ao desenvolvimento do transtorno do estresse pós-traumático, que os torna mais introspectivos, ansiosos e tímidos (SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018).

Esse fenômeno também acarreta inúmeros gastos ao sistema de saúde pública relativos às despesas com cuidados hospitalares, internações, além da redução dos anos de vida produtiva, a possibilidade de deixar sequelas nas vítimas e o aumento da mortalidade. É perceptível ainda, que os danos decorrentes das agressões ou demais situações de violência não afetam apenas as vítimas, mas também as famílias, agressores e pessoas que presenciam os atos violentos (MASCARENHAS et al., 2017).

Dentre os tipos mais comuns de violência estão as agressões que ocorrem dentro do ambiente familiar contra crianças e adolescentes, e podem se concretizar por meio de violência física, sexual, psicológica e negligência ou abandono. No entanto, entre as possíveis

variações da violência familiar, as agressões físicas e sexuais são as mais reconhecidas e descritas pela literatura, devido aos sinais que apresentam. Isso, de certa forma, tende a subestimar a ocorrência de violência psicológica e negligência ou abandono, bem como seus efeitos negativos (HILDEBRAND et., 2015).

3.2 Violência familiar infantojuvenil

A violência familiar ocorre dentro do convívio da família e pode ser perpetrada por um ou mais agressores, independentemente dos laços de consanguinidade, que mantenham laços familiares, matrimoniais, vínculo afetivo ou grau de parentesco, na maioria das situações, com relações de poder (SANTOS; SANTOS; NASCIMENTO, 2015). Nesse contexto, a violência familiar infantojuvenil é caracterizada por atos ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis e pode produzir comportamentos autodestrutivos, reclusão, depressão, raiva e problemas de aprendizado, principalmente na infância. Por consequência, a violência familiar infantojuvenil tem um caráter cíclico, e os adultos que sofreram essas agressões podem apresentar problemas de relacionamento, afetividade, dificuldade de lidar com os próprios sentimentos e a tendência a repetir os atos de violência vivenciados com seus filhos e demais familiares (SCHEK, et al., 2016).

Os casos de violência familiar são complexos e representam um desafio para gestores e profissionais de saúde e educação, principalmente quando têm como vítimas crianças e adolescentes. Algumas das dificuldades envolvidas no manejo destes casos estão relacionadas ao modelo social e cultural de representação familiar, bem como aos aspectos psicossociais envolvidos na relação entre vítima e agressor (BARROS; FREITAS, 2015).

Apesar de a violência ser reconhecida como um grave problema contemporâneo, ainda há dificuldades na notificação e nas denúncias que validem as estimativas com maior segurança. Outro aspecto que interfere nessa mensuração é a dificuldade em reconhecer consequências psicológicas ou referentes à negligência, o que favorece a subestimação dos casos de violência familiar infantojuvenil (HILDEBRAND et al., 2019).

Todas as adversidades citadas contribuem para a desatualização de inquéritos nacionais sobre a prevalência da violência contra a criança e o adolescente. Isso se deve a inúmeros fatores, como a falta de treinamento para que se efetive a notificação, mesmo com a obrigatoriedade e implementação de uma ficha de notificação compulsória no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a ser adotada em todas as unidades do país. Essa

subestimação das notificações é vista também entre os países desenvolvidos, tendo em vista a desigualdade no investimento da notificação desses casos (BARROS; DESLANDES; BASTOS, 2016).

Diante da compreensão ainda recente da violência familiar infantojuvenil enquanto problema de saúde e da relevância de se exercer a notificação dos casos, atualmente não se pode afirmar que há aumento ou diminuição nesse tipo de violência; o que de fato tem mudado é a consciência sobre a necessidade de proteger esse público, isso fomentou a criação de medidas legais de proteção a crianças e adolescentes, como as políticas públicas voltadas à promoção da saúde e à segurança (CEZAR; ARPINI; GOETZ, 2017).

3.3 Preceitos legais: normatizações sobre violência infantojuvenil

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 assegura às crianças e aos adolescentes o direito à convivência familiar. A partir disso, outros preceitos legais normatizaram esse convívio como direito de toda criança e adolescente, assegurando a criação destes por sua própria família e, em casos excepcionais, por família substituta. Assim, a Carta Magna, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes são exemplos da criação de medidas legais de proteção ao bem-estar do público infantojuvenil e reconhecimento do ambiente familiar como espaço de apoio, proteção e cuidado (SOARES; SOUZA; CARDOSO, 2015).

Diante desses preceitos legais, a violência contra crianças e adolescentes recebeu maior notoriedade, o que fomentou o desenvolvimento de pesquisas e incentivo à necessidade de formalização e denúncia dos casos. Assim, a partir do ponto de vista legal, a notificação passou a ser compulsória para casos suspeitos ou confirmados, devendo ser feita pelos profissionais que atuam em serviços que atendem crianças e adolescentes. Dentre as responsabilidades desses profissionais, além da notificação, está a formulação de estratégias de intervenção que atenuem os efeitos da violência (SCHEK et al., 2016).

Em contraponto, a literatura ressalta algumas adversidades enfrentadas pelos profissionais quanto à notificação, tais como a falta de treinamento para atuar em casos de violência familiar, dificuldades na identificação de sinais indicativos de agressões sofridas e a fragilidade na rede de apoio e proteção das vítimas. Somado a isso, a violência familiar possui características próprias que podem contribuir para a aceitação social no sentido de considerar as agressões perpetradas pelos pais ou responsáveis um modo de educar e disciplinar as

crianças e adolescentes (SCHEK et al., 2016). Alguns profissionais confessam o medo de provocar traumas maiores nas vítimas que vierem a ser retiradas do convívio familiar após a notificação e investigação do episódio, o que retarda a atuação efetiva no caso em todos os setores, inclusive no escolar.

3.4 Violência familiar infantojuvenil, escola e fracasso escolar

A escola, como instituição social e espaço de convívio entre crianças e adolescentes, também sofre os efeitos da violência perpetrada em ambientes externos, como nos casos de violência familiar infantojuvenil, fato que tem prejudicado o processo de aprendizagem e as relações interpessoais. Dentro deste ambiente institucional, o professor detém uma posição privilegiada de avaliação e observação constante dos escolares, dado o período de tempo que estes permanecem em sala de aula e à própria convivência estabelecida entre ambos (GARBIN et al., 2015).

Considerando isso, é relevante reconhecer a contribuição da atuação docente diante das situações de violência vivenciadas dentro ou fora do ambiente escolar, principalmente nos anos iniciais da educação, tendo em vista que este é o momento de adaptação à dinâmica escolar, determinante também na reversão dos reflexos da exposição a agressões. Nesse sentido, os professores devem ser estimulados a participar de qualificações que os auxiliem na identificação e no manejo dos casos de violência que podem ser estendidos à escola, incidindo diretamente sobre o desempenho escolar que se torna deficitário (GARBIN et al., 2015).

O fracasso escolar é um termo empregado para caracterizar dificuldades de aprendizagem e, de forma mais objetiva, é avaliado pela repetência, defasagem idade-série e evasão ou abandono escolar (LIMA, 2019). Esse termo é atualmente utilizado no contexto nacional e internacional, sendo também usado pelo Conselho Nacional de Educação (Parecer CNE/CEB n. 11/2010, 2010). No entanto, mesmo com a ambivalência comprovada pela literatura e a variação na recepção do termo fracasso escolar por parte dos escolares, este ainda é considerado o mais adequado dentre as opções, o que talvez dificulte sua substituição (POZZOBON; MAHENDRA; MARIN, 2017).

Nessa perspectiva, para se compreender o fracasso escolar, é preciso que se considerem fatores sociais, econômicos e afetivos para além da capacidade cognitiva individual de cada escolar, tendo em vista seu caráter multifacetado, mutável e não permanente, podendo ser expresso em determinado período escolar e ser superado

posteriormente (POZZOBON; MAHENDRA; MARIN, 2017). Concomitantemente, outras variáveis intra e extraescolares, como a exposição a violência e situações de vulnerabilidade, podem também influenciar a incidência do fracasso escolar. Estes aspectos são relevantes para que se admita que o termo não expressa a incapacidade de aprender, mas revela as falhas nos modelos de ensino-aprendizagem, além de expressar a necessidade de políticas públicas mais atentas às demandas educacionais da população (CARMO; FIGUEIREDO, 2016).

Desde 2006 essa problemática tem sido monitorada a cada dois anos pelo INEP, por meio do Programa Todos Pela Educação (TPE), que desenvolve avaliações do desempenho dos alunos nos ensinos fundamental e médio. A partir dessa análise continuada, o relatório produzido demonstra que nos anos de 2015 e 2016 os índices de desempenho escolar dos adolescentes permaneceram estagnados e em alguns Estados apresentaram retrocesso. Dados como esse têm evidenciado o fracasso escolar como um problema contemporâneo que afeta crianças e adolescentes e demanda investimentos em pesquisas acerca de possíveis estratégias de reversão (SANTOS et al., 2018).

Com base em estudos que abordam o tema e nas informações apresentadas, é possível afirmar que o fracasso escolar potencialmente provoca não apenas problemas na saúde da criança e do adolescente como também podem tomar proporções ainda mais amplas, atingindo o campo social, gerando desemprego, pobreza, exclusão social, dificuldades nas relações interpessoais e aumento da criminalidade no país, quando não superado (SANTOS et al., 2018). Diante do exposto, é relevante ressaltar que a pobreza e algumas situações de vulnerabilidade vivenciadas pelas classes econômicas menos favorecidas podem ser agravadas pelo fracasso escolar repetido e permanente, mas também podem ser consideradas como fatores predisponentes ao baixo rendimento na escola, defasagem idade-série e evasão.

3.5 Renda familiar: um dos aspectos sociodemográficos da violência e do fracasso escolar

No cenário nacional, a exposição à estrutura social desigual e injusta que predomina no país é indiscriminada e de certa forma, todos são afetados pelos fatores que contribuem para a manutenção de focos específicos de violência que podem se expressar no ambiente doméstico, escolar, vias públicas ou no interior de instituições (GARBIN et al., 2015). A desigualdade social está atrelada a situações que envolvem algum grau de injustiça, ou seja, diferenças injustas porque fortalecem aspectos sociais que colocam alguns grupos em desvantagem frente à oportunidade de serem, ou se manterem, sadios. Não há um consenso

sobre as principais causas da ocorrência de agravos violentos, mas alguns são descritos com mais frequência em relação à ocorrência de morte, como: fatores socioeconômicos; a constituição familiar; o ambiente doméstico; a idade e as características de personalidade; o sexo da vítima; a etnia da vítima e multicausais (AMADOR et al., 2018).

As condições de vulnerabilidade associadas à desigualdade social e à baixa renda familiar que têm se perpetuado pelo território nacional, frequentemente, afetam o bem-estar de indivíduos e grupos residentes em territórios expostos a maiores riscos sociais, o que dificulta a capacidade de resiliência e superação dos problemas. Nesse contexto, é necessário compreender ainda que o território em que se habita, não raro, é o mesmo em que se estuda e, por esse motivo, pesquisas têm demonstrado que há um efeito negativo do território sobre a escola e sobre o desempenho dos escolares, especialmente em localidades onde as desigualdades sociais são predominantes (VÓVIO et al., 2016).

É nesse sentido que se identifica a pertinência em investigar os problemas socioeducacionais que incidem, negativamente, sobre as escolas localizadas em territórios vulneráveis e com baixa renda familiar, haja vista que a proposição de medidas para o combate ao fracasso escolar só será efetiva quando for baseada em estudos aprofundados sobre suas reais causas. Dentre estas, a violência dentro e fora da escola, a indisciplina e situações que dificultam o transcorrer das aulas têm sido frequentemente citadas como relevantes para compreender a dinâmica das escolas em relação às matrículas, desenvolvimento das aulas, transferência de alunos e desempenho discente (VÓVIO et al., 2016).

Assim sendo, o fracasso escolar vivenciado por crianças e adolescentes em determinado momento da vida escolar pode ser influenciado por condições de vulnerabilidade e baixa renda familiar, às quais o território e os escolares são expostos. Em meio a essa falta de recursos, na qual as classes sociais menos favorecidas se encontram, estão instituídas escolas fragilizadas pela ausência de incentivo a docentes, falta de materiais adequados para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e condições mínimas para a diminuição nos índices de evasão escolar ou reprovações. Fato este que configura algumas das adversidades enfrentadas por escolares, famílias, professores e pelo próprio sistema de educação quanto ao enfrentamento dos déficits de aprendizagem e estagnação dos percentuais, principalmente no ensino fundamental (MOLL, 2014; PATTO, 2007).

3.6 Enfrentamento da violência familiar infantojuvenil e do fracasso escolar

A literatura tem apresentado algumas possíveis estratégias de enfrentamento à violência familiar e ao fracasso escolar; contudo, ainda se revelam pouco eficazes e sem um consenso, principalmente quando envolvem crianças e adolescentes como público-alvo. Para tal, é reconhecida a necessidade de atuação interdisciplinar e intersetorial da rede de proteção e apoio às vítimas, mas é indispensável também a criação de meios mais específicos para a aferição da efetividade das ações, como a criação de um índice que considere vários indicadores quantitativos e qualitativos durante essa avaliação (DESLANDES; MENDES; PINTO, 2015; VIEIRA NETO; DESLANDES, 2016).

O enfrentamento prediz um conjunto de propostas articuladas e contínuas, formuladas para atuar na reversão de um problema, como a violência familiar. Entre as possíveis estratégias de intervenção estão: o acolhimento das vítimas, tratamento de possíveis sinais e sintomas decorrentes das agressões vivenciadas, a promoção de comportamentos protetores e de prevenção, ativação da rede de apoio, seja esta composta por familiares ou apenas outras instituições de proteção, incentivo à notificação e investimento no fortalecimento da rede de assistência (DESLANDES; MENDES; PINTO, 2015).

Com base no exposto, as estratégias de enfrentamento da violência familiar infantojuvenil devem obedecer ao caráter global que a problemática exige, evitando focar apenas no apoio às vítimas e recuperação dos danos causados; deve também garantir o atendimento aos agressores e acionar a rede sociofamiliar para que todos consigam atuar no cuidado. Nesse sentido, a abordagem do tema e o fortalecimento de vínculos familiares por meio de grupos de convivência podem garantir o apoio necessário à família, além de favorecer reflexões sobre as práticas de educação dos filhos sem a utilização de agressões (BARROS; FREITAS, 2015).

Em paralelo, as estratégias de enfrentamento do fracasso escolar devem considerar a multiplicidade de tal fenômeno e serem articuladas entre escola e família, com o objetivo de atenuar a carga negativa deste termo sobre o aluno, e considerar, nas intervenções, todos os fatores que podem estar relacionados ao déficit no desempenho escolar. Nessa perspectiva, ao se avaliar o cenário atual da escola, é possível identificar entre as dificuldades enfrentadas pelos escolares tidos como “fracassados” a exigência em atingir o padrão de “aluno nota 10”, o que contribui para a diminuição do rendimento escolar. Diante do exposto, as estratégias de enfrentamento deveriam estar mais voltadas à reinserção desse aluno, que por vezes é excluído por uma situação pontual de fracasso, atuando no incentivo à aprendizagem e não apenas vislumbrando a excelência da nota máxima (ALVARENGA; MIRANDA, 2017).

4 MÉTODOS

4.1 Delineamento do estudo

Esta dissertação consiste em um estudo transversal com abordagem quantitativa e qualitativa, entendendo a relevância de integrar investigações de naturezas diferentes, que podem se complementar, ao abordar óticas diversas de uma mesma realidade. A pesquisa quantitativa tende à verificação e mensuração de dados, assumindo, em muitas ocasiões, um caráter estatístico, devido ao uso de procedimentos controlados. Já as pesquisas qualitativas focalizam as particularidades e especificidades dos grupos sociais estudados, na tentativa de compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos participantes e as representações e interpretações que eles mesmos fazem de suas experiências (CÉSAR et al., 2013).

Para tanto, o referencial teórico-metodológico consiste em utilizar a história oral na tentativa de apreender a ótica dos escolares diante de suas vivências e saberes próprios. A história oral prediz alguns fatores essenciais para a produção documental criteriosa, dentre estes: a seleção do participante, o local da entrevista e a construção do roteiro adequado (OLIVEIRA et al., 2014; SILVEIRA; SANTOS, 2016).

4.2 População e Amostra

Participaram do estudo, escolares matriculados no primeiro semestre do 6º ano do Ensino Fundamental vinculados a escolas públicas da zona urbana e rural de Chaval-Ceará. A relevância de realizar a pesquisa com esses escolares está relacionada à metodologia de avaliação do ensino-aprendizagem utilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), este preconiza que a reprovação ocorra a partir do 5º ano, período no qual a aprendizagem e o fracasso escolar são avaliados de forma mais objetiva (BRASIL, 2018).

A população foi composta por 222 escolares matriculados no 6º ano de 04 escolas públicas municipais. Dessas escolas públicas, duas eram da zona urbana e duas eram da zona rural. As escolas urbanas eram compostas por seis turmas e as da zona rural por duas turmas. Esta pesquisa foi desenvolvida em duas escolas da zona urbana e uma escola da zona rural, o que totalizou 06 turmas participantes da coleta de dados com distribuição paritária entre os turnos matutino e vespertino.

A amostra foi selecionada por conveniência e delimitada a partir de cálculo amostral com intervalo de confiança de 95%. O cálculo determinou uma amostra de 141 escolares que, acrescida de 20%, referente à previsão de possíveis perdas, resultou em 169 escolares. Destes, 117 apresentaram autorização dos pais ou responsáveis mesmo após as estratégias de sensibilização realizadas pessoalmente durante as reuniões de pais e mestres nas escolas ou por correspondência produzida pela pesquisadora.

Para a etapa qualitativa foram selecionados 24 escolares, a partir da avaliação das pontuações na escala SANI, que representavam os 10% com maior e 10% com menor percepção de violência identificada pelo instrumento de pesquisa.

4.3 Cenário de práticas

A cidade de Chaval está localizada no estado do Ceará e tinha, em 2018, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada em 13.042 habitantes. Chaval constitui fronteira entre os estados do Ceará e Piauí, apresentando menor distância geográfica de Parnaíba-PI do que da capital Cearense, Fortaleza. Tal situação contribui para a falta de fomento a ações de pesquisa sobre sua condição de ensino, bem como dificulta o acesso de órgãos de fiscalização do Estado de origem (IBGE, 2018).

No contexto educacional, os dados da prova Brasil de 2017 revelam que os escolares dos anos iniciais da rede pública de ensino obtiveram 6,25 como nota padronizada do indicador de aprendizagem para português e matemática, com percentual de aprendizado de 67% para português (acima da média estadual de 63% e da nacional de 54%) e 45% para matemática (abaixo da média estadual de 49%, mas acima da nacional de 42%) no 5º ano (FUNDAÇÃO LERMANN, 2018).

O indicador de fluxo em 2017 foi de 0,95 (ou seja, a cada 100 escolares, 05 não são aprovados) e a distorção idade-série chega a 15% no 5º ano e 26% no 6º ano. De acordo com o gráfico de evolução do IDEB, o município está acima da meta desde 2007, com uma crescente em 2013. O IDEB de 2017 foi 5,9, acima da meta prevista de 4,4, mas ainda não alcançou a nota 6,0, preconizada como média nacional (FUNDAÇÃO LERMANN, 2018; IBGE, 2018).

O sistema educacional da cidade de Chaval prevê que a reprovação ocorra a partir do 3º do ensino fundamental, e a média de aprovação é 06 para cada disciplina. Aos 06 anos de

idade há obrigatoriedade de matrícula no 1º ano do ensino fundamental, dessa forma, a idade regular para o 6º ano é 11 anos de idade (BRASIL, 2018).

Quanto à distribuição de renda domiciliar em Chaval, o índice Gini que varia de 0 a 1 apresentou o valor de 0,506 avaliado em 2010, revelando uma distribuição ruim e não paritária da renda nos domicílios (BRASIL, 2018). O índice de vulnerabilidade social (IVS), que considera 16 itens avaliados em sua composição, dentre eles transporte, renda e moradia, alcançou o valor de 0,505 numa escala de 0 a 1 no ano de 2010, estando assim acima da média para o lado negativo. Em contraponto, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) neste mesmo ano, apresentou o valor de 0,586 numa escala de 0 a 1 e este, ainda que não seja o ideal, dentre os índices avaliados, é o que apresenta melhor pontuação sobre desenvolvimento humano (IPEA, 2019).

4.4 Variáveis do estudo

4.4.1 Numéricas

Dentre as variáveis numéricas está a percepção de violência familiar avaliada por meio da escala SANI com pontuação variante entre 00 e 120 pontos. Essa percepção prediz a apreensão que os escolares têm sobre a violência em que foram agressores, vítimas, testemunhas ou expostos por meios de comunicação, como a televisão.

As idades dos escolares e dos pais e responsáveis foram investigadas para identificar faixas etárias e realizar categorizações entre crianças e adolescentes. Por sua vez, a quantidade de pessoas por domicílio, a partir do questionário sociodemográfico, foi utilizada para identificar a extensão do núcleo familiar.

4.4.2 Categóricas

Nas variáveis categóricas, o sexo dos escolares e dos pais e responsáveis foi utilizado para a realização de frequências sobre a distribuição de gênero. A zona e o turno em que os escolares estudavam serviram de meios de comparação dos índices de violência e fracasso escolar. A renda familiar e a escolaridade dos pais e responsáveis foram avaliadas de maneira ordinal, a partir do questionário sociodemográfico, de modo que a situação da renda familiar possibilitou a posterior comparação desta com as demais variáveis analisadas. Por fim, o

fracasso escolar foi investigado de maneira objetiva, a partir do histórico de defasagem idade-série ou reprovações no ano de 2018.

4.5 Instrumentos de pesquisa

4.5.1 Questionário sociodemográfico

Este instrumento foi composto por perguntas de múltipla escolha sobre idade, sexo, escolaridade, renda familiar e número de pessoas por domicílio, priorizando a identificação dos dados sociodemográficos dos pais ou responsáveis (SOUSA et al., 2018).

4.5.2 Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI)

A escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI, 2003 – Anexo V), adaptada para o Brasil e validada em estudo piloto é composta por 30 afirmações em que o participante deve pontuar de 00 a 04, de acordo com a frequência que presenciou a situação citada. A SANI segue uma escala Likert de graduação na qual o 00 representa Nunca, 01 Poucas vezes, 02 Às vezes, 03 Muitas vezes e o 04 Quase sempre, para a afirmação a ser respondida, apresentando um escore total de 00 (mínimo) a 120 (máximo) pontos.

Além da pontuação para cada afirmação, a escala ainda conta com campos laterais para a indicação de quem foi vítima da agressão no item “Fez com quem?”: Fez com um adulto ou Fez com uma criança, sendo considerados qualquer adulto ou criança da família. A escala SANI não tem ainda normas editadas pela autora quanto ao ponto de corte ou escore, sendo definida que quanto mais alta a pontuação, maior é estimada a percepção de violência no ambiente familiar.

Durante a aplicação da escala SANI, as questões que provocaram dúvidas nas crianças foram: 02 - Jogar algo contra uma pessoa de propósito; 12 - Não dar dinheiro para as despesas de casa; 23 - Perseguir ou seguir uma pessoa para onde quer que esta pessoa vá. Ainda assim, todos os escolares conseguiram preencher a escala respondendo às afirmações sem mais questionamentos.

4.5.3 Roteiro Semiestruturado

As entrevistas foram direcionadas por roteiro semiestruturado, constituído por 07 questões norteadoras que objetivaram identificar o que os escolares participantes reconheciam sobre saúde, violência e desempenho escolar, além de identificar possíveis situações de violência vivenciadas no ambiente familiar e fatores associados ao fracasso escolar.

4.6 Coleta de dados

Inicialmente, foram coletados os dados gerais sobre a quantidade de escolas, alunos e turmas de 6º ano do ensino fundamental das escolas públicas da rede municipal de ensino de Chaval-CE em 2019. Posteriormente, foi elaborado o planejamento estratégico para execução da coleta de dados, a apresentação do projeto de pesquisa aos diretores e coordenadores das 03 escolas selecionadas e a construção da agenda de acordo com a disponibilidade de cada escola, a partir do calendário pedagógico.

Os dados quantitativos da pesquisa com os escolares foram coletados no período de janeiro a fevereiro de 2019, por meio da aplicação da escala SANI em sala de aula, com auxílio de uma assistente de pesquisa. Um pré-teste inicial foi realizado com o objetivo de avaliar a aplicabilidade e a aceitabilidade da escala SANI. Logo após atestada a validade do instrumento para o público em questão, realizou-se a verificação da pontuação dos 117 escolares visando a posterior seleção de 20% da amostra para as entrevistas semiestruturadas.

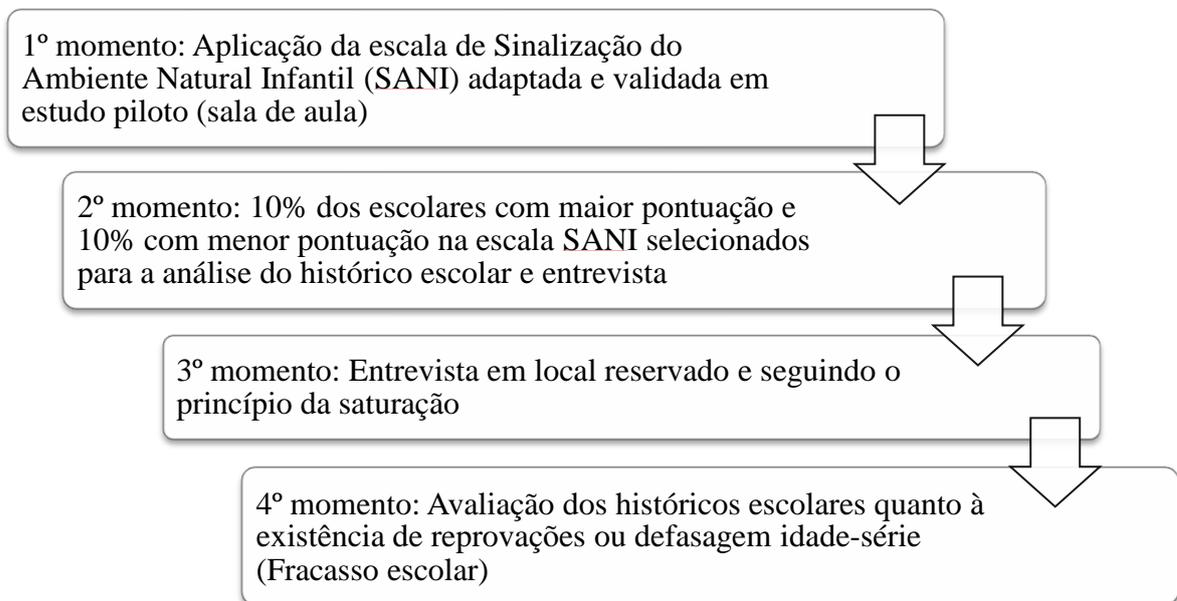
Devido à falta de normatizações da autora da escala quanto a pontos de corte, foram delimitados 10% dos escolares com maior pontuação na escala SANI, compreendendo, assim, os 12 escolares com maior percepção de violência familiar e 10% dos escolares com menor pontuação, que representam as 12 crianças e adolescentes com menor percepção de violência familiar.

Os dados qualitativos foram coletados em março de 2019 por meio de entrevistas direcionadas por roteiro semiestruturado (Apêndice A), seguindo o princípio da saturação, ou seja, foram encerradas no momento em que as informações começaram a se repetir, sem acrescentar esclarecimentos sobre a temática estudada. Este momento ocorreu em locais reservados, sendo estes: sala de aula vazia, laboratório de informática, secretaria ou biblioteca (MINAYO, 2017). As falas foram gravadas e transcritas para elucidar a percepção de violência familiar e fatores associados ao fracasso escolar por parte dos escolares. Diários de campo foram produzidos ao longo das etapas de coleta.

Em seguida, os escolares selecionados para a entrevista semiestruturada tiveram seus históricos avaliados quanto à existência de reprovações ou defasagem idade-série, para caracterização objetiva do fracasso escolar. As informações referentes aos históricos escolares foram obtidas na secretaria municipal de educação de Chaval-CE, por meio do acesso ao Sistema Integrado de Gestão Escolar (SIGE escola), investigando o fracasso escolar em 2018, ano letivo anterior à realização da pesquisa.

Os questionários sociodemográficos foram entregues aos responsáveis pelos escolares junto ao TCLE (Apêndice C), durante as reuniões realizadas nas escolas para entrega dos livros didáticos, e recolhidos após o preenchimento. Aos pais e responsáveis que não estiveram presentes na reunião escolar, foram enviados os TCLE e questionários sociodemográficos com uma breve carta explicativa anexada aos documentos. Estes deveriam ser assinados, preenchidos e então devolvidos à escola para posterior comparação entre os dados de renda familiar e existência de fracasso escolar nos históricos. Os momentos da coleta, conforme descritos no fluxograma 01, ocorreram de acordo com a disponibilidade no calendário pedagógico das escolas e em acordo com gestores, professores e o escolares participantes.

Fluxograma 01 - Descrição das etapas da coleta de dados com os escolares.



Fonte: A autora (2019).

4.7 Organização e análise dos dados

Os dados quantitativos foram analisados utilizando o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), no qual foram verificadas as frequências absolutas, a correlação entre as variáveis, utilizando o teste de Spearman, e a associação por meio do teste Exato de Fisher. A análise bivariada foi realizada utilizando o teste *t de student* para comparação entre as médias.

Por sua vez, os escolares selecionados para a entrevista semiestruturada receberam nomes fictícios para garantir o anonimato. As informações qualitativas passaram por análise do discurso de vertente francesa, utilizando a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que representa a expressão do pensamento coletivo para além da opinião estrita do pesquisador. A análise do discurso é utilizada em pesquisas para identificar sentidos e significados na linguagem do sujeito, que nem sempre são expressos de forma verbal (FIGUEIREDO; CHIARI; GOULART, 2013; SILVEIRA; GOMES; LIMA; VIEIRA, 2015). Desse modo, os discursos transcritos foram analisados de maneira exaustiva com o objetivo de identificar semelhanças entre aqueles que definissem um tema, o percurso semântico e as expressões-chave para cada bloco de transcrições.

4.8 Critérios de inclusão e exclusão

Participaram do estudo apenas os escolares do 6º ano de escolas públicas da rede municipal de ensino de Chaval-CE, que deveriam assinar previamente o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Apêndice B) e apresentar TCLE assinado por seu responsável. Na fase de entrevistas, participaram apenas os escolares que estavam dentro dos percentuais pré-estabelecidos.

Foram excluídos do estudo os escolares que se negaram a participar das fases da pesquisa a eles destinadas e que não apresentaram autorização dos pais e responsáveis por meio da assinatura do TCLE.

4.9 Aspectos éticos

Os participantes assinaram o TALE e seus responsáveis assinaram o TCLE, comprovando o consentimento para participar desta pesquisa. Dessa forma, o projeto obedeceu à resolução 466/12 e seguiu todos os preceitos éticos necessários ao desenvolvimento de tal pesquisa (BRASIL, 2013). A pesquisa ocorreu nas escolas dos

participantes, priorizando a comodidade dos escolares e a familiaridade com o local, de modo que diante de qualquer descompensação psicológica o participante seria encaminhado para o CRAS, que é o dispositivo capacitado para o atendimento na cidade.

Como benefícios, espera-se que os resultados desta dissertação sirvam de base para a reformulação nos modelos de avaliação do fracasso escolar que atualmente são apenas quantitativos. A identificação dos fatores associados à problemática estudada, a partir da fala de crianças e adolescentes, carrega em si a busca por entender o público infantojuvenil no papel de vítima, antes que se torne um possível agressor. Esse é outro ponto positivo no presente estudo, tendo em vista que tal reconhecimento permite a atuação precoce e possível reversão do ciclo de violência. A realização desta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal do Piauí, com o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 97365218.6.0000.5214 e sob o parecer 2.948.443.

5 RESULTADOS

5.1 Abordagem quantitativa

5.1.1 Caracterização dos escolares

A amostra foi composta por 117 escolares, sendo 52,1% do sexo masculino e 47,9% do sexo feminino, com média de idade de 10,9 anos; a idade mais frequente foi 11 anos (59,8%) e a menos frequente foi 15 anos (0,9%). 86,3% destes escolares eram matriculados na zona urbana e 53,8% estudavam no turno da manhã, conforme apresenta a tabela 01.

Tabela 01 – Caracterização dos escolares do 6º ano participantes da pesquisa. Chaval, CE, 2019.

Variável	N	%
Sexo		
Feminino	56	47,9
Masculino	61	52,1
Idade (em anos)		
10	21	17,9
11	72	61,5
12	17	14,5
13	06	5,1
15	01	0,9
Zona		
Urbana	101	86,3
Rural	16	13,7
Turno		
Matutino	63	53,8
Vespertino	54	46,2
Total	117	100,0

Fonte: A autora (2019).

O escore de pontuações na escala SANI entre os escolares avaliados variou entre 00 e 71 pontos, tendo média de 16,8 pontos de percepção de violência familiar. A maior frequência percentual foi da pontuação 00 (12,7%), representando os escolares que não presenciaram nenhuma das situações de violência familiar apresentadas na escala. Dentre os 15 escolares com total zero, 06 eram da única turma avaliada na zona rural, e entre as 12 maiores pontuações na escala SANI o escore variou entre 40 e 71 pontos, sendo todos os escolares

matriculados na zona urbana. No fluxograma 02, é possível identificar os atos de violência familiar com maior frequência de percepção para cada item da escala Likert.

Fluxograma 02 – Frequência da percepção dos atos de violência familiar pontuados na escala SANI. Chaval, CE, 2019.

Mais pontuou 04 (Quase sempre)	<ul style="list-style-type: none"> • 09 - Dizer coisas que envergonhem muito uma pessoa (6,8%). • 30 - Dizer coisas que assustem muito a pessoa (6,8%).
Mais pontuou 03 (Muitas vezes)	<ul style="list-style-type: none"> • 06 - Gritar muito e muito alto com alguém (8,5%).
Mais pontuou 02 (Às vezes)	<ul style="list-style-type: none"> • 01 - Insultar alguém ou chamá-la por nomes feios (19,7%). • 06 - Gritar muito e muito alto com alguém (19,7%).
Mais pontuou 01 (Poucas vezes)	<ul style="list-style-type: none"> • 01 - Insultar alguém ou chamá-la por nomes feios (34,2%). • 18 - Obrigar uma pessoa a trabalhar muito (34,2%).
Mais pontuou 00 (Nunca)	<ul style="list-style-type: none"> • 17 - Prender alguém para que não se mexa do lugar (90,6%).

Fonte: A autora (2019).

No item “fez com quem” da escala SANI, utilizado para identificação da vítima, observou-se média de 8,7 pontos para violência presenciada contra uma criança ou adolescente, maior que a média de 8,6 pontos para violência perpetrada contra um adulto.

5.1.2 Caracterização dos pais e responsáveis

Foram 106 pais/responsáveis que preencheram o questionário sociodemográfico, sendo que 78,3% eram do sexo feminino e 21,7% do sexo masculino. Quanto à cor da pele, 65,1% dos responsáveis se autodeclararam parda e a situação conjugal com maior percentual foi casado (a), com 39%. A quantidade de pessoas morando no domicílio variou entre 1 a 10, com uma média de 4,7 pessoas por residência. No entanto, para a questão sobre a idade, apenas 92 pais/responsáveis responderam adequadamente e a média de idade foi de 39,5 anos.

Ainda de acordo com o questionário sociodemográfico, no item sobre escolaridade, 22,7% afirmou ser alfabeto funcional; quanto às questões sobre renda familiar, 77,7% declarou não ter atividade remunerada, 62,8% afirmou ser do lar e 66,1% dos

pais/responsáveis afirmaram ter uma renda mensal total de até meio salário mínimo, conforme tabela 02.

Tabela 02 – Caracterização sociodemográfica dos pais/responsáveis. Chaval, CE, 2019.

Variável	N	%
Sexo		
Feminino	83	78,3
Masculino	23	21,7
Idade (em anos)		
20 a 30	13	14,1
31 a 40	48	52,2
41 a 50	19	20,7
51 a 60	12	13,0
Cor da pele		
Branca	20	18,9
Parda	69	65,1
Negra	15	14,2
Outra	02	1,8
Situação conjugal		
Solteira (o)	31	29,5
Casada (o)	42	39,0
Divorciada/separada (o)	03	2,9
Viúva (o)	04	3,8
União estável/junta (o)	26	24,8
Escolaridade		
Não alfabetizada	17	16,0
Alfabetizada funcional (< 4 anos de estudo)	24	22,7
Ensino fundamental incompleto ($4 \leq x \leq 7$ anos de estudo)	21	19,9
Ensino fundamental completo	12	11,3
Ensino médio incompleto	08	7,5
Ensino médio completo	19	17,9
Ensino superior incompleto	03	2,8
Ensino superior completo	02	1,9
Atividade remunerada		
Sim	25	22,3
Não	81	77,7
Ocupação		
Estudante	04	3,9
Do lar	66	62,8
Trabalhadora autônoma	22	19,6
Trabalhador/a com carteira assinada	03	2,9
Outra	11	10,8
Depende financeiramente de alguém		
Sim, parcialmente	50	47,1

Continuação da Tabela 02.

Sim, totalmente	15	14,2
Não	41	38,7
De quem depende financeiramente		
Companheiro	39	60,3
Seus Pais	17	25,4
Ex-companheiro	03	4,8
Outra (s) pessoa (s)	06	9,5
Quantidade de pessoas na casa		
Média de pessoas por domicílio	4,7	100,0
Renda familiar		
Até ½ salário mínimo (SM) (até R\$ 477,00)	70	66,1
Mais ½ até 1 SM (de 477,01 a R\$ 954,00)	32	30,2
Mais de 1 e até 2 SM (de 954,01 a R\$ 1,908,00)	03	2,8
Mais de 2 e até 3 SM (de 1.908,01 a 2.862,00)	01	0,9

Fonte: A autora (2019).

5.1.3 Dados referentes aos 20% dos escolares selecionados para a entrevista

Após a aplicação da escala SANI com os 117 escolares participantes, as pontuações foram avaliadas e 20% foram selecionados para a entrevista semiestruturada e a avaliação dos históricos escolares quanto à existência de fracasso escolar. Como o percentual de escolares com pontuação 00 ultrapassou 10%, foi realizado um sorteio para garantir a randomização dos dados e 12 escolares foram selecionados, de modo que 06 eram da zona urbana e 06 da zona rural.

A comparação das médias entre a idade e a pontuação na escala SANI revelou uma relação negativa, ou seja, quanto menor a idade, maior foi a percepção de violência familiar, sendo os maiores escores verificados nos escolares com 11 anos.

Mediante a análise bivariada de comparação das médias de percepção de violência familiar entre os sexos feminino e masculino, utilizando o teste *t de student* com $p \leq 0,05$, verificou-se que não houve diferença significativa. Da mesma forma, não houve diferença significativa entre as médias de percepção de violência familiar entre os turnos, renda familiar e quanto ao fracasso escolar. Em contraponto, houve diferença significativa ($p \leq 0,05$) nas médias de pontuação na escala SANI entre as zonas urbana e rural, conforme a tabela 03 a seguir:

Tabela 03 – Análise bivariada entre a percepção de violência familiar e as variáveis sociodemográficas para os 20% selecionados. Chaval, CE, 2019.

Variável	%	<i>P value</i>
Sexo		0,681
Feminino	41,7	
Masculino	58,3	
Zona		0,000
Urbana	75,0	
Rural	25,0	
Turno		0,708
Matutino	50,0	
Vespertino	50,0	
Renda familiar		0,353
Até ½ salário mínimo (SM) (até R\$ 477,00)	62,5	
Mais ½ até 1 SM (de 477,01 a R\$ 954,00)	29,2	
Não marcou	8,3	
Fracasso escolar		0,515
Sim	29,2	
Não	70,8	

Fonte: A autora (2019).

A análise de correlação entre a percepção de violência familiar e o fracasso escolar utilizando o teste de *Spearman* verificou que não há associação significativa entre as variáveis com $p > 0,05$ (0,553). Por sua vez, a análise da associação entre o fracasso escolar e a renda familiar foi verificada a partir do teste Exato de Fisher, que demonstrou não haver associação entre as variáveis com p de 0,682.

5.1.4 Dados referentes aos 10% dos escolares com maior pontuação

Ao avaliar separadamente os escolares que compõem os 10% com maior percepção de violência familiar, observou-se que 66,7% foram do sexo masculino e 33,3% do sexo feminino, sendo todos estes matriculados na zona urbana. A média de idade foi 10,4 e a percepção variou entre 40 e 71 pontos, apresentando uma média de 55,2 pontos na escala SANI. No item “fez com quem”, o escore de violência percebida contra um adulto variou entre 07 e 43 com média de 26 pontos e, no mesmo item, a violência percebida contra uma criança ou adolescente variou entre 20 e 41, com média de 32 pontos. Desse modo, é possível perceber que mesmo com uma pontuação máxima mais elevada para a violência percebida contra um adulto, a média da violência familiar infantojuvenil percebida é maior.

Dentro desse percentual com maior percepção de violência familiar, 58,3% estudavam no turno matutino e 58,3% tinham renda familiar de até meio salário mínimo, de acordo com o questionário sociodemográfico preenchido pelos pais/responsáveis. Quanto à avaliação dos históricos escolares por meio do SIGE-escola, 33,3% dos escolares com maior pontuação na escala SANI apresentaram fracasso escolar referente à defasagem idade-série, e não houve histórico de reprovação para estes escolares em 2018, conforme tabela 04.

Tabela 04 – Análise bivariada entre as médias de percepção de violência familiar e as variáveis sociodemográficas para os 10% com maior pontuação. Chaval, CE, 2019.

Variável	%	<i>P value</i>
Sexo		0,788
Feminino	33,3	
Masculino	66,7	
Turno		0.818
Matutino	58,3	
Vespertino	41,7	
Renda familiar		0,824
Até ½ salário mínimo (SM) (até R\$ 477,00)	58,3	
Mais ½ até 1 SM (de 477,01 a R\$ 954,00)	33,3	
Não marcou	8,3	
Fracasso escolar		0,879
Sim	33,3	
Não	66,7	

Fonte: A autora (2019).

A partir dos dados apresentados na tabela 04 é possível verificar que não há diferença significativa entre as médias das variáveis apresentadas e a percepção de violência familiar.

5.1.5 Dados referentes aos 10% dos escolares com menor pontuação

Com relação aos escolares referentes aos 10% com menor pontuação na escala SANI, a distribuição entre os sexos feminino e masculino e entre as zonas rural e urbana foi paritária, ou seja, 50% de cada. Todos os escolares apresentaram 00 como pontuação total na escala, representando, dessa forma, que não perceberam nenhuma violência familiar, a partir da avaliação das 30 afirmações que compõem o instrumento de pesquisa. A média de idade foi de 11,4, valor maior que o identificado nos 10% com maior percepção de violência, confirmando a relação de quanto menor a idade, maior foi a percepção de violência familiar.

Destes, 58,3% estavam matriculados no turno vespertino, 66,7% tinham renda familiar de até meio salário mínimo, de acordo com o questionário sociodemográfico, e 25% apresentaram histórico de fracasso escolar referente à defasagem idade-série, de modo que nenhum escolar teve histórico de reprovação em 2018 (vide tabela 06).

Tabela 05 – Caracterização dos escolares referentes aos 10% com menor pontuação. Chaval, CE, 2019.

Variável	N	%
Sexo		
Feminino	06	50,0
Masculino	06	50,0
Zona		
Urbana	06	50,0
Rural	06	50,0
Turno		
Matutino	05	41,7
Vespertino	07	58,3
Renda familiar		
Até ½ salário mínimo (SM) (até R\$ 477,00)	08	66,7
Mais ½ até 1 SM (de 477,01 a R\$ 954,00)	03	25,0
Não marcou	01	08,3
Fracasso escolar		
Sim	03	25,0
Não	09	75,0

Fonte: A autora (2019).

5.2 Abordagem qualitativa

Os dados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas foram utilizados junto às informações quantitativas para esclarecer os fatores associados à percepção de violência familiar e ao fracasso escolar identificado de maneira objetiva nos históricos escolares. Concomitantemente, a abordagem qualitativa permitiu também que aspectos sobre a concepção de violência familiar, experiências de vitimização e estratégias de autoproteção fossem explicitados pelos participantes.

5.2.1 Caracterização dos entrevistados

Todas as entrevistas tiveram as falas gravadas. Foram iniciadas com um momento de apresentação, na tentativa de estabelecer o vínculo inicial com o escolar, e posteriormente foram transcritas com a utilização do programa Microsoft Word 2010. Os nomes dos escolares foram substituídos por nomes fictícios, visando garantir o anonimato.

Quadro 01 – Caracterização dos escolares do 6º ano entrevistados. Chaval, CE, 2019.

Nome fictício	Idade (anos)	Sexo	Zona da escola	Presenciou violência familiar?	Tipo de violência familiar	Autor da agressão	Vítima da agressão
Nathan	13	Masculino	Urbana	Sim	Psicológica	Pai	Mãe
Bia	13	Feminino	Urbana	Sim	Física	Irmã do padrasto	Irmão e Bia
Denis	12	Masculino	Urbana	Sim	Psicológica	Pais	Pais
Carol	12	Feminino	Urbana	Sim	Psicológica e Física	Tio	Todos os familiares da casa
Paulo	11	Masculino	Urbana	Sim	Física	Irmã	Irmã
Vitória	11	Feminino	Urbana	Sim	Física	Mãe/Tio	Irmã/Tio
Amália	11	Feminino	Urbana	Sim	Psicológica	Irmãos	Irmãos
Marcos	11	Masculino	Rural	Sim	Abandono percebido	Mãe	O próprio escolar
Sofia	10	Feminino	Urbana	Sim	Psicológica	Pai	Tia
Luiz	15	Masculino	Rural	Não	-	-	-
Nina	12	Feminino	Urbana	Não	-	-	-
Luna	12	Feminino	Urbana	Não	-	-	-
Flávia	11	Feminino	Urbana	Não	-	-	-

Continuação do Quadro 01.

Lívia	11	Feminino	Rural	Não	-	-	-
Vitor	11	Masculino	Urbana	Não	-	-	-
Levi	11	Masculino	Urbana	Não	-	-	-
Lucas	11	Masculino	Urbana	Não	-	-	-
Alan	11	Masculino	Urbana	Não	-	-	-
Bruno	11	Masculino	Urbana	Não	-	-	-
Pedro	11	Masculino	Urbana	Não	-	-	-
Hugo	11	Masculino	Rural	Não	-	-	-
Renan	11	Masculino	Rural	Não	-	-	-
José	10	Masculino	Urbana	Não	-	-	-
Bella	10	Feminino	Rural	Não	-	-	-

Fonte: A autora (2019).

A maioria dos participantes mora com ambos os pais ou só com a mãe e, na ausência destes, os tios têm exercido o papel de responsáveis pelos escolares. Quanto ao que eles entendiam por saúde, não raro as respostas relacionaram a falta de saúde com doenças, agressões e o óbito deles mesmos ou de algum familiar. Quanto aos tipos de violência presenciada, a física e a psicológica foram as mais citadas pelos escolares, de acordo com o quadro 01, apresentando como agressores mais frequentes os pais e como vítima mais frequente a (o) irmã (o).

Paulo mora com seus pais e os quatro irmãos na zona urbana de Chaval. Ele relatou que gosta de brincar de bola com seus amigos; ao ser indagado sobre o que entende por saúde, ele permaneceu em silêncio e depois afirmou não saber, mas disse que algo que poderia interferir na sua saúde seria a morte de algum familiar.

Assim como Paulo, Denis também gosta de brincar de bola com seus amigos, mora com seus pais e os dois irmãos e acredita que ter saúde é poder brincar e se exercitar. Denis afirmou ainda que algo que poderia interferir na sua saúde seria alguma doença grave.

Vitória mora com a mãe e seus dois irmãos, relatou que seu pai faleceu quando ela tinha cerca de 07 anos de idade e costuma passar o dia na casa da avó, retornando a sua casa à noite. Vitória afirmou que gosta de ler, de ficar só, de sair, brincar e estudar, se considera um pouco “barulhenta e bagunceira” e acredita que saúde é tudo na vida.

Outra participante, Sofia, disse morar com seus três irmãos, a tia e o pai apesar deles estarem em conflito e o pai ter saído de casa. Sofia acredita que ter saúde é não mexer em “coisas estragadas ou com bactérias” e que adoecer pode interferir na sua saúde, assim como o hábito de fumar que sua tia tem pode interferir na saúde da família toda por conta da fumaça do cigarro.

Nathan tem diagnóstico de epilepsia e um laudo de “transtorno das habilidades escolares”, afirmou gostar de brincar de bola, andar de bicicleta, comer, assistir e dormir. Ao ser perguntado sobre o que entendia por saúde, disse apenas que acha bom ter saúde e não soube dizer o que poderia interferir na sua ou na saúde da sua família.

Carol mora com sua tia e um irmão, porque sua mãe está viajando e seu pai está em São Paulo a trabalho; quando não está na escola ela gosta de estudar, brincar e assistir. Carol entende que saúde é o modo de se viver podendo se fazer tudo o que se gosta; para ela, o que poderia atrapalhar a sua saúde e a da sua família seriam doenças e problemas.

Bia mora com sua mãe, o padrasto e três dos seus quatro irmãos, não conhece o seu pai e relatou que gosta de ler, escrever, desenhar e jogar bola com as irmãs. Para Bia, saúde é ter muita alegria, e algo que poderia diminuir esta saúde seria a ocorrência de doenças como gripe ou febre.

Outra escolar, a Amália, relatou que mora com sua mãe e seus três irmãos, gosta de brincar e estudar e acredita que saúde é ter um bem-estar com cuidado à vida para que não se tenha doenças graves. Amália relatou ser asmática e, por isso, afirmou cuidar da sua saúde com a ajuda da sua mãe, evitando poeira e a exposição prolongada ao sol. Ao ser questionada sobre algo que poderia interferir na saúde da sua família, Amália citou as doenças que sua avó tem e o medo de ela “ir agora”.

José mora com a mãe, o padrasto e o irmão e gosta de assistir desenho animado quando não está na escola. Ao ser perguntado sobre o que entende por saúde, José citou que é não ficar gripado e não ter necessidade de ir para o hospital porque não tem médico.

Vitor disse morar com a mãe e a irmã e gosta de jogar “bila” com os amigos, porém não respondeu a maioria das outras perguntas, permanecendo em silêncio por muito tempo. De forma mais objetiva o participante Levi afirmou que mora com seus pais e sua irmã. Relatou gostar de dormir e pesquisar coisas em seu *tablet* e acredita que saúde é estar de bem com a vida sem doenças para interferir, como a sinusite que o afeta com frequência.

Lucas mora com seus pais e com seu irmão, gosta de jogar bola e brincar quando não está na escola e ao ser questionado sobre o que seria saúde disse que é ficar bem, sem doenças. Lucas ainda afirmou gostar muito da sua saúde e que algo que poderia interferir seria adoecer e não ter cuidados médicos, podendo “até morrer”.

Alan mora com seus pais e um irmão e gosta de jogar bola com os amigos, acredita que saúde é ficar bem e cuidar do corpo, sem se machucar ou adoecer. Nesse sentido, Alan afirmou que confusões, brigas e doenças seriam fatores que poderiam interferir na sua saúde.

Nina mora com sua mãe e seus três irmãos, gosta de andar de bicicleta e disse que para ela saúde é não estar doente porque ao adoecer o indivíduo pode até morrer, perdendo assim a sua saúde. Já Flávia mora com seus pais e gosta de estudar, ao ser perguntada sobre o que seria saúde, disse que é ser saudável e não comer “besteiras”, entendendo besteiras como guloseimas: refrigerante, biscoito etc.

A participante Luna mora com a mãe e seus irmãos e entende que saúde é se alimentar bem; teve respostas curtas e rápidas. Por sua vez, Bruno afirmou que mora com a mãe e os dois irmãos e gosta de jogar bola, disse ainda que saúde é estar bem.

Pedro relatou que seus pais são separados e recentemente ele veio morar com seu pai, os dois irmãos e seus avós. Quando não está na escola, ele gosta de brincar na quadra próxima da sua casa. Para Pedro, saúde é estar bem. Ele citou que o mosquito da dengue pode interferir na sua saúde, assim como a morte de alguém pode prejudicar a saúde da sua família.

Marcos mora com seu irmão e seus tios, estes são seus pais de criação, ele gosta de jogar bola e assistir televisão e acredita que saúde é estar bem, sem doenças. Segundo Marcos, ele não pode sentir “abalo” porque isto pode ocasionar desmaios e/ou tonturas, interferindo assim na sua saúde.

Hugo mora com seus pais e seu irmão e gosta de jogar bola, depende de transporte diário para chegar à escola e disse que saúde é uma coisa boa porque as pessoas não ficam doentes. Renan mora com a mãe, a avó e dois irmãos, gosta de jogar bola e mexer no celular e também depende de transporte municipal diário para ir à escola e silenciou em muitas perguntas da entrevista, deixando de responder a maioria delas. Luiz mora com os pais, o

irmão e a cunhada e dois primos, gosta de ir brincar na casa do amigo quando não está na escola e acredita que “saúde é tudo”.

Lívia mora com seus pais e os dois irmãos, gosta de brincar de boneca quando não está na escola e disse que saúde é a pessoa “estar boa”. Quanto às demais questões, Lívia não soube responder algumas, permanecendo em silêncio. Bella mora com seus pais e os dois irmãos e gosta de brincar de boneca com a família e as amigas, para ir à escola ela e um dos seus irmãos dependem de transporte municipal diário. Bella acredita que saúde é muito importante para todos e que doenças podem interferir na saúde das pessoas.

As entrevistas com os escolares foram direcionadas por um roteiro semiestruturado que contava com sete questões norteadoras, estas instigaram os participantes a falar sobre o que entendiam por saúde e violência, se já haviam presenciado agressões em casa e se acreditavam que a violência familiar poderia afetar o desempenho escolar das vítimas.

5.2.2 Concepção de violência pelos escolares

Durante as entrevistas todos os participantes foram questionados sobre o que entendiam por saúde e violência e, mesmo aqueles que não souberam definir saúde, conseguiram dizer algo sobre atos violentos, sendo as agressões físicas as mais citadas, como nas expressões:

É um pai bater num filho ou os “columim” bater nos amigos (Lucas).

Violência é bater, espancar, é... Estas coisas que estão acontecendo contra as mulheres assim, tudo isto (Denis).

Violência é quando as pessoas, alguma pessoa bate na outra, faz abuso com outra pessoa e com as crianças e adolescentes (Flávia).

Ao analisar o conjunto de enunciados das crianças e adolescentes foi possível identificar o discurso sobre as lesões visíveis como uma unanimidade quando questionados sobre o que entendiam por violência. Esse conjunto de enunciados permite constatar o percurso semântico da agressão física e seus derivados, caracterizado pelos termos-chave: “alguma pessoa bate na outra”, “bater nos amigos”, “bater nas mulheres” e “bater em criança”. A análise destes trechos evidencia a definição de violência física que permeia o contexto social em que estes escolares estão inseridos e que não difere do que é verbalizado no cenário nacional. A violência física é a mais frequente entre as notificações devido a maior facilidade de identificação e isso se traduz também na fala da maioria dos entrevistados.

Outros trechos menos frequentes demonstraram que alguns escolares reconheciam a violência como múltipla, podendo envolver agressões de diferentes naturezas, ocorrendo de forma isolada ou simultânea. Nesse sentido, a violência física foi associada mais de uma vez à violência dita como “oral”, termo utilizado pelos participantes para designar a violência psicológica que prediz as expressões de menosprezo, aversão às diferenças ou mesmo o silêncio como forma de magoar outrem, como fica evidente no conjunto de enunciados a seguir:

“Tem a oral. É quando uma pessoa diz algo com a outra pessoa, falando” (Pedro).

Violência é quando uma pessoa é... Maltrata a outra pessoa, diz coisas que não pode com essa outra pessoa e faz uma violência com ela. Como bater, como é... enforcar, é... cortar o “coisa” dela... (Nina).

É o ato das pessoas de querer tá discriminando as pessoas, batendo nos outros por elas serem diferentes, por elas quererem uma coisa que não tem e acabar roubando, batendo nos outros (Carol).

A partir desses enunciados é possível identificar o percurso semântico das agressões verbais e psicológicas por meio dos termos-chave: “uma pessoa diz algo com a outra pessoa”, “maltrata a outra pessoa”, “diz coisas que não pode com essa outra pessoa”, “querer tá discriminando as pessoas”. No trecho da entrevista com Nina vê-se que a violência psicológica precede as agressões físicas, deixando evidente que a escolar acredita numa relação entre estes tipos de violência, sugerindo, inclusive, uma situação de interdependência entre elas. As tipologias de violência são didaticamente diferenciadas pela natureza das agressões e sinais e sintomas que causam nas vítimas, mas isso não significa que mais de um tipo de violência não possa coexistir numa relação entre agressor e vítima.

Já segundo a colocação de Carol, a violência física pode decorrer da aversão e da discriminação à diferença entre as pessoas. Ao correlacionar o que Carol verbalizou com o contexto em que ela vive, sendo criada pelos tios e a avó, e sabendo que seus pais saíram da cidade natal para trabalhar e sustentar a família, torna-se mais compreensível a gravidade que a escolar atribui ao relacionar a violência com “quererem algo que não se tem e acabar roubando”.

O terceiro percurso semântico sobre o *bullying* evidencia a similaridade no conjunto de enunciados dos escolares, com os termos-chave: “chamar alguma pessoa de tipo apelido”, “fazer uma coisa que a gente não queira”, “é atacar as pessoas”, como é constatado nas falas:

“Violência é chamar alguma pessoa de tipo apelido ou então maltratar, fazer uma coisa que a gente não queira... (Marcos)”.

“É atacar as pessoas, chamar as pessoas de apelido e só (Lívia)”.

Na análise do conjunto de enunciados desses escolares, verifica-se uma interseção entre a forma como eles foram criados. Somado a isto, os escolares referentes aos trechos supracitados tiveram pontuação zero na escala SANI, confirmando a ausência de situações de violência familiar em suas casas. Por sua vez, Marcos afirmou em outro momento que já foi vítima de *bullying* e, embora os outros não tenham feito a mesma afirmação, a vivência prévia facilita o reconhecimento desse tipo de violência e dos danos causados. Assim, torna-se compreensível a dificuldade de manejo e sensibilidade dessa situação, que tende a ser recorrente no ambiente escolar mesmo com a busca por maneiras efetivas de se combater estas agressões.

Alguns participantes ainda afirmaram ter ouvido informações no seu entorno acerca da violência, seja na televisão, na sala de aula ou em casa. O modo como estes dados permeiam a definição de violência apresentada permite inferir o quanto a educação pode ser uma forma potente de reverter situações de violência pelo conhecimento e identificação destas. Esta efetividade fica evidenciada no conjunto de enunciados de Amália e Vitória:

Como a tia tava dizendo na aula, que teve um namorado da mulher que deixou ela desfigurada, bateu nela e muito! Pois é, violência é muito ruim pra nossa vida (Amália).

Violência pra mim é tipo uma criança a cada 24 horas, uma criança ou adulto tia, ele sofre violência por qualquer coisa, a maioria das pessoas sofre violência. Tipo bater, puxar cabelo, tipo, acaba machucando (Vitória).

Durante sua fala, Amália parafraseia sua mãe ao falar de sua saúde e de seu problema respiratório logo que é indagada sobre sua saúde, mas também utiliza o recurso da paráfrase ao discorrer sobre a violência contra mulheres e um caso específico citado na sala de aula por sua professora. Quando Vitória cita informações como “a cada 24 horas uma criança ou adulto sofre violência” dá pistas de um discurso de outrem absorvido por se tratar de estatísticas divulgadas com certa frequência em jornais ou mesmo na escola.

Além das definições citadas, houve escolares que discorreram de uma forma mais individual sobre o que seria violência para eles e, em meio à tentativa de conceituar esse termo, incluíram histórias presenciadas para ilustrar o que diziam, como nos trechos ditos por Amália e Bia:

Violência pra mim... é a pessoa assim, tem uma pessoa lá na minha rua que a gente não pode brincar na nossa calçada, se a gente pegar uma bola pra nós brincar, ela já vem e começa a brigar. Teve um dia que ele pegou até a faca pra cortar a nossa bola (*Abre mais os olhos e se aproxima de mim*). Tem gente lá na nossa rua que é muito violento. E também teve uma briga muito feia lá na minha rua, desde este dia eu não gosto de ver estas coisas, eu fico tipo assim passando mal. Aí pra mim violência é uma coisa muito ruim, prejudica a nossa vida né? Até assim né? Tem muitas famílias que é separada por causa da violência (Amália).

Violência é as coisas ruins que acontecem com as pessoas. Se, quando uma criança tá na rua assim, sozinha sem os pais, tipo na praça brincando sem os pais tá de olho, aí vem um adulto né? Mal. Aí quer bater na criança, levar ela pra outro lugar. Aí a família vai procurar a criança e ela não tá mais no lugar onde a família deixou porque eles não tomaram cuidado com a criança (Bia).

A partir dos enunciados acima, é possível eleger o percurso semântico sobre os efeitos da violência na convivência social e familiar, apresentando como trechos-chave: “a gente não pode brincar na calçada”, “tem gente lá na nossa rua que é muito violento”, “tem muitas famílias que é separada por causa da violência” e “violência é as coisas ruins que acontecem com as pessoas”. Estes revelam alguns dos efeitos negativos da violência sobre a saúde e a vida dos escolares, ocasionando medo, mal-estar, separação interparental e fomentando o desenvolvimento de estratégias de proteção frente a algum risco iminente. Os escolares também reconheceram a família como responsável pelo cuidado e proteção das crianças contra situações de violência perpetrada por desconhecidos, o que caracteriza a violência social.

Na análise das respostas de Bia, percebe-se que ela utiliza de suas experiências para citar casos na terceira pessoa e só depois revelar que vivenciou a situação, como no caso de sua irmã deixada sozinha na praça. De forma semelhante, Amália utiliza de suas experiências de vitimização para tentar conceituar violência e já explicar como esta lhe afeta de modo particular, até mesmo limitando as brincadeiras na sua rua.

5.2.3 Experiências de vitimização e o sentir diante de agressões

Dentre as experiências de vitimização citadas, a própria casa e a rua em que os escolares moram foram os lugares mais frequentes quanto à ocorrência de violência, sendo pontuados exemplos de agressões entre crianças e adolescentes, de adultos contra crianças, interparentais, entre outros parentes adultos e entre vizinhos. Neste sentido foi investigado também o sentimento destas crianças e adolescentes diante do que presenciaram, na tentativa de compreender de que forma a violência os afeta e como eles percebem os efeitos das agressões às vítimas.

Assim, ao considerar a complexidade de se definir momentos pontuais de exposição à violência, quando este escolar já tem sido submetido a inúmeros episódios de agressões, torna-se possível identificar a validação da multifatorialidade da violência. Em falas como a de Maria, vários momentos de agressões foram citados para exemplificar o que ela já presenciou, além de dar indícios sobre como a violência familiar pode transformar as vítimas em possíveis agressores:

Eu acho que sim, quando a minha mãe bate na minha irmã ou quando as meninas brigam aqui na escola. Eu acho que sim quando meu tio bateu no meu outro tio. E eu já presenciei meu irmão brigando na rua (*Pausa*). É sei lá, aterrorizante, porque quando a gente vê/presencia um tipo de violência dá vontade da gente correr, fugir, sair de casa... estas coisas sabe? É muito triste tia. Tipo porque uma pessoa quando mora com a outra e é vítima de violência, quem vê isto pode praticar violência (Vitória).

Na minha casa mesmo. É por causa que o meu tio ele bebia, aí quando ele chegava em casa ele acabava bagunçando, aí a vó e a minha tia começava a brigar com ele. Aí ele pegava faca, saía correndo atrás das pessoas que tava dentro de casa, mas ele parou já. Me sentia... É... Espantada, preocupada... (Carol).

Vi na televisão! No jornal, assim, um câmara pegou o homem batendo na mulher. Hum, sensação de ódio assim... (**E na sua casa, você já viu alguma cena de violência?**) Já, que meu pai já assim, já brigou com a minha mãe assim. Vi, algumas vezes. Assim, me senti triste né? “Fazer” com que eles brigassem... (Denis).

A análise do conjunto de enunciados acima revela o discurso a partir do percurso semântico da violência familiar e seus efeitos. Os trechos-chave identificados foram: “quando minha mãe bate na minha irmã”, “meu tio ele bebia, quando ele chegava em casa ele acabava bagunçando”, “meu pai já assim, já brigou com a minha mãe”, “dá vontade da gente correr, fugir, sair de casa” e “é muito triste tia”.

A violência familiar percebida produz repercussões diversas na vida das vítimas ou testemunhas das agressões, como pode ser exemplificado pelos trechos descritos, que revelam a tristeza e a vontade de sair de casa como forma de libertação das situações presenciadas. O discurso de Maria permite reconhecer mais do que as situações de violência às quais ela foi exposta, mas existe também o receio do ciclo vítima-agressor ao explicar que quem é vitimizado pode praticar violência.

Além disto, a preocupação, os transtornos emocionais e até o colocar-se como motivo das brigas foi evidenciado na fala de Denis. No entanto, crianças como a Carol não demonstraram aversão ao agressor, no caso era seu tio, mesmo o reconhecendo como um indivíduo violento em situações anteriores e afirmando que isto a afetava emocionalmente.

Ao serem perguntados se já haviam presenciado alguma cena de violência na vida e em que local, as crianças que tinham visto atos violentos em casa evidenciaram em seus

discursos a heterogeneidade da constituição de famílias e núcleos familiares na atualidade. Deste modo, a violência familiar que antes era descrita primordialmente entre pais e filhos conta com outros atores como tios, avós e outros indivíduos que partilham a mesma casa sem parentesco ou consanguinidade, como nos exemplos mencionados por Bia:

Violência já, com a minha irmã, a pequeninha. Olha, é porque ela ia pra casa da amiga dela todo dia que meu tio, que é meu padrasto, ia deixar ela na casa desta menina pra ele brincar mais ela, uma meninazinha do tamanho dela, pequena também. Ela morava lá na rua do bosque. Aí ela ia pra lá todo dia, aí um dia ela levou a Laís um dia pra praça e brigou com ela aí ela deixou a menina sozinha lá, chorando. Aí quando meu tio foi buscar ela, ela tava chorando lá na praça sozinha. E a mãe dela (da outra menina) não falou nada. Eu não gostei do que a mulher fez com ela não né? Porque é maltratar ela né? Ficar maltrando a criança, deixando ela sozinha na praça, porque vai que um adulto leva ela de lá e quando ele fosse buscar ela e ela não tivesse mais lá? A mulher podia até ser presa né? Porque ela não teve cuidado com ela. Se meu tio leva ela pra brincar com a menina, ela tem que ter cuidado com ela né? (Bia).

(E na sua casa, você já presenciou algum tipo de violência?) Já. É porque ó... é porque lá em casa tem uma mulher, ela não bate muito bem da cabeça, é porque ela normal assim como a gente, mas ela fala sozinha, teve um dia que ela bateu até no meu irmão. Ela mora com a gente. Ela é “doidinha” (*Risos*). E dizem que a gente não pode duvidar nada de doido né? Ela não é boa do juízo. Ela fica em casa porque ela é irmã do meu tio, padrasto, é que eu chamo ele de tio. Aí ela mora lá mais ela, aí quando minha mãe e ele sai né? Porque minha estuda aqui, de noite, aí uma vez quando meu irmão tava lá né? Ela falou sozinha, aí ele começou a falar alto e ela acabou correndo atrás dele, aí ela bateu nele. Ela bateu muito nele (Bia).

Diante do exposto é evidenciado o percurso semântico da negligência e dos maus-tratos contra crianças e adolescentes a partir dos termos-chave: “ficar maltratando a crianças, deixando ela sozinha”, “é porque lá em casa tem uma mulher, ela não bate bem da cabeça” e “aí ela bateu nele (no irmão da escolar). Bateu muito nele”. Verifica-se que o efeito da violência para quem presencia independente da testemunha estar ou não no papel de vítima das agressões, o que denota a relevância de avaliar o sentir em casos de violência, pois é a partir do sentimento demonstrado que se pode identificar a empatia, a possível motivação para que se torne um futuro agressor e até a existência de estratégias que denotam resiliência e autoproteção.

Essas estratégias são uns dos pontos-chave para a elaboração de propostas efetivas de enfrentamento à violência, na promoção de impactos deletérios quando ocorre em qualquer ambiente, seja familiar, na escola, na rua em que se mora ou em qualquer outro. Como demonstrado nos discursos de Marcos e Amália, ao serem indagados como se sentiam diante das agressões presenciadas:

Acho, só as vezes, me chamam de coisas que eu não gosto. Na escola, às vezes. Eu me sinto muito triste por causa que os meus amigos né? Falando isso comigo, assim, que eu tenho convívio com eles na escola, que eu gosto muito deles, falando isso... eu fico muito triste. Quando isso acontece eu começo a chorar, fico pensando que eu não quero ir mais pra escola... Não quero mais ir pra escola. Fico pensando quando, se vai acontecer de novo (*Olhos marejados*) (Marcos).

Me senti assim, me senti assim, vendo aquilo ali pra mim foi ruim. Ele... e a fala que ele falou... A mãe, a minha mãe não deixou ele bater, mas como ele, o homem lá, é violento, a mãe falou assim: “*não faça isso não, não faça isso*”. Só que ele fez. Aí ele falou deste jeito assim: “*Eu só não te mato porque tem gente olhando!*” Ele falou desse jeito, foi ruim nesse dia que eu vi. E teve outra briga também que, tem um homem lá na nossa rua que às vezes eu tenho até medo dele, é um... Ele é muito violento. Só que agora ele é um homem legal, só que quando ele tá bêbado assim... Droga né? Ele não chega perto dele, nem nada, nem falam com ele, eu só falo com ele assim por longe, mas eu tenho medo, muito medo dele (Amália). **(E na sua casa, na sua casa você já viu alguma cena de violência?)** (*Pausa*) Não. Só briga assim, mas por boca, não é mais assim, violência de bater mesmo não. Briga assim é só de irmão mesmo que nós briga muito, só isto mesmo (Amália).

A partir da análise dos trechos, fica evidente um discurso que constata o percurso semântico da violência psicológica a partir das ideias-chave: “me chamam de coisas que eu não gosto”, “quando isso acontece eu começo a chorar” e “eu só falo com ele (*vizinho*) assim por longe, mas eu tenho medo, muito medo”. É possível identificar o desconforto, a tristeza e a sensação de medo aos quais os escolares são expostos ao presenciar situações de violência. No discurso de Amália surgem trechos de intertexto, quando ela cita a passagem da briga em sua rua com diálogo entre o agressor e sua mãe, estes foram utilizados para assemelhar a fala da escolar ao ocorrido.

Marcos, por sua vez, cita o *bullying* como um tipo de violência, além dos efeitos psicológicos, e legitima seu discurso quando afirma que ele mesmo já foi vítima de apelidos e piadas na escola, demonstrando os danos que estas agressões podem causar como o distanciamento do ambiente escolar. Esses e outros aspectos subjetivos são melhores apreendidos com a utilização de métodos qualitativos em pesquisa que permitem verificar a discursivização dos afetos, como nos casos de abandono afetivo que, de forma diferente, são contemplados em instrumentos quantitativos.

5.2.4 Abandono afetivo: A ausência dá lugar ao vazio

Dentre os tipos de violência familiar infantojuvenil, mencionados pela literatura, a negligência e o abandono apresentam os menores percentuais de notificação pelos mais diversos motivos. Contudo, em meio aos vinte e quatro escolares entrevistados, dois deles citaram situações de abandono percebido; a motivação para determinada situação não foi

elucidada, mas, em ambos os casos, a ausência da mãe biológica deu lugar ao vazio que não foi preenchido, como pode ser exemplificado no trecho da fala de Marcos:

Eu moro com meu pai e minha mãe, só que eu não moro com os meus pais verdadeiros. Aí eu moro com minha mãe, com meu pai e com meu irmão. Eu moro com os meus tios que, por causa que minha mãe não queria me criar aí ela ia me dá pra outra pessoa, só que meu avô não deixou eu dá, aí me deu pros meus tios, só que eu chamo eles de pais desde pequeno. Com três dias de nascido a minha mãe me pegou e eu chamo ela de mãe, aí foi assim. Eu me sinto muito “convocado” por causa que eu queria morar com a minha mãe verdadeira nera (*Olhos marejados*)? Com meu pai também, só que meu pai faleceu há um ano atrás. Eu me sinto muito desprezado por causa que tipo assim, eu sei que eu tenho um amor dos meus pais que não são os meus pais verdadeiros então eu queria ter mesmo o meu amor dos meus pais verdadeiros por causa que né? Foi ela que me teve (Marcos).

Como percurso semântico, o abandono afetivo percebido é descrito na fala do escolar por meio dos termos-chave: “só que eu não moro com os meus pais verdadeiros”, “por causa que minha mãe não queria me criar”, “eu queria morar com a minha mãe verdadeira” e “eu me sinto muito desprezado”. A partir desse conjunto de enunciados é possível analisar que os efeitos do abandono afetivo ultrapassam as questões de ausência física, representando também um vazio quanto à construção sentimental.

Mesmo sendo acolhido por seus tios que, segundo ele, o criam e o amam, Marcos de 11 anos explica que se sente desprezado por não ter o amor de seus “pais verdadeiros”, relata ainda que seu pai biológico faleceu e que tinha vontade de morar com a sua mãe biológica, expressando, assim, esse vazio simbólico que perdura. O discurso não-verbal de Marcos revela como o abandono afetivo ainda lhe afeta, bem como as lágrimas nos olhos e a aproximação da entrevistadora durante sua fala demonstraram a sua necessidade de verbalizar sua história e sentimentos implícitos.

Nesse sentido, a fala de Sofia vai de encontro ao que Marcos expressa sobre a ausência da mãe biológica, porém Sofia exprime emoções de maneira menos verbal afirmando apenas que não gosta de falar muito sobre a sua mãe:

Meu nome é Sofia, eu gosto muito de brincar um pouquinho e um pouquinho de ler. O nome da minha mãe é Maria, do meu pai é João. Eu não gosto muito de falar sobre a minha mãe porque ela é lésbica e... a minha mãe, ela trabalha de costureira e eu moro com a minha tia, não moro com a minha mãe, a minha mãe mora lá em Fortaleza (Sofia).

Durante seu dizer, Sofia não desviou o olhar da entrevistadora, permaneceu com as mãos e os pés cruzados, principalmente ao dizer que não mora com sua mãe biológica. Sofia evidencia o desconforto com esta situação pela variação no tom de voz e nos olhos cheios de

lágrima enquanto falava. Na análise do intratexto durante toda a entrevista semiestruturada é possível identificar que Sofia revela situações de violência em que sua mãe biológica foi a agressora e, ainda, que não gosta de falar dela por ser lésbica e morar distante. Essa distância é citada várias vezes e a repetição representa uma reafirmação da ausência e dá indícios da significação que a escolar atribui ao abandono afetivo. Logo em seguida, todos os escolares entrevistados foram questionados sobre suas opiniões acerca da possível relação entre violência familiar e fracasso escolar.

5.2.5 A violência familiar e o desempenho escolar

Para identificar se existe relação entre a violência familiar percebida e o desempenho escolar, os participantes foram questionados se as agressões vivenciadas por eles poderiam de alguma forma interferir no comportamento e na aprendizagem de quem é vítima. Diante dessa indagação, Denis descreve como a violência vivenciada dentro de casa afeta no seu rendimento escolar:

Por causa que teve um dia que eu não vim porque ele (*pai*) tava só me chamando com a minha vó, aí não deu certo eu vir pra escola. **(Você acha que isto também interfere na sua nota, no seu rendimento, no jeito que você estuda?)** Sim, por causa que ele fala comigo assim, aí eu fico pensando. Não consigo fazer a atividade, nem nada. Me sinto triste! (Denis).

Na sua fala sobre a conceituação de violência, Denis citou as agressões contra as mulheres, demonstrando a apropriação do discurso de outrem, com pistas de que o participante ouviu ou viu algo acerca do assunto em outro lugar. Isso se confirma quando ele cita que viu na TV cenas de um homem batendo em uma mulher e nas cenas presenciadas dentro de casa, onde seu pai brigava com sua mãe. Nesse contexto, é possível identificar o medo diante da autoridade da figura masculina e paterna frente às experiências que o entrevistado já teve, o que evidencia o modo como essa repressão interfere nas atividades escolares.

Assim, o percurso semântico identificado é o da violência familiar e seus efeitos no desempenho escolar, com as expressões-chave: “aí não deu certo eu vir pra escola” e “não consigo fazer a atividade, nem nada”. Esse conjunto de enunciados esclarece os danos diretos provocados pela violência familiar vivenciada e os danos indiretos que reverberam na rotina e nos resultados no ambiente escolar, confirmados também no trecho “por causa que ele fala comigo assim, aí eu fico pensando”.

Até mesmo os escolares que afirmaram não ter presenciado cenas de violência em casa opinaram sobre como os atos violentos podem incidir sobre a forma como as crianças e adolescentes são na escola, de modo que a maioria concordou que há mudança comportamental e até diminuição do rendimento escolar, como fica evidente no conjunto de enunciados:

São diferentes na escola. Não consegue se comportar mais e ficam brigando na sala de aula (Paulo).

Ficam muito tristes e só. Muda. Ficam baixas das notas que elas ganhavam (Alan).

Elas não falam muito com as pessoas, elas sentem medo das pessoas, também (Nina).

Ainda no percurso semântico da violência familiar e seus efeitos no desempenho escolar, outros termos-chave podem ser analisados nos fragmentos supracitados: “não consegue se comportar mais”, “ficam brigando na sala de aula”, “ficam baixas das notas”, “elas não falam muito com as pessoas”. Desse modo, as alterações de comportamento que variam entre brigas e introspecção na sala de aula foram as mais citadas; ressalta-se que não é preciso que o escolar tenha sido vítima direta de alguma situação de violência para reconhecer os danos que esta pode causar. Isso é explicado pela análise dos discursos que expressam pontos de similaridade e convergência, o que denota a reprodução de discursos semelhantes que foram assimilados sobre o assunto.

Em trechos das entrevistas de outros participantes acerca do mesmo questionamento, é possível reconhecer o valor atribuído à educação que se recebe em casa e como a violência familiar pode ser um fator indutor de agressões em outros espaços. Sendo assim, por meio das falas a seguir, resgata-se a compreensão de que a vítima pode se tornar agressor em algum momento da vida num movimento de perpetuação do que se vivenciou:

Como uma vez, lá na minha escola onde eu estudava, o meu amigo Jonas, ele queria botar fogo na escola. Porque a família dele batia muito nele, bebia... (Lucas);

Pra mim, eu acho que são diferentes. O jeito, porque se elas apanham em casa elas tem medo de apanhar no lugar e acabam se danando, bagunçando, fazendo coisa errada... (Carol).

Sim, porque, tipo, a educação que a gente tem em casa, a gente tem na rua, na escola e em qualquer outro lugar e eu acho que sim porque se eu tiver uma mal educação, uma mal influência em casa, na escola eu vou ter esta mal influência e esta/este mal comportamento também (Vitória).

Dentre os efeitos da violência familiar, o conjunto de enunciados permitiu evidenciar o discurso a partir do percurso semântico sobre a reverberação das agressões vivenciadas e apresentou como ideias-chave: “a educação que a gente tem em casa, a gente tem na rua, na escola e em qualquer outro lugar”, “ele queria botar fogo na escola. Porque a família dele batia muito nele, bebia” e “se elas apanham em casa elas tem medo de apanhar no lugar”. A preocupação e a empatia com o outro, além do reconhecimento de efeitos da violência vivenciada, são aspectos facilmente identificados nos enunciados supracitados.

Frente às possíveis consequências das agressões sofridas, destaca-se: a reprodução dos atos violentos, o medo de outras pessoas, a alteração no comportamento e, ainda, o silêncio produzido por ameaças. Estas são situações que denotam que a violência não produz apenas efeitos físicos, e demonstram a relevância da atenção às mudanças mais simples que o escolar possa apresentar. Somado a isso, evidencia-se que o vínculo entre os escolares é um fator de extrema importância nesse processo de identificação de vítimas, uma vez que algumas das situações de violência vivenciada foram confidenciais aos colegas, devido à amizade e à proximidade construídas, o que revela uma das dificuldades enfrentadas por docentes e outros profissionais nesse reconhecimento.

5.2.6 Estratégias de enfrentamento e proteção contra a violência familiar

Diante do exposto e ao questionar os escolares sobre o que os motivava a continuar estudando, frequentando a escola e buscando resultados satisfatórios, foi observado que, assim como existem diversas formas de violência, também há várias estratégias próprias de enfrentamento dessas situações, bem como fatores externos que podem fomentar o sentimento de autoproteção e permanência na escola:

Porque eu não penso nas violência que vivi em casa, eu penso em mim e no meu futuro (Carol).

É, na escola, eu acho tipo... A doida da mulher que mora lá em casa, ela também já me bateu né? É porque eu não falava nada com ela. Aí, como ela fala sozinha, umas palavras e um bocado de besteira. Aí eu aprendi na escola, nas atividades de religião que quando tem uma pessoa que não bate bem da cabeça a gente não pode fazer nada, porque quando a gente intima muito com a pessoa ela não gosta, ela fica falando, intima comigo, balança a cabeça e acaba batendo na gente. Aí eu acho que isso muda, pra mim né? Eu acho (Bia).

Os enunciados: “Não penso nas violência que vivi em casa, eu penso em mim e no meu futuro” e “Aí eu aprendi na escola, nas atividades de religião que quando tem uma pessoa

que não bate bem da cabeça a gente não pode fazer nada” configuram o percurso semântico das estratégias de enfrentamento e autoproteção.

Durante a entrevista, Carol afirmou que, apesar das cenas de violência familiar vivenciada, é possível pensar em si e desenvolver autoproteção. Outro fator de proteção citado foi a disciplina de religião ministrada na sala de aula, que surgiu em meio a fala de Bia como uma forma de evitar novos episódios de violência familiar:

O tempo e o gosto por estudar também foram citados e são elementos relevantes na superação dos traumas causados pela violência familiar vivenciada ou *bullying* na tentativa de evitar que estes atrapalhem na rotina e no rendimento escolar, como afirmaram Denis e Marcos em suas entrevistas:

Consigo estudar assim. Depois eu me esqueço disto (*situações de violência familiar*), aí eu volto a fazer as coisas que eu fazia (Denis).

É quando minha mãe vem aqui e conversa e eu falo com ela, aí minha mãe diz: “Tu tem que ir pra escola, tu não pode ficar sem ir pra escola”. Aí eu volto pra escola. Por minha vontade mesmo por causa que eu não gosto de ficar em casa, eu gosto muito de estudar (Marcos).

Ao ser indagado sobre o que lhe motivava a continuar estudando, Marcos pontuou que o apoio e a insistência da mãe, somados à vontade de estudar, o estimularam a voltar para a escola. Esse trecho expressa a relevância do apoio familiar na construção da afinidade com o ambiente escolar e com o desempenho satisfatório frente ao processo de ensino-aprendizagem.

5.3 Comparação entre os dados quantitativos e qualitativos

Considerando-se os percentuais referentes aos escolares com maiores pontuações na escala SANI, observa-se que 66,7% foram do sexo masculino e a média de idade foi de 10,4 anos. No entanto, as entrevistas semiestruturadas contrariaram esses dados, visto que, entre os escolares que relataram ter presenciado violência familiar, 55,6% eram do sexo feminino com a média de idade de 11,6 anos.

Quanto à zona em que os escolares estudavam, a análise descritiva das maiores pontuações demonstrou que 100% eram matriculados na zona urbana e, a partir das entrevistas, esse percentual foi de 88,9%. Com relação ao turno, 58,3% estudava no turno matutino, de acordo com a escala SANI e nas entrevistas o percentual foi de 87,8% do turno

matutino. No quadro 01 pode-se verificar melhor a comparação entre as pontuações e o relato qualitativo acerca da violência familiar presenciada.

Quadro 02 – Comparação entre a percepção de violência familiar a partir da escala SANI e das entrevistas semiestruturadas. Chaval, CE, 2019.

Nome fictício	Idade (anos)	Sexo	Pontuação na escala SANI	Presenciou violência familiar?	Tipo de violência familiar
Nathan	13	Masculino	70	Sim	Psicológica
Bia	13	Feminino	64	Sim	Física
Denis	12	Masculino	40	Sim	Psicológica
Carol	12	Feminino	63	Sim	Psicológica e Física
Paulo	11	Masculino	57	Sim	Física
Vitória	11	Feminino	41	Sim	Física
Amália	11	Feminino	00	Sim	Psicológica
Marcos	11	Masculino	00	Sim	Abandono percebido
Sofia	10	Feminino	47	Sim	Psicológica
Luiz	15	Masculino	00	Não	-
Nina	12	Feminino	00	Não	-
Luna	12	Feminino	00	Não	-
Flávia	11	Feminino	00	Não	-
Lívia	11	Feminino	00	Não	-
Vitor	11	Masculino	47	Não	-
Levi	11	Masculino	68	Não	-
Lucas	11	Masculino	71	Não	-
Alan	11	Masculino	46	Não	-
Bruno	11	Masculino	00	Não	-
Pedro	11	Masculino	00	Não	-
Hugo	11	Masculino	00	Não	-
Renan	11	Masculino	00	Não	-
José	10	Masculino	50	Não	-
Bella	10	Feminino	00	Não	-

Fonte: A autora (2019).

A partir da análise do quadro 02 é possível identificar que dentre os 12 escolares com maior pontuação na escala SANI, 07 evidenciaram nas entrevistas a violência familiar presenciada. Contudo, também houve 02 escolares que pontuaram zero na escala SANI, mas relataram durante a entrevista semiestruturada ter presenciado violência familiar psicológica ou abandono percebido.

Na comparação dos dados quantitativos com os relatos das entrevistas realizadas com os participantes podem-se verificar outros fatores associados à convergência ou à divergência das informações coletadas nas diferentes etapas desse estudo. Como no caso de José, que afirmou nunca ter visto cenas de violência em casa, mesmo sendo uma das 12 crianças que mais pontuaram na escala SANI.

Ainda entre os escolares com maior pontuação no instrumento quantitativo, Levi, Vitor, Lucas e Alan disseram não ter presenciado nenhuma cena de violência familiar. Alguns citaram que as situações de violência que ocorreram na rua deles foram as mais próximas das quais já foram testemunhas. No entanto, é relevante ressaltar que alguns desses escolares, como Lucas, estão entre as maiores pontuações na escala SANI de modo geral, e foi perceptível em quase todos: o nervosismo, incômodo diante de alguns questionamentos, o desvio no olhar e até o silenciamento durante parte da entrevista.

Contudo, informações adquiridas a partir das entrevistas com alguns escolares que estão entre o maior percentual de pontuações na escala SANI serviram para confirmar o escore total obtido na etapa quantitativa; como no ocorrido com Paulo, que relatou que a única violência que presenciou dentro de sua casa foram as brigas entre as irmãs; ele fez várias pausas e deixou de responder algumas perguntas da entrevista. Por sua vez, Denis teve respostas rápidas e sempre questionava se havia entendido a pergunta antes de respondê-la, relatou ter presenciado violência interparental e ainda descreveu como isto afeta seus estudos e rendimento escolar.

Vitória afirmou ter visto seus tios brigando entre eles dentro de sua casa e seu irmão já havia brigado na rua; Do mesmo modo, Nathan confirmou sua alta pontuação na escala SANI ao relatar que já presenciou brigas na sua família com agressões físicas e ao fim da entrevista ele negou ter sido testemunha de violência familiar. Esse fato ressalta a percepção sensível de crianças e adolescentes acerca da violência sofrida ou presenciada, mesmo que estes não tenham um nome específico para esse fenômeno que seria a violência familiar.

As escolares, Sofia, Carol e Bia também afirmaram já ter presenciado violência familiar, citando cenas dos episódios de agressões ocorridos em suas casas. Em contraponto, Amália foi uma das escolares que pontuou zero na escala, mas durante a entrevista afirmou ter

presenciado cenas de violência na sua rua e em casa, sendo na maioria das vezes proferida verbalmente entre os familiares. Assim como Marcos, que também pontuou zero, mas durante a entrevista discorreu sobre a situação de abandono que sofreu ao nascer pela mãe biológica.

Todos os demais escolares pontuaram zero e afirmaram não ter presenciado nenhuma cena de violência familiar, de modo que a maioria deles tinha um conceito formulado do que seria violência, citando até exemplos de agressões que afirmaram ter visto na televisão ou em outros espaços como a rua em que residiam.

6 DISCUSSÃO

Os resultados desta dissertação demonstraram que a média geral de violência percebida contra crianças e adolescentes foi maior do que a média de agressões presenciadas contra adultos. Outro estudo realizado com adolescentes revelou por meio da história oral que todos os participantes presenciavam frequentemente violência interparental e, ainda assim, não se reconheciam como vítimas. Esse fato difere-se parcialmente dos resultados desta pesquisa e pode ser explicado pela dificuldade em conceituar de maneira específica a violência familiar e identificar seus efeitos negativos, ainda que o adolescente seja apenas testemunha dos atos violentos (MAGALHÃES et al., 2017).

As questões que mais pontuaram “Quase sempre” e “Muitas vezes” na escala SANI, foram relacionadas à violência psicológica que utiliza as agressões verbais para envergonhar, assustar e coagir a vítima. Em contraponto, a maioria dos estudos desenvolvidos acerca desse tema tem revelado a violência psicológica como um dos menores percentuais entre as agressões notificadas ou descritas na literatura, de modo que esse tipo de violência é mais citado como efeito de atos violentos de natureza física ou sexual, e não como causa de sintomas e prejuízos à saúde das vítimas (COSTA et al., 2015; NUNES; SALES, 2016).

Diante do exposto, torna-se compreensível o desenvolvimento de pesquisas que avaliam sob a ótica das vítimas a sua percepção e os sintomas decorrentes de situações violentas às quais foram expostas. A partir da análise das pontuações na escala SANI dos 20% dos escolares triados para a etapa qualitativa, identificou-se uma relação inversamente proporcional entre a idade e a percepção de violência familiar, o que demonstra que quanto menor a idade, maior foi a percepção de agressões. Autores que avaliaram a violência contra crianças no cenário brasileiro reafirmam a maior propensão à vitimização de crianças menores devido à fragilidade corporal, dificuldade de desenvolver estratégias de autoproteção e à dependência quase total para as atividades básicas do dia a dia (NUNES; SALES, 2016).

Como resultado da análise bivariada realizada com os dados dos 20% selecionados, utilizando teste *t de student*, foi verificada uma diferença significativa entre as médias de percepção de violência familiar e zona em que os escolares estudavam. Apresentaram maiores pontuações os participantes da zona urbana. Um dos possíveis motivos para esse resultado é o aumento da violência, criminalidade e disputa entre gangues e grupos opostos em meio ao ambiente urbano. Contudo, os estudos que abordam aspectos e estatísticas sobre a violência no meio rural ainda são mais prevalentes e explicam que na zona rural existem fatores

específicos que dificultam o distanciamento entre vítima e agressor, além de dificultar a denúncia e resolução dos casos (COSTA; NARVAZ; CAMARGO, 2018).

Após a análise dos dados dessa pesquisa, não houve associação estatisticamente significativa entre a percepção de violência familiar e o fracasso escolar, ainda que um terço dos escolares com maior pontuação na escala SANI tenha apresentado histórico de defasagem idade-série em 2018. Esse resultado corrobora parcialmente com os encontrados em outra pesquisa que evidenciou a associação não significativa entre reprovação e violência psicológica (SANTOS et al., 2018).

Algumas estratégias de proteção e resiliência foram reconhecidas em meio aos discursos, confirmando que mesmo crianças pequenas podem ser estimuladas a fortalecer e criar formas de autoproteção diante de atos violentos. Dessa forma, além dos sentimentos próprios, o estímulo da mãe e temas abordados na disciplina de religião foram citados como estimuladores ao retorno à escola após os participantes terem sido expostos a agressões familiares. O termo resiliência prediz a capacidade do indivíduo de manter a saúde emocional apesar de serem submetidos a experiências traumáticas, como os casos de violência familiar. Desse modo, a resiliência é de extrema importância para a recuperação de traumas e para o enfrentamento dos efeitos das agressões sofridas e pode ser estimulada por fatores externos, como o cuidado familiar e o acolhimento escolar (SANTOS et al., 2018; RIBEIRO et al., 2018).

Outro fator que pode contribuir para a elucidação dos baixos índices de fracasso escolar na cidade de Chaval-CE, está relacionado às políticas estaduais de incentivo à educação e à melhoria nas médias municipais do IDEB. A nível escolar, foram citadas estratégias bimestrais de revisão de nota e incentivo à melhoria do desempenho escolar, além de reuniões com os pais e responsáveis para fortalecer o acompanhamento aos escolares. Quanto à violência familiar, existem atividades individuais de cada escola para aproximar a família e os escolares e favorecer o diálogo na tentativa de sensibilizar os participantes e diminuir os atos de agressão. Somado a isso, os casos de violência identificados recebem a atenção do conselho tutelar e da assistência social, fato que pode explicar a falta de associação significativa entre violência familiar e fracasso escolar no município.

Com relação ao sexo das vítimas, esta dissertação encontrou maior percentual de escolares do sexo masculino entre as maiores pontuações na escala SANI, porém, nas entrevistas, as meninas foram as que mais relataram ter presenciado violência. Esse resultado contradiz a maioria das pesquisas na área, que revelam que as meninas são vítimas mais frequentes de violência familiar de todas as tipologias, tanto em pesquisas quantitativas

quanto em qualitativas (MALTA et al., 2019). Contudo, já existem na literatura estudos que abordam o silêncio que rodeia os casos de violência contra meninos e, conseqüentemente, dificultam a notificação destes, principalmente quando se utiliza a metodologia da entrevista, o que pode explicar a alternância de percentuais entre as etapas. Nesse sentido, um destes artigos de estudo investigou não apenas o quantitativo das notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo masculino, como também a alta frequência de polivitimizações e casos de agressões múltiplas (SAID; COSTA JÚNIOR, 2018).

Esta dissertação identificou que o maior percentual de escolares com pontuações altas tinha renda familiar de até meio salário mínimo, assim, evidencia-se a relação positiva entre percepção de renda familiar e pobreza, já descrita em outros artigos. Esse perfil reflete o cenário econômico da cidade de Chaval-CE, que tem como principais fontes de emprego a prefeitura municipal, salinas e as atividades de pesca, carcinicultura e agricultura, de modo que as famílias que não possuem vínculo empregatício permanecem dependentes de benefícios governamentais. Autores que realizaram uma pesquisa sobre violência infantojuvenil no baixo Amazonas tiveram resultados semelhantes, observando que a maioria das vítimas tinha renda de até um salário mínimo. Fatores como a renda influenciam na vulnerabilidade de crianças e adolescentes pelas dificuldades de acesso à escola, saúde, moradia e riscos no entorno desses lugares (HONORATO et al., 2018).

A constituição familiar tem se modificado ao longo dos anos. Isso pode ser observado no presente estudo, em que foram apresentados núcleos familiares constituídos por pais biológicos e filhos, tios ou avós como responsáveis pelos escolares na ausência dos pais, além do acúmulo de indivíduos no ambiente domiciliar sem grau de consanguinidade. Nesse cenário, a violência familiar também tem se modificado quanto à identidade dos que cometem ou sofrem agressões, de modo que o agressor não se restringe mais a pessoas desconhecidas ou fora do núcleo familiar (MEIRELLES, 2018).

Nesta pesquisa, os pais foram os agressores mais frequentes e irmã/irmão foram as maiores vítimas. Ao se considerar que os atos violentos com maior percentual envolveram agressões físicas ou psicológicas, o resultado encontrado pode ser elucidado pela permissividade social que ainda se dá aos pais em punir e repreender agressivamente seus dependentes, mesmo com a legalização de medidas protetivas, como a lei da palmada (CORRÊA et al., 2019).

Entre os vinte e quatro escolares entrevistados, dois relataram situações de abandono afetivo, fazendo referência às mães biológicas, mesmo as taxas de notificação de abandono e negligência tendo sido as mais baixas em comparação com os demais tipos de violência

contra crianças e adolescentes. O cuidado afetivo é um direito reconhecido social e legalmente, representado não apenas pela responsabilidade financeira que os pais biológicos e adotivos têm pelos filhos, mas também pela proteção e apoio emocional que auxiliam na formação humana. Dessa forma, é evidente que o abandono afetivo pode causar efeitos emocionais e psicológicos, além de dor e sofrimento que perduram por muito tempo, isso pode explicar os relatos observados nas entrevistas, mesmo que transcorridos anos desde o abandono afetivo reconhecido (SILVA; ARAÚJO, 2019).

Outro aspecto que pode contribuir para a vulnerabilidade das vítimas e desenvolvimento de estratégias de proteção é o conhecimento que essas crianças e adolescentes têm sobre os tipos de violência. Assim, foi evidenciado nesse estudo que a educação recebida em ambiente familiar, na escola ou por meio de programas de televisão é capaz de contribuir para a conceituação e reprodução da violência por cada escolar. Diante dessa informação, outros estudos já têm ressaltado o papel da escola na proteção integral dos escolares e a relevância do professor na formação humana, tendo em vista que ele ocupa um lugar privilegiado como condutor do processo de ensino-aprendizagem com poder de repreensão de atitudes tidas como inaceitáveis, como nas aulas de educação física (DIAS et al., 2016; PEREIRA; CONCEIÇÃO; BORGES, 2017; SÁ et al., 2019).

Durante as entrevistas semiestruturadas, os escolares expuseram verbalmente alguns sentimentos decorrentes de situações de violências presenciadas, como: medo, mal-estar, transtornos emocionais e insegurança quanto à separação interparental. Os sintomas depressivos, ansiedade e estresse pós-traumático são efeitos comuns da violência familiar sofrida devido à natureza das próprias agressões e o temor quanto às possíveis repetições (SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018).

Na comparação entre as pontuações na escala SANI e os dados coletados nas entrevistas semiestruturadas, foi possível identificar que sete dos doze escolares com maiores pontuações afirmaram ter presenciado violência familiar. Concomitantemente, dois entre os doze participantes com menores pontuações também relataram situações de violência familiar. Essa divergência entre as informações da etapa quantitativa para a qualitativa é evidenciada em outros estudos, ao revelarem que principalmente os meninos tendem a apresentar menores percentuais de notificação de violência e a calar-se diante das entrevistas, por causa de fatores como a opressão social, vergonha e medo de contar sobre as agressões (MUNIZ; ARAÚJO, 2018; PLATT et al., 2018).

Além disso, os dados exclusivamente quantitativos não excluem a existência de violência psicológica contra crianças e adolescentes, tendo em vista a rigidez de alguns

instrumentos e a dificuldade em reconhecer os sinais que ela provoca – essa é uma das causas da incerteza em notificar os casos suspeitos (VELOSO; MAGALHÃES; CABRAL, 2017).

As principais dificuldades durante o processo de coleta de dados foram referentes à distância e à estrada de difícil acesso entre a zona urbana e a zona rural, além da resistência de alguns responsáveis em assinar e preencher, com sua documentação, o TCLE. Essas dificuldades foram contornadas com a disponibilidade de se utilizar o transporte escolar para as coletas realizadas na zona rural. Já para adquirir o consentimento dos responsáveis foi adotada a estratégia de conversar pessoalmente, sempre que possível, no espaço cedido pelas escolas durante as reuniões para recebimento dos livros didáticos. Quanto aos responsáveis que não foram às reuniões, o TCLE foi enviado com uma carta explicativa, também com a disponibilização dos contatos da pesquisadora para eventuais dúvidas. Ainda assim, foram recorrentes os questionamentos sobre a possível relação da pesquisa com programas sociais de assistência associado ao medo de perder o benefício.

Como potencialidades desse tema e do desenvolvimento da dissertação na cidade de Chaval-CE, pode ser citado o retorno positivo recebido ao longo do processo de pesquisa, o entusiasmo com o qual os gestores vinculados à educação receberam a proposta, o auxílio dos funcionários das escolas participantes e o pioneirismo de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no município. A dissertação possibilitou também o desenvolvimento de um projeto de extensão sobre violência infantojuvenil voltado à formação continuada de professores e profissionais das redes de educação, saúde e assistência a crianças e adolescentes, como forma de qualificar a identificação, abordagem e atenção às vítimas na cidade de Chaval-CE.

7 CONCLUSÃO

A violência familiar infantojuvenil é um fenômeno social multifacetado e multifatorial, e seus efeitos reverberam no entorno familiar, nas relações interpessoais e no ambiente escolar. Nesta dissertação, realizada no interior do Ceará, as agressões físicas e psicológicas foram as mais citadas durante as entrevistas, sendo esta última a que mais teve altas pontuações na escala SANI. Esse fato evidencia a relevância de se investigar e fomentar estratégias de enfrentamento e manejo dos casos de violência psicológica, que não representam apenas efeito de agressão física sofrida, mas podem preceder todos os outros tipos de agressão.

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar a correlação entre a percepção de violência familiar infantojuvenil e o fracasso escolar e apresentou como questão norteadora: Existe correlação entre a percepção de violência familiar infantojuvenil e o fracasso escolar? Mediante análise destas variáveis, verificou-se que não houve uma correlação significativa, mesmo que 33% dos escolares com maiores pontuações tenham apresentado histórico de defasagem idade-série. Ainda nesse sentido, a maioria dos escolares também relatou, durante as entrevistas semiestruturadas, que acreditava na mudança comportamental e na diminuição do desempenho escolar de crianças expostas à violência familiar. No entanto, os dados desta dissertação permitem inferir que as situações de violência familiar podem alterar o comportamento de crianças e adolescentes expostos, mas nem sempre afeta diretamente o desempenho escolar devido a estratégias individuais de autoproteção e resiliência, associadas às atividades de incentivo ao estudo que as escolas promovem.

Dentre os fatores associados ao fracasso escolar, percebidos pelos escolares, foram citados o receio de novas agressões, falta de atenção nas aulas e dificuldade de realizar as tarefas em casa. O que reforça a relação entre exposição a agressões e mudança comportamental, mesmo que o reflexo nas notas não tenha representado índices significativos de fracasso escolar.

A análise estatística também evidenciou que não houve associação significativa entre fracasso escolar e renda familiar, divergindo do consenso expresso na literatura que define a pobreza como um dos fatores predisponentes para o fracasso escolar. Esta divergência também ficou evidente pela associação significativa entre zona urbana e fracasso escolar, mesmo a zona rural apresentando maiores índices de pobreza. Com base nisso, os dados da presente pesquisa permitem concluir que, mesmo em locais com altos índices de pobreza e

desigualdades sociais, a educação de qualidade pode resultar em indicadores satisfatórios de aprendizagem.

Os escolares do sexo masculino apresentaram maior percentual entre os 10% selecionados por sua alta pontuação na escala SANI. No entanto, foram os escolares do sexo feminino que representaram maior percepção de violência familiar nas entrevistas semiestruturadas. Por meio desse resultado pode-se inferir que o machismo e a sociedade patriarcal ainda persistem na contemporaneidade, de modo que se torna comum negligenciar ou silenciar os casos de violência que envolvem indivíduos do sexo masculino, por causa de preconceito, medo da exposição, entre outros aspectos culturais.

Outro fator relevante nos resultados desta dissertação foi a constatação de que crianças com idades menores obtiveram maiores índices de percepção de violência por meio da escala SANI e, isto pode ser explicado pela naturalização das agressões familiares como forma de educar e disciplinar. Desta forma, quanto mais tempo de exposição à violência familiar, mais dessensibilizada a criança ou adolescente pode ficar frente aos atos violentos.

Sendo assim, a consolidação do vínculo familiar e da interação entre escola e família sempre foi e continuará sendo um pilar de prevenção aos casos de violência familiar. Não obstante, este estudo ressalta que a escola é um espaço privilegiado para identificação e combate aos episódios de revitimização. Portanto, é preciso implementar no ambiente escolar propostas de ação exequíveis, a partir da realidade vivenciada, para que de fato estas sejam efetivas.

A partir disso e das dificuldades reconhecidas na cidade de Chaval-CE antes do início desta pesquisa, quanto aos modos de identificação e atuação frente à violência contra crianças e adolescentes, foi desenvolvido entre os meses de abril e junho de 2019, um projeto de extensão sobre violência infantojuvenil. A realização do referido projeto contou com a parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Chaval, o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise Educação e Contemporaneidade (NIPSEC) e o Mestrado em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí. O projeto foi voltado aos docentes da rede pública de ensino e representantes dos dispositivos que compõem a rede de assistência a crianças e adolescentes da cidade de Chaval-CE, totalizando 85 participantes.

Durante os encontros, os mediadores discutiram sobre as mais diversas tipologias da violência na perspectiva de promover a discussão, a qualificação do manejo dos casos identificados no ambiente escolar e a criação de propostas de enfrentamento e proteção. Como resultados mais relevantes ao término do projeto, podem ser citados: a interação entre os profissionais de diferentes dispositivos da saúde, educação e assistência; a construção coletiva

de estratégias a serem implementadas nas escolas; o reconhecimento da rede de apoio municipal às vítimas de violência e o compartilhamento de experiências.

Reforça-se, assim, a necessidade de estímulo e estratégias de fortalecimento da resiliência e autoproteção, citadas nessa pesquisa como a forma de se proteger dos efeitos da violência familiar e garantir a permanência dessas crianças e adolescentes na escola. Além da implementação de momentos que incentivem o vínculo familiar, a conscientização da gravidade das agressões e aperfeiçoamento da abordagem e manejo dos casos de violência familiar infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, M.F.N; MIRANDA, C.E.S. Um panorama do fracasso escolar entre os professores: perspectivas e estratégias de enfrentamento. **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 2, p. 329-342, 2017.
- AMADOR, A.E. et al. Mortalidade de jovens por violência no Brasil: desigualdade espacial e socioeconômica. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**, v. 31, n. 3, p. 1-9, 2018.
- BARROS, A.C.M.W; DESLANDES, S.F; BASTOS, O.M. A violência familiar e a criança e o adolescente com deficiências. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, n. 6, 2016.
- BARROS, A.M; FREITAS, M.F.Q. Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores. **Pensando Famílias**, v. 19, n. 2, p. 102-114, 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Publicada no DOU, seção 1, páginas 59-62. 13 de junho de 2013.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. Educação Básica. **Censo Escolar 2014**. Disponível em: <http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/home.seam>. Acesso em: 21 de junho de 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde – Brasília: Ministério da Saúde, p. 29. 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Índice de Gini, TABNET – DATASUS, 2010. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibge/censo/cnv/ginice.def>. Acesso em: 18 de maio de 2019.
- CARMO, P.K; FIGUEIREDO, V.C.A.S.B. Resiliência e fracasso Escolar: uma análise dos fatores de risco e de proteção presentes nas famílias e nas escolas, capazes de interferir no processo de aprendizagem. **Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte**, v. 8, n. 2, 2016.
- CÉSAR, J.M. et al. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. **Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 357-372, 2013.
- CEZAR, P.K; ARPINI, D.M; GOETZ, E.R. Registros de notificação compulsória de violência envolvendo crianças e adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37 n. 2, p. 432-445, 2017.
- COELHO, F.J; FRANZIN, L.C.S. Violência doméstica infanto-juvenil: importância deste conhecimento pelo profissional da saúde. **Revista Uningá review**, v. 20, n. 2, p. 104-108, 2014.
- CORRÊA, C.L. et al. Uma revisão sobre maus tratos contra crianças e adolescentes: como diagnosticar e conduzir? **Estácio Saúde**, v. 8, n. 1, 2019.

COSTA, C; NARVAZ, M.G; CAMARGO, K. Violência de gênero em áreas rurais: o caso de Santana do Livramento (RS). **Ciências Sociais Unisinos**, v. 54, n. 2, p. 229-239, 2018.

COSTA, D.K.G. et al. Concepções e práticas dos profissionais de saúde acerca da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 13, n. 2, p. 79-95, 2015.

DESLANDES, S; MENDES, C.H.F; PINTO, L.W. Proposição de um índice do enfrentamento governamental à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 8, p. 1709-1720, 2015.

DIAS, F. et al., Formação esportiva de crianças e adolescentes: entre a agressividade e a violência. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 15, n. 2, p. 52-75, 2016.

FIGUEIREDO, M.Z.A; CHIARI, B.M; GOULART, B.N.G. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. **Distúrbios da comunidade**, v. 25, n. 1, p. 129-136. 2013.

FUNDAÇÃO LERMANN. Indicador de aprendizagem das escolas municipais de Chaval. Acesso em: 17 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/cidade/5307-chaval/aprendizado>. 2018.

GARBIN, C.A.S. et al. Conhecimento e percepção dos educadores do ensino infantil sobre violência. **Revista Ciência Plural**, v. 1, n. 2, p. 37-47, 2015.

GIORDANI, J.P; SEFFNER, F; DELL'AGLIO, D.D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 1, p. 103-111, 2017.

HILDEBRAND, N.A; CELERI, E.H.R.V; MORCILLO, A.M; ZANOLLI, M.L. Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência. **Revista de Saúde Pública**, v.53, p. 17, 2019.

HILDEBRAND, N.A; CELERI, E.H.R.V; MORCILLO, A.M; ZANOLLI, M.L. Violência Doméstica e Risco para Problemas de Saúde Mental em Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 2, p. 213-221, 2015.

HONORATO, L.G.F. et al. Violência na Infância e Adolescência: Perfil notificado na mesorregião do Baixo Amazonas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 2, p. 266-284, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/chaval/panorama>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/planiha>. Acesso em: 18 de maio de 2019.

LIMA, F.R. Entrelace entre dificuldades de aprendizagem e produção do fracasso escolar: Algumas ponderações teórico-práticas. **Psicologia**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0784.pdf>. Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

MAGALHÃES, J.R.F. et al. Expressão da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. **Texto contexto enfermagem**, v. 26, n. 4, 2017.

MAGALHÃES, J.R.F. et al. Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 1-7, 2017.

MALTA, D.C. et al. Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1287-1298, 2019.

MASCARENHAS, M.D.M. et al. Violência cometida por pessoa conhecida - Brasil, 2013. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 11, p. 3763-3771, 2017.

MEIRELLES, M.E. Abuso sexual contra crianças e adolescentes e sua dinâmica intrafamiliar. **Revista pesquisa & Educação à distância**, n. 11, 2018.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 01-12, 2017.

MINAYO, M.C.S. Violência e Saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 132 p. (Coleção Temas em Saúde), 2006.

MIRANDA, C.E.S; ALVARENGA, M.F.N. O discurso sobre o fracasso escolar entre professores da educação básica: entre a impotência e a impossibilidade. Form@re. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da educação Básica**, v. 5, n. 2, p.72-89, 2017.

MOLL, J. O PNE e a educação integral Desafios da escola de tempo completo e formação integral. **Revista Retratos da Escola**, v. 8, n. 15, p. 369-381, 2014.

MUNIZ, P.E.M.A; ARAÚJO, F.C. Serra do silêncio: violência sexual em Maranguape (CE). **Temporalis**, n. 35, 2018.

NUNES, A.J; SALES, M.C.V. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n. 3, p. 871-880, 2016.

OLIVEIRA, A.P. et al. A história oral e a entrevista. **Revista da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu – Pensar Acadêmico**, v. 10, n. 1, p. 31-35, 2014.

Parecer CNE/CEB n. 11/2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília, BR: CNE/CEB. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica. Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

PATTO, M.H.S. “Escolas cheias, cadeias vazias”. Nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estudos avançados**, v. 21, n. 61, 2007.

PEREIRA, A.M.B; CONCEIÇÃO, M.I.G; BORGES, L.F.F. Reflexões sobre a formação de professores para o enfrentamento da violência intrafamiliar contra crianças. **Tecnia**, v. 2, n. 2, p. 63-83, 2017.

PLATT, V.B. et al. Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, p. 1019-1031, 2018.

POZZOBON, M; MAHENDRA, F; MARIN, A.H. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 387-396, 2017.

RIBEIRO, P.M. et al. Análise do conceito resiliência na criança. *Revista enfermagem atual*, n. 84, 2018.

RISTUM, M. A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 231 – 242, 2010.

RISTUM, M. Violência na Escola, da Escola e contra a Escola. p. 65-93. In: *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.* / organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010. 270 p.

SÁ, C.M.Q. et al. Uso de tecnologia educativa entre professores para identificação de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes: Relato de experiência. **Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem**, ISSN: 2448-1203, 2018.

SAID, A.P; COSTA JÚNIOR, A.L. Polivitimização de meninos vitimizados sexualmente: uma análise documental a partir de fichas de notificação. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 1, 2018.

SANI, A.I. As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental. Tese de doutoramento não publicada. Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2003.

SANTOS, A.C; SANTOS, M.L.M; NASCIMENTO, D.D.G. Violência intrafamiliar: caminhos para o enfrentamento na saúde pública. **Saúde em Redes**, v. 1, n. 2, p. 21-30, 2015.

SANTOS, A.L. et al. Diálogos entre psicologia e sociedade: resiliência, uma forma de lidar com a violência urbana. **Cadernos de graduação, Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 3, p. 105-120, 2018.

SANTOS, R.M. et al. Reprovação escolar e aspectos sociais e de saúde: estudo transversal com adolescentes. **Revista baiana de enfermagem**, v. 32, 2018.

SCHEK, G. et al. Os profissionais e a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: entre os preceitos legais e conceptuais **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 5, pp. 780-785, 2016.

SILVA, C.G.S. A violência doméstica e sua influência na aprendizagem: um estudo exploratório no centro de integração familiar (ceifar). *Revista tarrafa*, p. 96-106. Acesso em:

22 de maio de 2018. Disponível em: <http://www.uneb.br/tarrafa/files/2012/10/a-viol%c3%aancia-dom%c3%a9stica-e-sua-influ%c3%aancia-na-aprendizagem.pdf>. 2018.

SILVA, M.R.P. Os efeitos da violência intrafamiliar sobre as relações interpessoais em sala de aula. **Estação científica (UNIFAP)**, v. 4, n. 1, p. 79-95, 2014.

SILVA, S.T; ARAÚJO, A.N.C.A. Responsabilidade civil e afetividade: uma abordagem sobre o abandono afetivo e suas implicações no reconhecimento de paternidade afetiva. **Revista Direito FIBRAL**, Ano 4, n. 5, 2019.

SILVA, V.F.A; COSTA JÚNIOR, M.J.S; PINTO, W.C.S; PEIXOTO, S.P.L. Violência doméstica contra crianças e adolescentes na rede pública de ensino. **Cadernos de graduação**, v. 2, n. 1, p. 31-44, 2014.

SILVEIRA, L.C; GOMES, A.M.T; LIMA, D.W.C., VIEIRA, A.N. Análise do discurso e a pesquisa na saúde. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v. 3, 2015.

SILVEIRA, J.A; SANTOS, R.C.G. História oral e memória: construindo novas fontes de pesquisa sobre a faculdade católica de filosofia de Rio Grande (1960-1969). **Momento**, v. 25, n. 2, p. 79-97, 2016.

SOUSA, C.R.O. et al. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 26, n. 2, p. 160-169, 2018.

SOUZA, C.M; VIZZOTTO, M.M; GOMES, M.B. Relação entre violência familiar e transtorno de estresse pós-traumático. **Psicologia, Saúde e doenças**, v. 19, n. 2, p. 222-233, 2018.

SOARES, L.C.E.C; SOUZA, F.H.O; CARDOSO, F.S. Convivência familiar em três cenários: acolhimento institucional, famílias recasadas e violência doméstica. **Psicologia e Argumento**, v. 33, n. 82, p. 330-345, 2015.

VELOSO, M.M.X; MAGALHÃES, C.M.C. Identificação e notificação de violência contra crianças e adolescentes: limites e possibilidades de atuação de profissionais de saúde. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 25, n. 1, 2017.

VIEIRA NETTO, M.F; DESLANDES, S.F. As Estratégias da Saúde da Família no enfrentamento das violências envolvendo adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 21, n. 5, p. 1583-1595, 2016.

VÓVIO, C. L. et al. Livros de Ocorrência: Violência e Indisciplina em Escolas de Território Vulnerável. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 24, p. 1-25, 2016.

APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado

- 1) Fale um pouco sobre você.
- 2) O que é saúde para você?
- 3) O que pode interferir na sua saúde?
- 4) O que pode interferir na saúde da sua família?
- 5) O que você entende por violência?
- 6) Já presenciou alguma cena de violência? Onde? Como isto se deu? Como você se sentiu? E na sua casa?
- 7) Como você acha que isso repercutiu na sua vida? E na escola?

APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE)

Sou MARIANNE LIRA DE OLIVEIRA, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí – UFPI e você está sendo convidado para participar da pesquisa “Violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar”. Queremos analisar a associação entre a percepção de violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar.

Esta pesquisa será realizada apenas com estudantes do 6º ano de escolas públicas de Chaval – Ceará. Você não precisa participar dela se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita nas próprias escolas, onde as crianças e adolescentes responderão questionários, terão seus históricos avaliados e passarão por entrevistas em sala reservada. O uso de todos os materiais é considerado seguro, oferecendo risco mínimo aos participantes. O possível risco de exposição dos participantes da pesquisa será contornado ao ser garantido o sigilo das informações obtidas e privacidade dos mesmos durante as entrevistas. Caso ocorra algum tipo de descompensação psicológica a coleta de dados será interrompida com o referido participante e os pesquisadores o encaminharão para o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) ou outro serviço de saúde pertinente.

Mas há coisas boas que podem acontecer como o reconhecimento de fatores que podem ajudar a diminuir o fracasso escolar e os efeitos da violência familiar. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os escolares participantes.

Para participar deste estudo, você deve assinar este termo de assentimento livre e esclarecido e o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido. Ele poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Assim como você pode desistir de participar deste estudo em qualquer etapa.

Serão duas cópias de modo que uma ficará com você e outra conosco. Quando terminarmos a pesquisa, daremos retorno dos resultados e se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar a qualquer momento ou entrar em contato pelos telefones abaixo.

Dr. CÁSSIO EDUARDO SOARES MIRANDA**Pesquisador Responsável pelo Estudo**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade – PPGSC
 Universidade Federal do Piauí – UFPI
 Fone: (86) 99844-2667

MARIANNE LIRA DE OLIVEIRA**Pesquisadora do Estudo**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - PPGSC
 Universidade Federal do Piauí – UFPI
 Endereço: Rua Alagoas, 1692, Bairro Pirajá. Teresina – PI.
 Fone: (86) 99943-1549 / (88) 98806-3497

Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI.

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.

CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.

Email: cep.ufpi@ufpi.edu.br **Telefone:** (86) 3237-2332

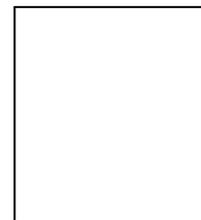
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa **Violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar**. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Chaval - Ceará, _____ de _____ de 201__.

Participante: _____

RG: _____



Digital

Cássio Eduardo Soares Miranda
RG: M7288234

Marianne Lira de Oliveira
RG: 3329752

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Sou MARIANNE LIRA DE OLIVEIRA, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde e comunidade da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Estamos desenvolvendo um estudo com o objetivo de “Analisar a associação entre a percepção de violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar”.

Em nosso estudo, pretendemos realizar a aplicação de questionários, análise do histórico escolar e entrevistas com os estudantes do 6º ano que forem selecionados, na intenção de abordar a violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar. Gostaríamos de sua autorização quanto à participação de seu filho (ou pessoa de sua responsabilidade) na presente pesquisa.

Serão duas cópias de modo que uma ficará com você e outra conosco. Informamos que todos os momentos deste estudo serão registrados por meio de diários de campo e gravação de voz e as informações serão tratadas anonimamente (sem serem identificadas) no conjunto dos demais estudantes e de futuras apresentações e publicações dos resultados. Certificamos que o possível risco de exposição dos participantes da pesquisa será contornado ao ser garantido o sigilo das informações obtidas e privacidade dos mesmos durante as entrevistas. Caso ocorra algum tipo de descompensação psicológica a coleta de dados será interrompida com o referido participante e os pesquisadores o encaminharão para o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) ou outro serviço de saúde pertinente.

Esclarecemos ainda que, em qualquer momento da realização do estudo, caso não seja de interesse a permanência como participante do mesmo, haverá possibilidade de retirada deste consentimento (autorização) ou do estudante retirar o assentimento, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Segundo tal resolução, garantimos o sigilo das informações coletadas e guarda do material em depósito da UFPI, sob a responsabilidade do professor Cássio Eduardo Soares Miranda.

Posteriormente, também convidamos você, a participar de um momento em grupo com base nas temáticas identificadas. Deste modo, nos comprometemos a dar retorno dos dados encontrados e agradecemos sua colaboração e nos colocamos à disposição, nos contatos telefônicos abaixo citados, para qualquer informação (dúvida) que julgar necessária.

Dr. CÁSSIO EDUARDO SOARES MIRANDA**Pesquisador Responsável pelo Estudo**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade – PPGSC
 Universidade Federal do Piauí – UFPI
 Fone: (86) 99844-2667

MARIANNE LIRA DE OLIVEIRA**Pesquisadora do Estudo**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - PPGSC
 Universidade Federal do Piauí – UFPI
 Endereço: Rua Alagoas, 1692, Bairro Pirajá. Teresina – PI.
 Fone: (86) 99943-1549 / (88) 98806-3497

Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI.
 Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.
 CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.
Email: cep.ufpi@ufpi.edu.br **Telefone:** (86) 3237-2332

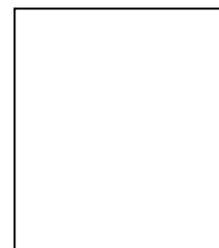
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito participar do estudo: **VIOLÊNCIA FAMILIAR INFANTO-JUVENIL E O FRACASSO ESCOLAR**, em que seus resultados serão tratados sigilosamente e caso não queira mais participar do estudo, tenho liberdade de retirar meu consentimento.

Chaval - Ceará, _____ de _____ de 201__.

Participante: _____

RG: _____



Cássio Eduardo Soares Miranda
RG: M7288234

Digital

Marianne Lira de Oliveira
RG: 3329752

APÊNDICE D – Entrevistas na íntegra

ENTREVISTA COM JOSÉ

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* A gente vai gravar a conversa. Como da outra vez, eu expliquei: o seu nome não vai ser colocado em lugar nenhum e o nome da tia também não vai. Só estou gravando pra depois a tia lembrar, porque ela está fazendo com 24 crianças e ela tem que lembrar o que cada um falou, tá bom? Pra gente começar eu queria que você dissesse o seu nome, com quem que você mora e o que que você mais gosta de fazer. *(Pausa)* Pode dizer.

Meu nome é José, eu moro com a minha mãe, o meu padrasto, meu irmão... Eu gosto mais de fazer quando eu tou em casa é assistir.

Entrevistadora: Gosta de assistir?

É.

Entrevistadora: Você assiste o quê?

Jovens titans *(Desenho)*.

Entrevistadora: E você só tem um irmão?

É.

Entrevistadora: Ele é mais velho ou é mais novo?

É mais velho.

Entrevistadora: É mais velho. E você mora aqui em Chaval mesmo?

Moro.

Entrevistadora: José, se a tia disser assim: o que é ter saúde? O que é saúde pra você? O que vem na cabeça? O que você imagina?

Ter saúde é não ficar gripado, cuidar muito da... Pra não ir pro hospital que é muito ruim, aqui em Chaval não tem mais médico e nem nada.

Entrevistadora: Meu amor, o que poderia interferir ou tirar ou dificultar a sua saúde? Diminuir a sua saúde?

Com é... Tomar banho na chuva todos os dias e não ficar muito no sol.

Entrevistadora: E se a tia perguntar assim: José, o que poderia diminuir ou interferir na saúde da sua família? Das pessoas que moram com você? Vem alguma coisa à cabeça?

Não.

Entrevistadora: Meu amor e o que você entende por violência? A palavra violência, o que é violência pra você?

Violência é quando a pessoa bate... Fala coisa muito ruim com a gente e a gente fica meio triste.

Entrevistadora: Como que você acha que a pessoa que apanha, que é vítima de violência se sente?

Se sente com medo, ameaçada.

Entrevistadora: E você na sua vida, já presenciou alguma vez, alguma cena de violência? Já viu alguma cena de violência?

Não, nunca não.

Entrevistadora: Nem na televisão?

Na televisão eu já vi... muita violência.

Entrevistadora: E como você se sentiu quando assistiu?

Me senti mal pra vê aquelas coisas.

Entrevistadora: E na sua casa você já viu alguma vez, alguma cena de violência?

Não, Hum hum (*Faz sinal negativo com a cabeça*).

Entrevistadora: Como você acha, meu amor, que se sente aquelas crianças que passam por violência em casa? Elas são do mesmo jeito na escola ou elas mudam na escola?

Elas mudam na escola.

Entrevistadora: De que modo? Como elas ficam?

Ficam agressivas e fica rebelde.

Entrevistadora: E você acha que isto pode interferir nas notas delas, no jeito que elas estudam?

Sim.

Entrevistadora: Como que acontece isto? Como elas ficam?

Ela vê em casa ou na rua violência.

Entrevistadora: Aí na escola, o que acontece com as notas?

Abaixa.

Entrevistadora: Você já viu na sua sala alguma criança que você acha que sofreu violência?

Não, nunca vi.

Entrevistadora: Não?

Não.

ENTREVISTA COM PAULO

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Pra começar, meu amor, eu queria que você dissesse o seu nome, com quem que você mora e o que você gosta de fazer.

Eu moro com a minha mãe, tem que dizer o nome dela?

Entrevistadora: Não.

Com o meu pai, com os meus quatro irmãos e eu gosto de brincar com os meus amigos.

Entrevistadora: Paulo, você brinca de quê?

De bola.

Entrevistadora: E você mora aqui em Chaval mesmo?

Sim.

Entrevistadora: Se a tia disser assim: Paulo, o que é saúde pra você? O que vem à cabeça quando eu falo de saúde? O que é ter saúde?

(Pausa) Não sei.

Entrevistadora: Não sabe?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E se a tia perguntar assim: Paulo, o que poderia diminuir a sua saúde? Você consegue imaginar alguma coisa?

(Silêncio)

Entrevistadora: O que pode diminuir a sua saúde?

(Pausa) Se eu não ficar com saúde?

Entrevistadora: É, que você ficaria sem saúde. O que pode acontecer?

É... se algum da minha família morrer aí eu fico sem saúde.

Entrevistadora: E tem alguma coisa que você consegue imaginar que poderia interferir na saúde da sua família? Que poderia dificultar ou tirar a saúde da sua família?

Não.

Entrevistadora: E se a tia perguntar o que é violência pra você? O que vem na cabeça com essa palavra?

(Pausa) Quando uma pessoa ta batendo na outra, isto é violência.

Entrevistadora: Tem mais algum outro tipo de violência?

Física.

Entrevistadora: E além da física? Você consegue lembrar algum outro tipo? Além de bater na outra pessoa?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Você já viu na vida alguma cena de violência?

(Pausa) Não.

Entrevistadora: Nem na sua frente, nem na televisão?

Só na televisão.

Entrevistadora: E como que você se sentiu?

Triste.

Entrevistadora: E como que você acha que se sente a pessoa que é vítima de violência? Aquela pessoa que apanha, que é vítima?

(Pausa) Não sei.

Entrevistadora: Não sabe como ela se sente?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Na sua casa, você já viveu algum tipo ou já viu algum tipo de violência?

Só os “meus irmãos” *(Risos)*.

Entrevistadora: Elas fizeram o quê?

Brigaram.

Entrevistadora: E você acha que esta situação de violência que as suas irmãs brigaram, elas podem de alguma forma interferir na forma como você é na escola? Nas suas notas, nos seus estudos?

Não *(Balançando na cadeira e olhando pro chão)*.

Entrevistadora: E as crianças que sofrem violência em casa, certo? Você acha que elas são diferentes na escola ou são do mesmo jeito?

(Pausa maior) São diferentes na escola.

Entrevistadora: Diferentes como, amor? O que elas mudam?

Não consegue se comportar mais e ficam brigando na sala de aula. *(Pausa)* é só isso.

ENTREVISTA COM VITOR

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu vou começar perguntando o seu nome, com quem você mora e o que você gosta de fazer? *(Pausa)* Pode falar.

Meu nome é Vitor, moro mais a minha mãe e a minha irmã e eu gosto de jogar bila.

Entrevistadora: Vitor, você só tem esta irmã?

E um irmão também.

Entrevistadora: E ele não mora em casa?

Ele mora lá no Piauí.

Entrevistadora: Ah! E você joga bila perto da sua casa mesmo ou é longe?

Hunrum, do lado da casa da minha tia.

Entrevistadora: Aí tem amigos na rua pra jogar junto?

Tem.

Entrevistadora: Vitor, quando a tia fala assim: O que é saúde pra você? Você consegue me dizer alguma coisa sobre o que é ter saúde?

(Silêncio)

Entrevistadora: O que é ter saúde pra você?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E se a tia perguntar assim: Vitor, o que pode interferir, o que pode dificultar a sua saúde? Ou tirar a sua saúde? O que você me diria?

(Silêncio)

Entrevistadora: Tem alguma coisa que pode tirar a sua saúde?

(Permanece em silêncio e olha para os lados e para o chão)

Entrevistadora: Não? Lembra de alguma coisa?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E a saúde da sua família? O que você pensaria que pode interferir na saúde da sua família?

(Silêncio)

Entrevistadora: Não amor? Não consegue lembrar de nada?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Quando a tia pergunta assim: Vitor, o que é violência? Esta palavra violência, o que vem na cabeça? O que você entende por violência?

(Permanece em silêncio e olha pra mim)

Entrevistadora: Não? Não lembra de nada?

(Silencia sem esboçar qualquer resposta ou reação)

Entrevistadora: Não quer falar?

(Silêncio)

Entrevistadora: Está terminando, tá bom? Vitor, alguma vez na vida, algum dia na vida, você já viu alguma cena de violência?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Já?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Onde?

Lá na minha rua *(Com a voz muito baixa)*

Entrevistadora: Como foi que aconteceu?

(Silêncio)

Entrevistadora: Não lembra?

(Silêncio)

Entrevistadora: E na sua casa, você já viu alguma cena de violência?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Como você acha que se sentem essas pessoas que são vítimas de violência? Como que elas se sentem?

(Pausa) Elas se sentem mal.

Entrevistadora: Se sentem mal?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: E você? Quando viu esta cena se sentiu como?

(Silêncio)

Entrevistadora: Que você disse que aconteceu na sua rua... Você se sentiu como?

(Pausa) Mal.

Entrevistadora: Se sentiu mal também?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Como que você acha que as crianças que sofrem violência em casa são na escola? Muda alguma coisa ou não muda nada?

(Silêncio)

ENTREVISTA COM LEVI

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria que primeiro você falasse o seu nome, com quem que você mora e o que você gosta de fazer.

Meu nome é Levi, eu moro mais minha mãe, meu pai e minha irmã. Eu gosto muito de fazer é dormir em casa, às vezes eu fico no meu *tablet* pesquisando as coisas da escola. Aí é só! Aí de noite a mãe manda eu tomar banho, vou de novo pro meu *tablet* né? Aí eu durmo e venho pra escola.

Entrevistadora: Ótimo. Levi e o que é saúde pra você?

Saúde pra mim é como tiver bem com a vida.

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

Não.

Entrevistadora: E o que você imagina que pode interferir na sua saúde? Que pode dificultar a sua saúde ou diminuir a sua saúde?

A sinusite que eu tenho. Eu tenho sempre que botar uma seringa pra mim, quando eu vou dormir pra eu não espirrar muito.

Entrevistadora: Ótimo. E o que você acha que pode interferir na saúde da sua família, das pessoas que moram com você?

Minha mãe é... ficar assim com dor nas costas e não andar. E pra minha irmã, é nem sei qual é o nome, ela pode ficar internada, muito tempo. Meu pai é pras pernas dele, quando ele faz muitas coisas, a perna, a batata aqui dele fica adormecida.

Entrevistadora: Ótimo. Levi, e o que você entende por violência? O que é violência pra você?

Violência é como bater na mulher, bater na mulher, bater na mãe e... e matar.

Entrevistadora: Mais alguma coisa que você lembre que é violência pra você?

Não.

Entrevistadora: Você já presenciou alguma cena de violência na vida?

Já (*Faz sinal positivo com a cabeça*) na rua. O filho da vizinha, sempre quando ele bebe muito, ele fica doido, aí todo dia que ele bebe na esquina, é todo dia assim.

Entrevistadora: Como que você se sentiu quando você viu esta cena de violência?

Atordoado.

Entrevistadora: Se sentiu atordoado. Mais alguma coisa?

Não.

Entrevistadora: E na sua casa, você já viu alguma cena de violência dentro de casa?

Não (*Faz sinal negativo com a cabeça*), nunca.

Entrevistadora: É (*Interrupção de algumas crianças que estavam pesquisando na sala de informática*) e só pra gente terminar, você acha que as crianças que viram ou que vivenciam violência, elas tem algum tipo de interferência na escola? Em comportamento?

Tem, tem.

Entrevistadora: Que tipo?

Assim, fica isolada e não conversa com ninguém.

Entrevistadora: Você acha que isto pode prejudicar as crianças na escola?

Pode.

Entrevistadora: A violência dentro de casa?

(*Faz sinal positivo com a cabeça*)

Entrevistadora: Tem mais alguma forma que você imagina que pode prejudicar?

Não (*Faz sinal negativo com a cabeça*)

Entrevistadora: Fora ficar isolado e sem conversar com ninguém?

Não, só isto mesmo.

Entrevistadora: E em casa, você nunca presenciou cenas de violência?

Não.

ENTREVISTA COM LUCAS

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria começar perguntando a você ou pedindo a você pra falar um pouquinho sobre você. Eu queria que você falasse o seu nome, com quem que você mora e o que você gosta de fazer.

Eu moro mais o meu pai, minha mãe e o meu irmãozinho. O que eu mais gosto de fazer é brincar de bola.

Entrevistadora: E o seu nome?

Lucas.

Entrevistadora: Você gosta de mais alguma coisa além de jogar bola?

Brincar de peteca, de cabo de guerra, de... *(Silêncio)*

Entrevistadora: Você tem amigos na sua rua?

Tenho.

Entrevistadora: Aí você brinca com eles?

Brinco.

Entrevistadora: Lucas, o que é saúde pra você? O que é ter saúde?

Saúde pra mim é a gente ficar muito bom e... *(Silêncio)*

Entrevistadora: O que mais?

A gente ficar muito bom pra não ter doença, não ter nada.

Entrevistadora: Hunrum, você gosta de ter saúde?

Gosto muito.

Entrevistadora: Lucas, o que você acha que poderia interferir nessa sua saúde? Dificultar a sua saúde ou tirar a sua saúde?

Ficar muito doente, aí não ter nenhum doutor pra cuidar de mim e é capaz de eu morrer!

Entrevistadora: Lucas, o que você acha que poderia interferir na saúde da sua família? Das pessoas que moram com você?

(Silêncio)

Entrevistadora: Você consegue imaginar alguma coisa que pode interferir na saúde da sua família?

(Silêncio)

Entrevistadora: Alguma coisa?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Lucas, o que você entende por violência? O que é violência pra você?

É um pai bater num filho ou os “columim” bater nos amigos.

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Você já presenciou alguma cena de violência na vida?

Não.

Entrevistadora: Você já viu acontecer alguma coisa destas que você disse?

Já.

Entrevistadora: Já viu?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Onde?

Lá no cafundó, perto da minha casa.

Entrevistadora: Como que você se sentiu?

Me senti muito triste porque uma mãe bater num filho com bastante “pêia” e pau nas costas.

Entrevistadora: E você se sentiu triste?

Senti.

Entrevistadora: Lucas e na sua casa, você já viu alguma cena de violência na sua casa?

Na minha casa nunca.

Entrevistadora: Não?

Hum hum.

Entrevistadora: E você acha que as crianças que sofrem violência em casa podem ter algum “probleminha” na escola? Pode interferir na escola? No jeito que elas são na escola...

Pode.

Entrevistadora: Como?

Como uma vez, lá na minha escola onde eu estudava, o meu amigo Jonas, ele queria botar fogo na escola.

Entrevistadora: Por quê?

Porque a família dele batia muito nele, bebia...

Entrevistadora: Então você acha que pode influenciar na forma como as crianças são na escola?

(Faz sinal positivo com a cabeça) Hunrum.

ENTREVISTA COM DENIS

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu quero que você fale o que vier na sua cabeça, tá bom? O que você conseguir imaginar, o que você conseguir responder pra tia. A tia vai gravar a conversa agora pra poder lembrar o que vocês falaram, mas o nome de vocês não pra lugar nenhum como eu já tinha dito e isto é só pra tia lembrar porque são 24 crianças, aí é muita gente, muita coisa tá bom? Eu queria começar perguntando o seu nome, com quem que você mora e o que você gosta de fazer.

Meu nome é Denis. Eu moro com a minha mãe, com o meu pai, com a minha irmã e com meu irmãozinho novo. E o que eu mais gosto de fazer é jogar de bola *(Risos)*.

Entrevistadora: Você joga bola com quem Denis?

Com os meus amigos, ali da minha rua.

Entrevistadora: Da sua rua?

Hunrum.

Entrevistadora: Você tem parentes morando perto?

Não.

Entrevistadora: Estes seus irmãos são mais novos ou mais velhos?

Mais velhos.

Entrevistadora: Os dois?

Não, são mais novos.

Entrevistadora: Mais novos que você?

É, hunrum.

Entrevistadora: Pronto. Denis, se a tia perguntar pra você assim: o que é saúde pra você? O que vem à cabeça?

Saúde?

Entrevistadora: O que é ter saúde?

É poder, assim, brincar bastante. É poder, é... Como é que se diz? É poder... Se exercitar, é poder isto! (*Riso tímido*).

Entrevistadora: E se a tia perguntar assim: Denis, o que poderia interferir na sua saúde? Poderia tirar a sua saúde, poderia diminuir a sua saúde. Alguma coisa vem à cabeça?

Que podia diminuir?

Entrevistadora: É, que você diria assim: Isto poderia tirar a minha saúde.

Não sei. Alguma tragédia!

Entrevistadora: Alguma tragédia?

É.

Entrevistadora: Que tipo de tragédia? Você consegue explicar?

Por exemplo: pegar uma doença feia assim, doença feia...

Entrevistadora: Hunrum.

Cair assim, quebrar alguma coisa, interferia.

Entrevistadora: Entendi. E o que poderia interferir na saúde da sua família, das pessoas que moram com você?

O que poderia interferir?

Entrevistadora: É, poderia também tirar a saúde deles.

É... (*Pausa*) tira a saúde deles né?

Entrevistadora: Hunrum.

Não vem nada na minha cabeça não (*Riso tímido*).

Entrevistadora: Pode até ser as mesmas coisas né?

É, pode ser.

Entrevistadora: É, meu amor, e o que você entende por violência? Quando a tia fala assim: Violência. Esta palavra, o que vem à cabeça?

Violência?

Entrevistadora: É.

Violência é bater, espancar, é... Estas coisas que estão acontecendo contra as mulheres assim, tudo isto.

Entrevistadora: Você sabe algum outro tipo de violência, sem ser bater, espancar?

Hum... Violência... Hum hum.

Entrevistadora: Não?

Não, só isto mesmo.

Entrevistadora: Meu amor, na sua vida você já presenciou alguma vez alguma cena de violência? Já viu alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Nem na sua vida, pessoalmente, nem na televisão?

Vi na televisão!

Entrevistadora: Como é que foi?

No jornal, assim, um câmara pegou o homem batendo na mulher.

Entrevistadora: Como você se sentiu?

Hum, sensação de ódio assim...

Entrevistadora: E na sua casa, dentro da sua, você já viu alguma cena de violência? Qualquer tipo de violência acontecer?

Huum... (*Pausa*)

Entrevistadora: Das que você falou: bater, gritar...

Já, que meu pai já assim, já brigou com a minha mãe assim.

Entrevistadora: Hanram. Você viu?

Vi, algumas vezes.

Entrevistadora: Como você se sentiu?

Assim, me senti triste né? “Fazer” com que eles brigassem...

Entrevistadora: Você acha que esta cena do seu pai brigando com a sua mãe, ela de alguma forma pode interferir na escola? No jeito que você é na escola?

Pode.

Entrevistadora: Como?

Por causa que teve um dia que eu não vim porque ele tava só me chamando com a minha vó, aí não deu certo eu vir pra escola.

Entrevistadora: Você acha que isto também interfere na sua nota, no seu rendimento, no jeito que você estuda?

Sim, por causa que ele fala comigo assim, aí eu fico pensando. Não consigo fazer a atividade, nem nada.

Entrevistadora: Aí como você se sente?

Me sinto triste!

Entrevistadora: Aí depois consegue voltar a estudar ou demora voltar a estudar?

Conseguo estudar assim.

Entrevistadora: Depois?

Depois eu me esqueço disto, aí eu volto a fazer as coisas que eu fazia.

ENTREVISTA COM ALAN

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Fale o que vier na sua cabeça, tá bom? E como eu falei da outra vez, o seu nome não vai pra nenhum lugar e a tia só está gravando pra lembrar o que você falou, tá bom? Porque são muitas crianças e eu tenho que lembrar o que cada uma disse. Eu queria que você ficasse um pouquinho mais perto e queria primeiro que você dissesse o seu nome, com quem que você mora em casa e o que você mais gosta de fazer.

Eu moro com o meu pai, com a minha mãe e com os meus irmãos.

Entrevistadora: O nome é?

Meu nome?

Entrevistadora: Hunrum.

Alan e eu gosto de jogar bola.

Entrevistadora: Gosta de jogar bola. Joga bola com quem?

Com os meus amigos.

Entrevistadora: Da rua mesmo?

É.

Entrevistadora: E os da família? Não gostam de jogar não?

Jogam.

Entrevistadora: De vez em quando?

É.

Entrevistadora: Pronto. Alan, eu queria que você me falasse o que é saúde pra você?

É... Ficar muito bem, não ficar machucado, não pegar doença... E cuidar do corpo também pra não se machucar e só!

Entrevistadora: E você acha bom ter saúde?

Sim.

Entrevistadora: E se a tia perguntar assim: Alan, o que poderia interferir na sua saúde? Tirar a sua saúde ou dificultar a sua saúde?

Me machucar... Quebrar o braço... O que mais? (*Pausa*) Pegar doença grave e só.

Entrevistadora: E na saúde da sua família? O que poderia interferir na saúde da sua família?

Confusões, é... Brigas e doenças.

Entrevistadora: Ótimo. O que você entende por violência? Quando a tia fala assim: o que é violência? O que vem à cabeça?

É agressão, bater nas mulheres, é... Bater em criança e só.

Entrevistadora: E você já presenciou, já viu, alguma cena de violência na sua vida?

Já.

Entrevistadora: Onde foi que aconteceu?

Na minha rua.

Entrevistadora: Foi? E como foi esta cena de violência?

Tinha uma menina lá no terreiro e a mãe dela tava lá dentro e ela tava fazendo atividade, e a mãe dela mandou ela fazer um “negócio” e ela não quis ir e ela (*a mãe*) rebolou uma chinela.

Entrevistadora: Como que você se sentiu vendo isto?

Triste.

Entrevistadora: E como que você acha que a criança se sentiu?

Violentada.

Entrevistadora: Você acha que doeu?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Ela não deve ter gostado né?

É.

Entrevistadora: E, Alan, você já viu algum dia na vida, algum tipo de violência, qualquer tipo, na sua casa?

Não.

Entrevistadora: Dentro de casa nunca viu?

Hum hum *(Faz sinal negativo com a cabeça)*

Entrevistadora: E aquelas crianças que vivenciam a violência, que já passaram por violência dentro de casa, como que você acha que elas são na escola?

(Pausa) É... Outras pessoas?

Entrevistadora: Você acha que elas são outras pessoas?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: o que muda? O que elas são diferentes?

(Pausa)

Entrevistadora: Como que elas ficam?

Ficam muito tristes e só.

Entrevistadora: Então você acha que quem sofre violência muda na escola?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: E com relação às notas, você acha que muda as notas da criança, o jeito que ela estuda?

Muda.

Entrevistadora: O que acontece?

É... (*Pausa*)

Entrevistadora: As notas ficam como?

Ficam baixas das notas que elas ganhavam.

ENTREVISTA COM VITÓRIA

Entrevistadora: Como a tia já falou das outras vezes, meu nome é Marianne, a tia não é professora, ela é fisioterapeuta, mas dá aula para adultos. Eu vim de Teresina para terminar os meus estudos aqui, por isto eu estou fazendo a pesquisa com vocês, mas eu sou de Chaval, nasci aqui, morei até os 18 anos aqui e sempre retorno porque é a minha cidade, só tenho que sair pra estudar. Aí a tia vai fazer algumas perguntas, mas primeiro que queria que você falasse um pouquinho sobre você: seu nome, o que você gosta de fazer, com que você mora...

Meu nome é Vitória, eu moro com a minha mãe e com os meus dois irmãos. É dividido, de manhã eu passo o dia na casa da minha vó e à noite eu costumo dormir com a minha mãe. Eu gosto de ler, gosto muito de ficar só, gosto de sair (*sorriso*), gosto de brincar, gosto de estudar. Tem hora que eu sou um pouco barulhenta, bagunceira, mas é o meu jeito. Gosto de cantar (*Pausa*), alguma coisa mais? Tenho 12 anos e o meu pai faleceu quando eu tinha uns 7 anos a 6 anos de idade e tenho dois irmãos por parte de mãe e quatro irmãos por parte de pai.

Entrevistadora: Pronto, eu queria saber o que é saúde pra você? Você tem alguma ideia do que seja saúde?

É tudo na vida porque tipo assim, se a gente não tem a saúde a gente não tem praticamente nada.

Entrevistadora: Hunrum e você sabe me dizer alguma coisa que pode interferir na sua saúde?

Como assim?

Entrevistadora: Que pode tirar a sua saúde, prejudicar a sua saúde...

Quando, tipo assim, alguém, tipo, eu comer um alimento que não é pra comer aí isto pode interferir, como tipo: se eu tomar café e ao mesmo tempo comer uma fruta como banana ou goiaba, isto pode prejudicar muito.

Entrevistadora: E você sabe dizer alguma coisa que pode interferir na saúde da sua família, das pessoas que moram com você, seus familiares?

Eu acho que sim, tipo assim, meu tio, não, meu irmão ele se levanta umas 9 horas, aí ele vai logo tomar café e na hora que ele termina de tomar o café quente ele bebe uma água bem gelada. Eu acho que isto pode interferir né?

Entrevistadora: Na saúde da sua família?

É, tipo isto.

Entrevistadora: Hanram, e o que você entende por violência? O que é violência pra você?

Violência pra mim é tipo uma criança a cada 24 horas, uma criança ou adulto tia, ele sofre violência por qualquer coisa a maioria das pessoas sofre violência.

Entrevistadora: E o que seria esta violência?

Tipo bater, puxar cabelo, tipo, acaba machucando.

Entrevistadora: E você já presenciou alguma cena de violência na vida?

Eu acho que sim, quando a minha mãe bate na minha irmã ou quando as meninas brigam aqui na escola. Eu acho que sim.

Entrevistadora: Como que você se sente quando você vê uma cena de violência?

É sei lá, aterrorizante, porque quando a gente vê/presencia um tipo de violência dá vontade da gente correr, fugir, sair de casa... estas coisas sabe? É muito triste tia.

Entrevistadora: E na sua casa, você já presenciou algum tipo de violência?

Eu acho que sim, quando meu tio bateu no meu outro tio. E eu já presenciei meu irmão brigando na rua.

Entrevistadora: Como você acha que essas cenas de violência que acontecem na sua casa podem interferir na sua vida?

Tipo porque uma pessoa quando mora com a outra e é vítima de violência, quem vê isto pode praticar violência.

Entrevistadora: E você acha que isto pode interferir de alguma forma na escola?

Sim, porque, tipo, a educação que a gente tem em casa, a gente tem na rua, na escola e em qualquer outro lugar e eu acho que sim porque se eu tiver uma mal educação, uma mal influência em casa, na escola eu vou ter esta mal influência e esta/este mal comportamento também.

ENTREVISTA COM SOFIA

Entrevistadora: Eu já me apresentei pra vocês quando fui à sala, mas eu vou falar de novo, meu nome é Marianne, a tia é fisioterapeuta, todo mundo perguntou se a tia é professora, mas ela só dá aula pra adulto, queria dá aula pra vocês, mas a gente vai ver o que a gente faz. Eu estava estudando fora, morando fora e eu vim pra cá pra terminar esta parte de estudos, como eu já tinha dito, vim de Teresina pra cá pra terminar, mas a tia é de Chaval. Eu morei aqui até os 18 anos, é a minha cidade, é pra onde eu sempre volto e onde está a maior parte da minha família. Então a partir disto que a tia falou, eu queria que você falasse um pouquinho sobre você: seu nome, o que você gosta de fazer, com quem que você mora...

Meu nome é Sofia, eu gosto muito de brincar um pouquinho e um pouquinho de ler. Eu não gosto muito de falar sobre a minha mãe porque ela é lésbica e... a minha mãe, ela trabalha de costureira e eu moro com a minha tia, não moro com a minha mãe, a minha mãe mora lá em Fortaleza.

Entrevistadora: Você mora com a sua tia e seu pai ou só com a sua tia?

Com a minha tia e com meu pai.

Entrevistadora: Hum, e a sua irmã?

Hunrum, eu tenho três irmão.

Entrevistadora: Hunrum, pronto. Sofia, o que você entende por saúde? O que é saúde pra você?

Saúde pra mim é... *(Silencia e olha para os lados como se procurasse uma resposta, retorna o olhar a mim)*

Entrevistadora: Não sabe o que é ter saúde? o que é ser saudável?

Pra mim saúde é não bulir nas coisa que tem, tipo, bactérias dentro da água cheia de bactérias e não mexer em coisas, tipo, maçã estragada? Aí a gente sempre, as maçãs que a gente, sempre as maçãs que estão estragadas nós tem que botar no cesto, no cesto de lixo.

Entrevistadora: Hunrum, e meu amor o que você acha que poderia interferir na sua saúde? Diminuir a sua saúde ou tirar a sua saúde?

Tipo...por exemplo, eu vou tipo botar meus pés numa água quente cheia de... cheia de bactérias. Aí no outro dia eu posso ficar doente, tipo que nem hoje que eu tou doente.

Entrevistadora: E o que poderia interferir na saúde da sua família?

Minha família... a minha tia fuma cigarro e eu acho que o cigarro faz muito mal pros adultos.

Entrevistadora: Hunrum, você acha que isto pode interferir na família toda?

E também a fumaça vai... a tia fuma perto da gente, aí a gente fica gripado e a fumaça pode ir pros pulmão da gente.

Entrevistadora: E o que você entende por violência? O que é violência pra você?

Violência é algumas pessoas ficar batendo umas nas outras, é, umas bebe e fica arrumando confusão.

Entrevistadora: E você já presenciou alguma cena de violência na sua vida?

Na minha vida já.

Entrevistadora: E onde foi?

Foi aqui em Chaval... em vários lugares, Fortaleza... Foi a minha mãe às vezes...

Entrevistadora: Como que você se sentiu?

Mal.

Entrevistadora: E na sua casa, você já presenciou algum tipo de violência? Dentro da sua casa?

Não, só minha tia e meu pai que se discutem porque a minha tia se separou do meu pai, aí meu pai vai visitar eu e os meninos. A minha tia tá com outro homem, aí o pai vai, aí o pai começa a confusão.

Entrevistadora: Que ele não tá mais morando na casa?

É.

Entrevistadora: E você acha que estas cenas de violência que você já viu, elas podem interferir na sua vida?

Eu acho que sim.

Entrevistadora: Por quê?

Porque, sei lá, a mãe, ela briga demais com a minha vó que eu chamo ela de mãe, meu pai com a minha tia... Hoje mesmo a minha tia bateu no meu pai, mas o pai agora eles estão desunidos.

Entrevistadora: Você acha que isto pode interferir na escola?

Pode.

Entrevistadora: Pode como?

Um dia, a minha amiga Silvia que estuda ali mais eu, à tarde, ela brigou com uma menina daqui também, brigaram lá no Monsenhor (outra escola) de trás de onde elas moram. Aí brigaram lá que ela disse, a Silvia disse pra mim.

Entrevistadora: Hunrum, e este tipo de violência que você disse que viu na sua casa, estas cenas de violência. Você acha que elas podem interferir no jeito que você estuda? No jeito que você fica na sala de aula?

Acho que não.

Entrevistadora: Não muda nada?

(Fez Sinal negativo com a cabeça).

ENTREVISTA COM NATHAN

Entrevistadora: Boa tarde, eu vou falar um pouquinho de mim pra você primeiro tá bom? Como a tia já tinha falado, meu nome é Marianne, eu sou fisioterapeuta e já estou aqui há alguns dias tentando fazer minha pesquisa com vocês, certo? Por isto que a tia já veio mais de uma vez pra aplicar a escala, falar com os pais e a gora é a vez de conversar com você. A tia veio lá de Teresina para terminar a pesquisa aqui, mas ela é de Chaval, nasci e morei muito tempo aqui em Chaval e eu queria que você falasse um pouquinho sobre você: seu nome, do que você gosta de brincar, pode falar?

Meu nome é Nathan *(olhando para o chão e direcionando poucas vezes o olhar para a entrevistadora)*, eu gosto de brincar de bola, andar de bicicleta, como, assisto e estudo.

Entrevistadora: Você gosta de estudar?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Você gosta desta escola?

Hunrum.

Entrevistadora: Pronto. Nathan, o que é saúde pra você?

Eu acho bom minha saúde.

Entrevistadora: Acha bom? Você tem alguma ideia do que é saúde?

(Silêncio)

Entrevistadora: O que é ter saúde?

(Silêncio). Não sei não tia.

Entrevistadora: Sabe não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E você sabe o que poderia interferir nessa sua saúde?

Hunrum.

Entrevistadora: O que pode interferir na sua saúde?

(Silêncio)

Entrevistadora: O que pode tirar a sua saúde?

Uma coisa pode até tirar a minha saúde (*mãos cruzadas e olhar para o chão*). Uma coisa...

(Silêncio)

Entrevistadora: Você sabe que tipo de coisa pode tirar a saúde?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: O quê?

Não sei não tia.

Entrevistadora: E o que poderia interferir assim na saúde da sua família, de quem mora com você?

Meu pai, minha mãe, meus irmãos...

Entrevistadora: Pronto, o que poderia interferir ou tirar ou de alguma forma modificar a saúde da sua família?

É isso aí, porque a minha família é tipo uma coisa assim que é deste jeito.

Entrevistadora: Hum.

Tem vezes que eles brigam, brigam por alguma coisa, se bate depois, aí é uma confusão, aí é uma confusão lá em casa.

Entrevistadora: É? E você acha que isto pode tirar a saúde deles?

Hunrum.

Entrevistadora: E o que você entende por violência? O que é violência pra você?

Acho que não tem a violência.

Entrevistadora: Mas você sabe o que é a violência?

É brigas, confusões...

Entrevistadora: Huum. Só isso?

É.

Entrevistadora: E você já presenciou alguma cena de violência?

Hunrum.

Entrevistadora: Onde?

De um filme, de desenho, toda coisa... eu vi.

Entrevistadora: E como foi? Essa violência que você viu?

Tipo “uns caras brigano” dando soco com coisa.

Entrevistadora: E você se sentiu como quando você viu isto?

Fiquei muito assustado!

Entrevistadora: Ficou?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: E na sua casa você já viu?

Hunrum.

Entrevistadora: Alguma cena de violência?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Qual?

De novela, de toda coisa.

Entrevistadora: E com as pessoas da sua casa, você já viu?

Hunrum.

Entrevistadora: Com quem?

Tem vezes que eu vejo meu pai briga com a minha mãe, mas não é murro não, eles ficam “brigano” mesmo.

Entrevistadora: Brigando discutindo?

É.

Entrevistadora: E como que você acha que estas cenas de violência que você disse que viu na sua casa podem interferir na escola? Você acha que pode?

Não, pode não.

Entrevistadora: Acha que não pode interferir na escola?

Não.

Entrevistadora: Você acha que não afeta quando você estuda?

É (*Fazendo sinal positivo com a cabeça e interrompendo minha fala*).

Entrevistadora: Nem nada deste tipo?

Não, pode isto aí não.

Entrevistadora: Então você acha que esta violência de casa não interfere na escola?

É.

Entrevistadora: Por quê?

Porque tem muita... é porque eles ficam “brigano” na escola, a professora dá por favor pra eles e eles ficam continuando “brigano”.

Entrevistadora: Então você acha que é diferente? (*É*) Essa violência de casa e a da escola?

(*Faz sinal positivo com a cabeça*)

ENTREVISTA COM CAROL

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria começar perguntando o seu nome, com quem que você mora em casa e o que você mais gosta de fazer quando não tá na escola. *(Pausa)* Pode dizer.

Meu nome é Carol, eu moro com a minha tia porque a minha mãe tá viajando e quando eu não tou na escola eu gosto de ficar estudando, brincar, assistir...

Entrevistadora: Você tem irmãos?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Eles não moram com você não?

Só um.

Entrevistadora: É menino ou menina?

Menino.

Entrevistadora: Ele é mais novo ou é mais velho?

Mais novo.

Entrevistadora: Mais novo. E o seu pai? Você conhece o seu pai?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Ele mora com você não?

Ele trabalha fora. Ele trabalha em São Paulo.

Entrevistadora: Aí sua mãe foi pra lá?

Ela tá em Jijoca.

Entrevistadora: Certo. Aí você ficou morando com a sua tia enquanto sua mãe volta?

Hunrum.

Entrevistadora: E o seu pai só vem de vez em quando porque está trabalhando?

É.

Entrevistadora: Meu amor, se a tia perguntar o que é saúde pra você? O que é ter saúde?

(Pausa)

Entrevistadora: Pode pensar.

(Pausa) É o modo de vida da gente viver bem, sem ter nada pra atrapalhar, tendo saúde pra gente fazer o que a gente gosta, o que a gente quer.

Entrevistadora: E se a tia perguntar uma coisa que vem à cabeça que você acha que poderia interferir na sua saúde? Algo que poderia tirar a sua saúde ou diminuir a sua saúde. O que você consegue imaginar? O que pode atrapalhar a nossa saúde?

Doenças, problemas...

Entrevistadora: E a saúde da sua família? O que pode atrapalhar a saúde das pessoas que moram com você?

Problemas também.

Entrevistadora: A mesma coisa né?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Meu amor e se a tia perguntar o que é violência pra você? O que vem à cabeça quando a tia fala esta palavra?

(Pausa) É o ato das pessoas de querer tá discriminando as pessoas, batendo nos outros por elas serem diferentes, por elas quererem uma coisa que não tem e acabar roubando, batendo nos outros.

Entrevistadora: Ótimo. E você, na vida, já presenciou alguma cena de violência?

Já.

Entrevistadora: Onde?

Na minha casa mesmo.

Entrevistadora: Como foi?

É por causa que o meu tio ele bebia, aí quando ele chegava em casa ele acabava bagunçando, aí a vó e a minha tia começava a brigar com ele. Aí ele pegava faca, saía correndo atrás das pessoas que tava dentro de casa, mas ele parou já.

Entrevistadora: E você morava com elas nesse período?

Hunrum.

Entrevistadora: Você viu isto?

Vi.

Entrevistadora: Como você se sentiu quando aconteceu?

É... Espantada, preocupada...

Entrevistadora: Carol e por ter vivido isto, esta cena de violência, isto aconteceu outras vezes ou foi só esta vez?

Foi só esta.

Entrevistadora: E você acredita que esta cena pode de alguma maneira interferir no jeito que você é na escola, pra estudar, nas notas ou não influencia em nada?

Não.

Entrevistadora: E as crianças que sofrem violência em casa, que apanham, que são xingadas, alguma coisa deste tipo, você acha que elas são diferentes na escola ou são do mesmo jeito?

Pra mim, eu acho que são diferentes.

Entrevistadora: São diferentes como? O que elas mudam?

O jeito, porque se elas apanham em casa elas tem medo de apanhar no lugar e acabam se danando, bagunçando, fazendo coisa errada...

Entrevistadora: Mas esta situação de violência que você viveu não interferiu no jeito que você é na escola?

Hum hum.

Entrevistadora: Você acha que porque não alterou?

Porque eu não penso nas violências que vivi em casa, eu penso em mim e no meu futuro.

ENTREVISTA COM BIA

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu vou gravar nossa conversa só pra tia lembrar depois do que você falou, mas o seu nome e qualquer informação que tenha haver com você não vai pra lugar nenhum, como eu já tinha falado antes. Eu vou saber o que você disse, mas ninguém mais vai saber, certo? Eu queria que você dissesse o seu nome, com quem que você mora aqui em casa e o que você mais gosta de fazer quando não está na escola?

Eu, meu nome é Bia... Eu moro com a minha mãe, com o meu padrasto e meus irmãos. Quando eu não tou na escola, eu gosto de ler livro, porque eu gosto de estudar, eu gosto de escrever. Eu gosto de desenhar também. Aí quando eu não quero mais desenhar né? Eu gosto de jogar bola com as minhas irmãs, aí quando chega o dia da escola aí eu gosto de ficar estudando.

Entrevistadora: Você tem quantos irmãos?

Eu tenho quatro.

Entrevistadora: Moram todos com você?

Não, só três, porque a outra é mulher e ela “tá junta”.

Entrevistadora: E o seu padrasto, você mora com ela há muito tempo?

Desde quando eu tinha dois ou três anos.

Entrevistadora: E o seu pai, você conhece ele?

Conheço.

Entrevistadora: Ele também mora aqui?

Não, ele mora lá em Parnaíba.

Entrevistadora: Você é da cidade mesmo ou é do interior?

Eu sou daqui mesmo.

Entrevistadora: De Chaval mesmo? Porque tem algumas crianças são do interior, vem no carro, aí por isto eu perguntei. Meu bem, se a tia disser assim: Bia, o que é saúde pra você? O que vem à cabeça?

É... Saúde?

Entrevistadora: É. O que é saúde? O que é ter saúde?

(Pausa) Não sei. *(Silêncio)*

Entrevistadora: Pode falar o que vier à cabeça, o que você imaginar... Não tem resposta certa e errada aqui, é o que você imaginar. E também não tem problema se você não imaginar nada.

Saúde pra mim é... *(Pausa)* Não sei, é... Felicidade.

Entrevistadora: É felicidade... Mais alguma coisa?

Ter muita alegria.

Entrevistadora: Você acha que saúde tem alguma relação com doença?

Tem.

Entrevistadora: Qual?

Quando a gente tá tipo gripado né?

Entrevistadora: Hunrum.

A gente não fica bem da saúde né?

Entrevistadora: Hunrum.

Aí com febre também.

Entrevistadora: Hunrum.

É aí tem outras doenças.

Entrevistadora: E o que você acha que poderia interferir na sua saúde? Poderia diminuir a sua saúde, tirar a sua saúde...

Se eu tivesse com alguma doença?

Entrevistadora: É. uma doença acaba tirando a nossa saúde né?

Hunrum.

Entrevistadora: E o que poderia tirar a saúde da sua família? Você diria assim: Isto tia poderia mudar a saúde de quem mora comigo, da minha família.

É porque tipo, tem meu irmão né? Que ele quer morar com a minha vó e ela não é muito bem da saúde, que ela toma remédio, aí ela não pode sentir muita raiva não que ela, como é? Eu acho que é “EVA” que ela tem, aí o meu irmão quer morar mais ela, aí quando vem alguma notícia ruim pra ela, ela tem que tomar primeiro o remédio dela pra depois a gente falar pra ela. Aí o meu irmão quer morar mais ela, mas ela não quer porque ele pode fazer raiva ela e ela sai todo dia, aí ela não gosta não. Se pelo menos ele ficasse lá, só La, fazendo as coisas pra ela né? Ele dá muita raiva pra ela.

Entrevistadora: Entendi. Meu amor e o que é violência pra você? Esta palavra, o que vem na cabeça quando fala: violência?

Violência é as coisas ruins que acontecem com as pessoas.

Entrevistadora: Hunrum.

Se, quando uma criança tá na rua assim, sozinha sem os pais, tipo na praça brincando sem os pais tá de olho, aí vem um adulto né? Mal. Aí quer bater na criança, levar ela pra outro lugar.

Entrevistadora: Hunrum.

Aí a família vai procurar a criança e ela não tá mais no lugar onde a família deixou porque eles não tomaram cuidado com a criança.

Entrevistadora: Hunrum e você já viu algum dia, alguma cena de violência?

Violência já, com a minha irmã, a pequenininha.

Entrevistadora: Como foi?

Olha, é porque ela ia pra casa da minha dela todo dia que meu tio, que é meu padrasto, ia deixar ela na casa desta menina pra ele brincar mais ela, uma meninazinha do tamanho dela, pequena também. Ela morava lá na rua do bosque.

Entrevistadora: Hunrum.

Aí ela ia pra lá todo dia, aí um dia ela levou a Laís um dia pra praça e brigou com ela aí ela deixou a menina sozinha lá, chorando. Aí quando meu tio foi buscar ela, ela tava chorando lá na praça sozinha. E a mãe dela (da outra menina) não falou nada.

Entrevistadora: Hunrum e como você se sentiu quando isto aconteceu?

Eu?

Entrevistadora: Hunrum.

Eu não gostei do que a mulher fez com ela não né? Porque é maltratar ela né? Ficar maltratando a criança, deixando ela sozinha na praça, porque vai que um adulto leva ela de lá e quando ele fosse buscar ela e ela não tivesse mais lá? A mulher podia até ser presa né? Porque ela não teve cuidado com ela.

Entrevistadora: Hunrum.

Se meu tio leva ela pra brincar com a menina, ela tem que ter cuidado com ela né?

Entrevistadora: É. Meu amor, e na sua casa, dentro de casa, você já viu algum dia, alguma cena de violência? Destas que você falou, bater, falar coisa feia...

Já. É porque ó... é porque lá em casa tem uma mulher, ela não bate muito bem da cabeça, é porque ela normal assim como a gente, mas ela fala sozinha, teve um dia que ela bateu até no meu irmão.

Entrevistadora: Ela mora onde?

Ela mora com a gente. Ela é “doidinha” (*Risos*).

Entrevistadora: Hunrum.

E dizem que a gente não pode duvidar nada de doido né? Ela não é boa do juízo. Ela fica em casa porque ela é irmão do meu tio, padrasto, é que eu chamo ele de tio. Aí ela mora lá mais ela, aí quando minha mãe e ele sai né? Porque minha estuda aqui, de noite, aí uma vez quando meu irmão tava lá né? Ela falou sozinha, aí ele começou a falar alto e ela acabou correndo atrás dele, aí ela bateu nele. Ela bateu muito nele.

Entrevistadora: Você acha que o seu irmão, por ter sofrido esta violência dentro de casa, você acha que isto pode interferir no jeito que ele é na escola?

Que ele é como assim? Ele bate nos alunos?

Entrevistadora: Não, tipo assim: as crianças que sofrem violência em casa, você acha que elas são diferentes na escola, na sala de aula, no jeito que elas estudam, nas notas?

O meu irmão, ele não fica brigando com os “culumin” dentro da sala não, fica só brincando mesmo.

Entrevistadora: Hunrum.

Ele é muito diferente do que ele é lá em casa, aí na sala ele só fica brincando mesmo com os colegas, assim né? Quando é na hora do recreio. Mas os colegas não gosta muito das brincadeiras né? Tem aluno que gosta de brincadeira e tem aluno que não gosta.

Entrevistadora: Hunrum. Então você acha que não interfere, a violência em casa não muda o jeito da criança na escola?

Eu acho que muda né?

Entrevistadora: Você acha que muda como? A criança fica como?

É, na escola, eu acho tipo... A doida da mulher que mora lá em casa, ela também já me bateu né? É porque eu não falava nada com ela. Aí, como ela fala sozinha, umas palavras e um bocado de besteira. Aí eu aprendi na escola, nas atividades de religião que quando tem uma pessoa que não bate bem da cabeça a gente não pode fazer nada, porque quando a gente intima muito com a pessoa ela não gosta, ela fica falando, intima comigo, balança a cabeça e acaba batendo na gente. Aí eu acho que isso muda, pra mim né? Eu acho.

ENTREVISTA COM AMÁLIA

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu vou começar perguntando o seu nome, com quem que você mora e o que você mais gosta de fazer.

Meu nome é Amália, eu moro com a minha mãe e os meus três irmãos e o que eu mais gosto de fazer é brincar, estudar, estas coisas né?

Entrevistadora: Ótimo. Amália, o que é saúde pra você? O que é ter saúde?

Saúde assim pra gente é ter assim, a gente ter um bem-estar. Assim, se cuidando bem, se preservando assim, cuidando da nossa vida né? Pra não acontecer nada de ruim, não ter doenças graves, assim.

Entrevistadora: E o que você faz pra cuidar da sua vida?

Hum (*Pausa*), eu assim, eu me cuido né? Porque eu também tenho tipo um problema né? De respiração, às vezes, tipo assim um problema de asma, mas não é asma. Aí eu evito pegar poeira, eu me cuido, me preservo dentro de casa. Não pego muito sol, aí minha mãe cuida muito bem de mim, aí eu também tenho que compreender né?

Entrevistadora: Hunrum. Meu amor e se a tia perguntar qual seria uma coisa que poderia interferir na sua saúde, poderia prejudicar a sua saúde. O que você me diria? Tem alguma coisa que pode prejudicar a sua saúde?

Não sei tia.

Entrevistadora: E a saúde da sua família, das pessoas que moram com você? O que poderia prejudicar a saúde da sua família?

Assim, da minha família, até que minha vó, ela mora aqui viu? Eu sinto muito medo dela ir agora por causa que ela tem assim umas muitas doenças. Ela toma muitos remédios, eu acho que é pressão, colesterol, diabetes... aí assim, só que tomara que ela fique boa né? Cuide bem assim, aí ela quase não pode andar, aí ela que faz o almoço, não é boa da visão, tem vezes que ela nem reconhece os netos dela que é a gente. Ontem a gente foi pra casa dela, ela não reconheceu a minha irmã mais velha, ela pensou que era a outra, minha prima!

Entrevistadora: Olha! E quem cuida dela?

Assim... ela mesmo se cuida, mas assim, mora com ela o meu tio e o neto dela, mas assim, ela que se cuida. Assim, ela mesma.

Entrevistadora: Hunrum. Meu amor e se a tia perguntar o que é violência pra você? O que vem à cabeça? O que você acha que é violência?

Violência pra mim... é a pessoa assim, tem uma pessoa lá na minha rua que a gente não pode brincar na nossa calçada, se a gente pegar uma bola pra nós brincar, ela já vem e começa a brigar. Teve um dia que ele pegou até a faca pra cortar a nossa bola (*Abre mais os olhos e se aproxima de mim*).

Entrevistadora: Huum.

Tem gente lá na nossa rua que é muito violento.

Entrevistadora: Aí este tipo de coisa é violência pra você?

Hunrum. E também teve uma briga muito feia lá na minha rua. Desde este dia eu não gosto de ver estas coisas, eu fico tipo assim passando mal. Aí pra mim violência é uma coisa muito ruim, prejudica a nossa vida né? Até assim né? Tem muitas famílias que é separada por causa da violência. Como a tia tava dizendo na aula, que teve um namorado da mulher que deixou ela desfigurada, bateu nela e muito!

Entrevistadora: Hunrum.

Pois é, violência é muito ruim pra nossa vida.

Entrevistadora: Então você já viu cenas de violência, como você contou da sua rua. Como que você se sentiu quando você viu?

Me senti assim, me senti assim, vendo aquilo ali pra mim foi ruim. Ele... e a fala que ele falou... A mãe, a minha mãe não deixou ele bater, mas como ele, o homem lá, é violento, a mãe falou assim: *não faça isso não, não faça isso*. Só que ele fez. Aí ele falou deste jeito assim: *Eu só não te mato porque tem gente olhando!* Ele falou desse jeito, foi ruim nesse dia que eu vi. E teve outra briga também que, tem um homem lá na nossa rua que às vezes eu tenho até medo dele, é um... Ele é muito violento. Só que agora ele é um homem legal, só que quando ele tá bêbado assim... Droga né? Ele não chega perto dele, nem nada, nem falam com ele, eu só falo com ele assim por longe, mas eu tenho medo, muito medo dele.

Entrevistadora: Hanram. E na sua casa, você já viu alguma cena de violência dentro de casa? De qualquer tipo.

(*Pausa*) Não. Só briga assim, mas por boca, não é mais assim, violência de bater mesmo não. Briga assim é só de irmão mesmo que nós briga muito, só isto mesmo.

Entrevistadora: Você acha que estas crianças que passam por violência em casa, elas são diferentes na escola? Isto pode afetar o jeito que elas são na escola?

Pode.

Entrevistadora: Como?

A pessoa fica mais quieta, a gente vai lá perguntar e ela não tem coragem de falar porque, às vezes, é até ameaçada né? Assim, a pessoa fica muito diferente, fica, não quer fazer nada. Fica só pensativa neste dia que teve a violência, deste jeito.

Entrevistadora: Hunrum. E na sua sala, você já percebeu alguma criança mais ou menos deste jeito?

Não, percebi não. E na maioria das vezes até minhas amigas falam algumas coisas quando elas tão assim “coisada” e aí eu falo: *O que que aconteceu?* Aí elas falam pra mim.

ENTREVISTA COM NINA

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Então, eu queria que você dissesse primeiro o seu nome, com quem que você mora e o que você mais gosta de fazer.

Meu nome é Nina, eu moro com meus três irmãos e com a minha mãe e a outra minha irmã já se “juntou” e eu gosto de andar de bicicleta.

Entrevistadora: É o que você mais gosta de fazer?

É.

Entrevistadora: E a escola? Você gosta de vir pra escola?

Sim, muito.

Entrevistadora: Pronto. Nina, se a tia disser: O que é saúde pra você? O que vem à cabeça?

A saúde é uma pessoa que tem saúde e que não é doente, que ela tem saúde, que ela é boa.

Entrevistadora: Hunrum. E o que você acha, o que vem à cabeça quando a tia diz assim: Alguma coisa que poderia interferir na sua saúde? Que poderia dificultar, que poderia diminuir a sua saúde?

(Pausa)

Entrevistadora: Vem alguma coisa na sua cabeça?

Não.

Entrevistadora: Algo que eu diga assim: Ah! Isto pode tirar a minha saúde.

Quando uma pessoa fica doente, aí ela morre. Aí tirou a saúde dela.

Entrevistadora: E a saúde da sua família? O que poderia dificultar ou tirar a saúde da sua família?

Elas ficarem doentes. Aí ir pro hospital, aí lá passar muitos tempos doentes e depois morrer.

Entrevistadora: E quando a tia fala assim: O que é violência pra você? O que vem à cabeça? Você entende alguma coisa do que seria violência?

Violência é quando uma pessoa é... Maltrata a outra pessoa, diz coisas que não pode com essa outra pessoa e faz uma violência com ela.

Entrevistadora: E o que seriam estes maus-tratos? Como é maltratar uma pessoa?

Como bater, como é... enforcar, é... cortar o “coisa” dela...

Entrevistadora: Como você acha que a pessoa que é vítima, que sofre esta violência se sente?

Se sente com medo, sente... tá pensando que vai nessa hora, vai acabar morrendo e tá com medo, muito medo.

Entrevistadora: E você já viu algum dia na vida alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Nem na sua frente, nem na televisão?

Ah! Na televisão vi já.

Entrevistadora: E como você se sentiu quando assistiu isto?

Fiquei com medo.

Entrevistadora: Ficou?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: E na sua casa, você já viu algum dia?

Não.

Entrevistadora: Nenhum tipo de violência?

Não.

Entrevistadora: Como você acha que essa violência pode interferir na escola das crianças que sofrem violência em casa? Você acha que as crianças que sofrem violência em casa, elas são diferentes na escola? Elas mudam o jeito ou não?

São. Elas não falam muito com as pessoas, elas sentem medo das pessoas, também.

Entrevistadora: Pronto. Você já viu na sua sala alguém mais ou menos deste tipo que tenha ficado desta forma e que você acha que ela tenha sido vítima?

Não.

ENTREVISTA COM FLÁVIA

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu quero que você diga o que vier à cabeça tá bom? O que você souber falar. Como da outra vez da Escala, o seu nome não vai pra nenhum lugar, o da tia também não vai ser escrito. É só pra ela lembrar o que você falou, tá bom? Eu queria começar perguntando o seu nome, com quem que você mora e o que você mais gosta de fazer.

Hunrum. O meu nome é Flávia, eu moro com meu pai e minha mãe e o que eu mais gosto de fazer é estudar.

Entrevistadora: Você tem irmãos?

Tenho uma irmã.

Entrevistadora: Ela não mora com você?

Não, ela mora em outra casa, ela é casada.

Entrevistadora: Ela é casada.

Hunrum.

Entrevistadora: E você gosta mais de estudar, mas qual matéria?

Matemática.

Entrevistadora: Olha, gosta mais de matemática!

(Risos)

Entrevistadora: E gosta de ler também?

Hunrum.

Entrevistadora: Flávia, se a tia disser assim: saúde. O que é ter saúde pra você?

Ter saúde é... Ser uma pessoa saudável e não comer muita besteira *(Risos)*.

Entrevistadora: O que é besteira?

É xilito, refrigerante, biscoito, pastel...

Entrevistadora: E se a tia perguntar o que pode interferir na sua saúde, dificultar a sua saúde ou tirar a sua saúde? O que vem à sua cabeça?

Tirar a saúde? é...

Entrevistadora: Que você pensa assim: se eu fizer isso ou se acontecer isso eu vou ficar sem saúde ou vai diminuir a minha saúde.

Se... eu... *(Sorriu e olhou pra baixo)*.

Entrevistadora: Se não lembrar não tem problema, tá bom?

Tá bom *(Pausa)*. Não tou conseguindo lembrar.

Entrevistadora: E se eu perguntasse assim: O que poderia interferir/dificultar a saúde da sua família? Das pessoas que moram com você? Alguma coisa vem à cabeça? O que poderia mudar ou tirar a saúde da família?

(Pausa) Não.

Entrevistadora: Meu amor e violência, o que você entende pela palavra violência? O que é violência?

Violência é quando as pessoas, alguma pessoa bate na outra, faz abuso com outra pessoa e com as crianças e adolescentes.

Entrevistadora: Só isto?

Hunrum.

Entrevistadora: Como você acha que essas crianças e adolescentes que são vítimas se sentem?

Eles se sentem... Presos. Por causa que eles estão fazendo isto por obrigação.

Entrevistadora: Ótimo. E você já viu, já presenciou algum dia na vida alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Nem pessoalmente, nem na televisão?

Na televisão já.

Entrevistadora: Como que você se sentiu assistindo?

Fiquei muito triste porque a crianças fica... Fechada, triste e sem querer ir pra escola...

Entrevistadora: E na sua casa, você já viu alguma vez, algum dia, alguma cena de violência de qualquer tipo?

Não.

Entrevistadora: Como você acha que estas crianças que sofrem violência em casa são na escola? Elas mudam, são diferentes ou não, são do mesmo jeito?

Eu acho que elas ficam mais escondidas, mais “senta” longe dos coleguinhas pra não ficar falando sobre isto.

Entrevistadora: Você já viu alguma criança assim?

Não.

ENTREVISTA COM LUNA

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria que você começasse falando um pouco sobre você, o seu nome, o que você gosta de fazer, com quem você mora.

Meu nome é Luna. Eu moro na rua do cruzeiro, eu moro com a minha mãe, com meus irmãos.

Entrevistadora: Só com a sua mãe e seus irmãos?

Hunrum. E tem um que já é casado viu?

Entrevistadora: E ele não mora em casa ou ainda continua morando?

Mora lá em Camocim. De vez em quando nós vamos lá.

Entrevistadora: Visitar ele?

Hunrum.

Entrevistadora: Luna, o que é saúde pra você?

(Olha pra mim e fica em silêncio com um pequeno sorriso no rosto como se não tivesse entendido a pergunta)

Entrevistadora: O que você entende por saúde?

É se alimentar bem... *(Silêncio)*

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

Não.

Entrevistadora: Se alimentar bem. E o que você acha que poderia interferir na sua saúde? Que poderia diminuir sua saúde, dificultar essa saúde?

(Silêncio)

Entrevistadora: Alguma coisa?

Coisas doces?

Entrevistadora: Oi?

Coisas doces?

Entrevistadora: Coisas doces. E o que mais?

Xilito (*Salgadinho de milho*)?

Entrevistadora: Xilito. Tem mais alguma coisa que poderia diminuir na sua saúde ou interferir na sua saúde?

(*Fez sinal negativo com a cabeça*)

Entrevistadora: E o que você acha que poderia interferir na saúde da sua família? Destas pessoas que moram com você?

(*Pausa*). As mesmas coisas.

Entrevistadora: As mesmas coisas?

(*Fez sinal positivo com a cabeça*)

Entrevistadora: E o que você entende por violência? O que é violência pra você?

As pessoas agredindo crianças (*Pausa*).

Entrevistadora: O que mais?

As pessoas dizendo coisas feias com as pessoas.

Entrevistadora: E como que você acha que a pessoa que é agredida ou que é chamada de nomes feios se sente?

Como?

Entrevistadora: Como é que esta pessoa que é agredida, que é chamada de nomes feios se sente? Que é a vítima, como que ela se sente?

Triste.

Entrevistadora: E você já presenciou alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Nem na televisão, nem em casa, nem em lugar nenhum?

Não, em lugar nenhum não.

Entrevistadora: Como que você se sente ao falar de violência?

(Pausa) Triste.

Entrevistadora: Na sua casa, você já presenciou alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Como você acha que a violência ela pode repercutir, ela pode influenciar no desempenho dentro da escola da criança?

(Silêncio)

Entrevistadora: Tipo assim, a criança sofre violência em casa, isto pode influenciar na escola?

Não.

Entrevistadora: Acha que não?

(Fez sinal negativo com a cabeça)

ENTREVISTA COM BRUNO

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria que você falasse um pouquinho sobre você, o seu nome, o que você gosta de fazer, com quem que você mora.

Meu nome é Bruno, eu gosto de jogar bola e moro com os meus pais.

Entrevistadora: Você mora só com o seu pai e sua mãe?

É, e os meus irmãos.

Entrevistadora: São quantos irmãos?

Dois.

Entrevistadora: Dois irmãos. É um menino e uma menina?

Não, são todos os dois homens.

Entrevistadora: Bruno, o que é saúde pra você? O que é ter saúde?

(Silencia e baixa a cabeça)

Entrevistadora: Você sabe dizer o que é saúde?

Muitão não. Muito não.

Entrevistadora: Pois fale um pouquinho sobre o que é. O que é quando a pessoa diz assim: ah, eu estou com saúde, eu tenho saúde. O que é isto?

(Silencia e baixa a cabeça, depois retorna o olhar a mim) Porque eles estão bem...

Entrevistadora: Estão se sentindo bem. Bruno e o que poderia interferir na sua saúde? O que pode tirar a sua saúde ou dificultar a sua saúde? Tem alguma coisa?

Não.

Entrevistadora: Não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E a saúde da sua família? O que poderia interferir na saúde da sua família?

(Silêncio)

Entrevistadora: Alguma coisa?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Bruno, o que você entende por violência? O que é violência pra você?

Quem mata os outros.

Entrevistadora: Quem mata os outros. O que mais?

Quem judia com as pessoas.

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

Não.

Entrevistadora: Você falou que é quem mata os outros, quem judia com as pessoas... mais alguma coisa que você acha que é violência?

Bater nas pessoas.

Entrevistadora: E como que você se sente quando alguma coisa deste tipo acontece?

Mal.

Entrevistadora: Se sente mal?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Você já presenciou ou você já viu alguma cena de violência na vida?

Não.

Entrevistadora: Nunca nem na TV, nem em casa?

Já, na TV.

Entrevistadora: Já? Como que você se sentiu?

Me senti mal.

Entrevistadora: Bruno, eu já perguntei, mas e na sua casa, você já viu alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: As crianças que passam por violência em casa, você acha que pode influenciar na escola?

(Silêncio)

Entrevistadora: Tipo assim, a criança que é vítima de violência, isto pode influenciar de alguma forma o jeito que ela é na escola?

Não.

Entrevistadora: Você acha que não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

ENTREVISTA COM PEDRO

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria começar nossa conversa dizendo que eu vou gravar pra tia lembrar o que você falou porque são vinte e quatro crianças,

mas seu nome não vai pra lugar nenhum até porque não pode escrever o nome de ninguém tá? Só o que a gente conversar aqui. Eu queria começar, perguntando o seu nome, com quem você mora e o que você mais gosta de fazer quando não está na escola?

Meu nome é Pedro, eu tenho dois irmãos, meu pai, meus irmãos e meus avós.

Entrevistadora: Hunrum.

Quando eu não tou na escola, eu gosto de... Porque lá onde eu moro é perto de uma quadra, aí eu brinco lá.

Entrevistadora: Você mora aqui em Chaval mesmo?

Não, eu morava na capital aí eu vim pra cá. Aí agora eu tou morando aqui.

Entrevistadora: Mas aqui em Chaval, na cidade ou no interior?

É aqui na cidade mesmo.

Entrevistadora: Qual capital você morava?

Fortaleza.

Entrevistadora: E a sua mãe, Pedro?

Meu pai e minha mãe são separados, aí eu vim morar com o meu pai, minha mãe mora lá (*Fortaleza*).

Entrevistadora: Hunrum, e como que você se sente com a separação deles?

Normal.

Entrevistadora: Já acostumou?

Hunrum.

Entrevistadora: Faz tempo?

(*Faz sinal positivo com a cabeça*)

Entrevistadora: Pedro, se a tia perguntar pra você assim: o que é saúde pra você? O que é ter saúde? O que você me diria?

Que... É a pessoa tá bem, com saúde, o corpo tá bem e é... (*Silêncio*)

Entrevistadora: E o que você acha, o que vem à cabeça se eu perguntar uma coisa que poderia interferir na sua saúde? O que poderia tirar a sua saúde? Diminuir a sua saúde?

(*Pausa*) É... Mosquito da dengue?

Entrevistadora: Mosquito da dengue...

É... É!

Entrevistadora: E na saúde da sua família? Das pessoas que moram com você, o que você acha que poderia interferir na saúde da sua família?

Se uma pessoa morrer.

Entrevistadora: Você acha que os outros ficariam com menos saúde?

Hunrum.

Entrevistadora: Pedro e se a tia perguntar pra você o que é violência? O que vem à cabeça quando escuta esta palavra? O que você acha que é violência?

É quando alguém bate em uma pessoa, tipo é... “Tá aqui” um homem bate numa mulher, aí isto é violência.

Entrevistadora: Você acha que tem algum outro tipo de violência, além de bater?

Tem.

Entrevistadora: Qual?

A oral.

Entrevistadora: A oral. Com é esta violência?

É quando uma pessoa diz algo com a outra pessoa, falando.

Entrevistadora: Falando algo que não é legal?

Hunrum.

Entrevistadora: E na sua vida inteira, você já viu algum dia, alguma cena de violência? Presenciou alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Nem pessoalmente, nem na televisão?

Na televisão vi muito.

Entrevistadora: Como foi esta cena na televisão?

Eu me lembro, quando um homem tava quase morrendo e um cara pegou uma arma e atirou.

Entrevistadora: E como você se sentiu quando assistiu isso?

Triste.

Entrevistadora: Como você acha que a pessoa que sofre violência se sente?

(Pausa) É... Muito abalada.

Entrevistadora: E na sua casa, você já viu algum dia, alguma cena de violência das que você falou? Ou física ou oral, algum dia?

Não.

Entrevistadora: Não?

Não.

Entrevistadora: Nunca?

Nunca.

Entrevistadora: E as crianças que em casa sofrem violência né? Elas apanham ou alguma coisa deste tipo, você acha que isto interfere no jeito que elas são na escola ou não?

Não.

Entrevistadora: você acha que elas ficam “igual”?

Hunrum.

ENTREVISTA COM MARCOS

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria começar pedindo a você pra falar um pouquinho sobre você. Eu queria que você falasse o seu nome, com quem que você mora e o que você mais gosta de fazer.

Tá, meu nome é Marcos, eu moro com meu pai e minha mãe, só que eu não moro com os meus pais verdadeiros. Aí eu moro com minha mãe, com meu pai e com meu irmão.

Entrevistadora: Você tem só um irmão?

Tenho cinco, incluindo eu. Aí o que eu gosto mais de fazer é jogar bola e assistir televisão.

Entrevistadora: E porque que você disse que não mora com os seus pais? O que foi que aconteceu? Você mora com quem?

Eu moro com os meus tios que, por causa que minha mãe não queria me criar aí ela ia me dá pra outra pessoa, só que meu avô não deixou eu dá, aí me deu pros meus tios, só que eu chamo eles de pais desde pequeno. Com três dias de nascido a minha mãe me pegou e eu chamo ela de mãe, aí foi assim.

Entrevistadora: E como você se sente com esta história?

Eu me sinto muito “convocado” por causa que eu queria morar com a minha mãe verdadeira nera (*Olhos marejados*)? Com meu pai também, só que meu pai faleceu há um ano atrás. Eu me sinto muito desprezado por causa que tipo assim, eu sei que eu tenho um amor dos meus pais que não são os meus pais verdadeiros então eu queria ter mesmo o meu amor dos meus pais verdadeiros por causa que né? Foi ela que me teve.

Entrevistadora: Marcos e o que é saúde pra você? O que é ter saúde?

Saúde é ter nenhuma doença, se cuidar bem da nossa saúde.

Entrevistadora: E você saberia me dizer alguma coisa que poderia interferir na sua saúde? Diminuir a sua saúde ou dificultar a sua saúde?

Como assim?

Entrevistadora: Algo que poderia tirar a sua saúde, que você não teria saúde. Você sabe me citar alguma coisa que poderia acontecer que você ficaria sem saúde?

Eu não posso sentir “abalo” por causa que eu desmaio, passo mal, fico com tonturas, eu acho que é isso.

Entrevistadora: E você saberia me dizer alguma coisa que poderia interferir na saúde da sua família, daqueles que moram com você? O que poderia acontecer que iria interferir na saúde da sua família?

Eu acho que nada.

Entrevistadora: Não sabe dizer?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Marcos e o que você entende por violência? O que é violência pra você?

Violência é chamar alguma pessoa de tipo apelido ou então maltratar, fazer uma coisa que a gente não queira... *(Pausa)*

Entrevistadora: Só?

Eu acho que sim.

Entrevistadora: E você já presenciou alguma situação de violência na vida?

Violência?

Entrevistadora: Qualquer tipo de violência, destas coisas que você citou ou se você já viu acontecer alguma vez na vida.

Acho que não... Acho, só as vezes, me chamam de coisas que eu não gosto.

Entrevistadora: Hunrum, onde?

Na escola, às vezes.

Entrevistadora: E como que você se sente quando isso acontece?

Eu me sinto muito triste por causa que os meus amigos né? Falando isso comigo, assim, que eu tenho convívio com eles na escola, que eu gosto muito deles, falando isso... eu fico muito triste.

Entrevistadora: Hunrum, e o que você faz quando isso acontece?

Quando isso acontece eu começo a chorar, fico pensando que eu não quero ir mais pra escola... Não quero mais ir pra escola. Fico pensando quando, se vai acontecer de novo (*Olhos marejados*).

Entrevistadora: E o que acontece que você consegue voltar pra escola?

É quando minha mãe vem aqui e conversa e eu falo com ela, aí minha mãe diz: “Tu tem que ir pra escola, tu não pode ficar sem ir pra escola”. Aí eu volto pra escola.

Entrevistadora: Por sua vontade ou só porque a sua mãe mandou?

Por minha vontade mesmo por causa que eu não gosto de ficar em casa, eu gosto muito de estudar.

Entrevistadora: Hunrum, e na sua casa, você já viu acontecer alguma situação de violência?

Não.

Entrevistadora: Você acha que aquelas crianças que vivem violência em casa, isto interfere na forma como elas ficam na escola? Na forma como elas estudam, na forma como elas se comportam?

Acho que sim, elas se comportam, mas não tem amigos, ficam muito “trancadas” na delas. Eu acho que isso é uma violência dela.

Entrevistadora: Você acha que isto acontece por conta desta violência que é vivida em casa?

Hunrum.

ENTREVISTA COM HUGO

Entrevistadora: (*Depois de falar um pouco sobre mim*) Vou começar perguntando o seu nome.

Hugo.

Entrevistadora: Hugo, com quem que você mora e o que você mais gosta de fazer?

O que eu gosto de fazer é jogar bola.

Entrevistadora: E com quem que você mora?

Com meu pai e minha mãe.

Entrevistadora: E você tem irmãos?

Tenho um.

Entrevistadora: Ele não mora com você não?

Mora.

Entrevistadora: E você é daqui mesmo da Passagem?

De outro interior.

Entrevistadora: Aí vem todo dia no carro?

Venho.

Entrevistadora: E volta no mesmo carro?

Isso.

Entrevistadora: Pronto. Hugo, o que é saúde pra você? O que você entende por saúde, ter saúde?

É coisa boa que a gente não fica doente.

Entrevistadora: Você poderia me dizer alguma coisa que você acha que pode interferir na sua saúde? O que poderia dificultar a sua saúde ou tirar a sua saúde?

Nada.

Entrevistadora: E na da sua família, das pessoas que moram com você?

Também não.

Entrevistadora: Nada?

Nada.

Entrevistadora: Hugo, o que você entende por violência? O que é violência pra você?

Violência é chamar assim, acontece muito na escola, é chamar as pessoas de apelidos. Só isto.

Entrevistadora: Tem mais algum outro tipo de violência que você lembre?

Física.

Entrevistadora: Como é a violência física?

Física é a que bate.

Entrevistadora: Bate em outra pessoa?

Hunrum.

Entrevistadora: Como você acha que a pessoa que apanha se sente?

Mal.

Entrevistadora: Se sente mal. E você já viu algum dia na vida alguma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Nem pessoalmente, nem na televisão, nem em outro lugar?

Só na televisão.

Entrevistadora: E como que você se sentiu quando viu a cena de violência?

Triste.

Entrevistadora: Qual foi a cena que você viu?

É aquelas pessoas que matam as pessoas por besteira na televisão, só.

Entrevistadora: Na sua casa, você já viu alguma cena de violência?

Não, lá na minha casa nunca.

Entrevistadora: Nenhum tipo?

Nunca.

Entrevistadora: E aquelas crianças que sentem, que vivem violência dentro de casa, você acha que essa violência influencia elas na escola? No jeito que elas estudam, no jeito que elas se comportam?

Não.

Entrevistadora: Você acha que o jeito que elas são tratadas em casa não influencia na escola?

Não.

ENTREVISTA COM RENAN

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Vou começar perguntando o seu nome, que você diga com quem mora e o que você mais gosta de fazer.

Meu nome?

Entrevistadora: É.

Renan.

Entrevistadora: Renan com quem que você mora?

Ora, minha vó.

Entrevistadora: Mora com a sua vó. Só com a sua vó?

Com a minha mãe.

Entrevistadora: E com a sua mãe. Você tem irmãos?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Quantos?

Dois.

Entrevistadora: Você mora aqui mesmo na Passagem ou vem de outro interior?

Outro.

Entrevistadora: Vem de carro todo dia, no carro que traz os alunos?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: E volta no carro que traz os alunos?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: O que você gosta de fazer?

(Risos)

Entrevistadora: Nada? Não gosta de fazer nada? Não gosta de jogar bola? Não gosta de assistir televisão?

Gosto, de jogar bola eu gosto.

Entrevistadora: E o que mais?

Hum.

Entrevistadora: E o que mais?

E mexer no celular.

Entrevistadora: Gosta de jogar bola e mexer no celular, ótimo. Renan, o que é saúde pra você? Você sabe me dizer alguma coisa que tenha haver com a saúde?

(Sorri e abaixa a cabeça) Não.

Entrevistadora: Não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Você saberia me dizer alguma coisa que poderia interferir na sua saúde? Tipo assim, tira a sua saúde, diminui a sua saúde.

(Silêncio)

Entrevistadora: Também não?

(Faz sinal negativo com a cabeça) Hum hum.

Entrevistadora: E o que poderia interferir na saúde da sua família, das pessoas que moram com você?

(Silencia, sorri e olha pra baixo)

Entrevistadora: Você lembra alguma coisa?

(Silêncio)

Entrevistadora: Nada?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Renan, o que é violência pra você?

(Silêncio)

Entrevistadora: Cada pessoa disse uma coisa diferente, mas pra você o que é violência?

(Sorri e olha pra baixo) Sei lá o que é violência.

Entrevistadora: Sabe não?

Não.

Entrevistadora: Nada?

(Silêncio)

Entrevistadora: Não pode me dizer nenhuma situação que você tenha visto que você acha que é violência?

Que eu tenha visto não.

Entrevistadora: Você já viu na sua frente alguma cena de violência? Na televisão ou pessoalmente?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Nunca?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E você acredita que as crianças que vivem violência em casa, elas têm o comportamento diferente na sala de aula ou são do mesmo jeito?

São diferentes.

Entrevistadora: Diferente como?

Ora... De quem?

Entrevistadora: O que elas fazem de diferente? Estas que sofrem violência.

Ora, fica quieta no lugar.

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Você já viu alguma cena de violência em casa algum dia?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

ENTREVISTA COM LUIZ

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria lhe perguntar o seu nome.

Luiz.

Entrevistadora: Luiz, você mora com quem?

Mamãe e meu pai.

Entrevistadora: Tem irmãos?

Tenho.

Entrevistadora: Eles moram com você?

Moram. Não a minha irmã.

Entrevistadora: Então mora a mãe, o pai e quem mais?

Meu irmão, meu primo, minha prima e minha cunhada.

Entrevistadora: Bastante gente! O que você mais gosta de fazer, Luiz, quando não está na escola?

Ir pra casa do meu amigo lá. Ir pra casa do meu amigo lá que mora bem pertinho de mim.

Entrevistadora: E lá vocês fazem o quê?

Nós brinca de dominó, joga baralho, joga bola...

Entrevistadora: Ótimo. Luiz, o que é saúde pra você? Você consegue me dizer alguma coisa relacionada à saúde?

É tudo!

Entrevistadora: Por quê?

Ora, porque sem saúde ninguém é nada.

Entrevistadora: Muito bem. E tem alguma coisa que você possa me dizer que poderia interferir na sua saúde? Que poderia dificultar a sua saúde? Que você teria menos saúde.

Nada não.

Entrevistadora: Nada poderia interferir na sua saúde?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E na da sua família?

(Silêncio)

Entrevistadora: Algo que você veja, que você pense e diga assim: Isto poderia diminuir a saúde da minha família.

É o remédio que a mãe toma. Remédio que a mãe toma.

Entrevistadora: Hanram. Aí o que acontece?

Ela fica com dor.

Entrevistadora: Quando ela toma o remédio ou quando ela não toma?

Quando ela não toma.

Entrevistadora: Então sem o remédio ela fica com menos saúde?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Luiz, e se eu perguntar pra você o que é violência? Pra você, o que vem à cabeça?

É briga, é maldade...

Entrevistadora: O que mais?

Maldade, é... Como é que fala? Quando fica sem falar com os outros, só isto.

Entrevistadora: E você já viu na sua vida, na sua frente, alguma situação de violência? Qualquer tipo de violência.

Vi.

Entrevistadora: Como foi?

Ora, sei lá, me aperriei.

Entrevistadora: Não, digo assim: qual foi a situação que você viu?

Ah, foi uma polícia pegando um bandido lá no Chaval.

Entrevistadora: Foi?

Hunrum.

Entrevistadora: E como você se sentiu?

Me senti ruim.

Entrevistadora: E você só viu esta única vez?

Foi.

Entrevistadora: Não viu em nenhum outro lugar?

Hum hum.

Entrevistadora: E na sua casa, Luiz, você já viu algum tipo de situação de violência? Das que você falou?

Não.

Entrevistadora: Nunca?

Nunca não.

Entrevistadora: Aquelas crianças que sofrem violência em casa, que apanham, que veem gritos e tudo. Você acha que elas têm um comportamento diferente na escola? Ou não, é do mesmo jeito?

Do mesmo jeito.

Entrevistadora: Você acha que isto não influencia na escola?

Não, acho que não.

Entrevistadora: Aí as crianças continuam da mesma forma que elas eram antes de sofrer violência?

É não! tem algumas que é não, mas tem outras que é.

Entrevistadora: Então você está dizendo que depende da criança né?

É.

ENTREVISTA COM LÍVIA

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu queria primeiro que você dissesse o seu nome.

Lívia.

Entrevistadora: Lívia, eu queria que você dissesse com quem você mora.

Eu moro com o meu pai e minha mãe.

Entrevistadora: Só eles dois?

E os meus dois irmãos gêmeos.

Entrevistadora: Dois irmãos gêmeos. São dois meninos?

Dois meninos.

Entrevistadora: Lívia, você mora aqui na Passagem mesmo ou vem de outro interior?

Moro aqui na Passagem mesmo.

Entrevistadora: Você vem como pra escola? Caminhando?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Vem sozinha? Com os amigos?

Às vezes eu venho com a minha amiga.

Entrevistadora: Pronto. Lívia, o que você mais gosta de fazer quando não está na escola?

Eu gosto de brincar *(Risos)*.

Entrevistadora: Brinca de quê?

Às vezes de boneca.

Entrevistadora: Lívia, o que é saúde pra você? O que é ter saúde?

(Silêncio)

Entrevistadora: Pode falar qualquer coisa que vier na cabeça.

É tá boa.

Entrevistadora: Você sabe dizer alguma coisa que vem na cabeça quando a gente diz assim: saúde. O que é saúde? O que é ter saúde?

É a pessoa tá boa, só.

Entrevistadora: E você sabe me dizer alguma coisa que poderia interferir na sua saúde? Que se acontecesse você teria menos saúde?

(Silêncio)

Entrevistadora: Consegue pensar?

(Silêncio)

Entrevistadora: Não?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E na família? O que aconteceria que você diria assim: isto pode tirar a saúde da minha família. Qualquer coisa. Vem alguma coisa à cabeça?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Não?

Não.

Entrevistadora: E se a tia perguntar pra você o que é violência? O que é a primeira coisa que vem à cabeça? Ou o que você consegue dizer que você acha que é violência?

É atacar as pessoas, chamar as pessoas de apelido e só.

Entrevistadora: E só *(Risos)*.

(Risos).

Entrevistadora: Você já viu na sua vida, em algum lugar, alguma situação de violência?

Não.

Entrevistadora: Nunca presenciou?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Nem na televisão, nem pessoalmente? Nunca?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Como você acha que as pessoas que sofrem violência se sentem?

Senti triste.

Entrevistadora: A pessoa que é vítima?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: E você? Como que você se sente quando a gente fala de violência?

(Silencia e permanece olhando pra mim)

Entrevistadora: Sente alguma coisa?

(Faz sinal negativo com a cabeça) Hum hum.

Entrevistadora: Você já viu algum dia, alguma situação de violência na sua casa?

Não.

Entrevistadora: E como que você acha ou na verdade, você acredita que as crianças que sofrem violência em casa, aquelas crianças que apanham, que veem nomes feios e discussões. Você acha que elas são diferentes dentro da escola? Ou isto não interfere na escola?

Acho que são diferentes.

Entrevistadora: Por que você acha? Você acha que elas mudam o quê?

O comportamento.

Entrevistadora: Você acha que elas mudam o comportamento, mas por conta da violência que elas sofrem?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

ENTREVISTA COM BELLA

Entrevistadora: *(Depois de falar um pouco sobre mim)* Eu quero saber o seu nome, com quem que você mora e o que você mais gosta de fazer quando não está aqui na escola.

Meu nome é Bella. Eu gosto de fazer muitas coisas, brincar e eu moro com a minha mãe, com o meu pai e com os meus dois irmãos.

Entrevistadora: Você só tem estes dois irmãos?

Só.

Entrevistadora: E quando você brinca, você brinca mais de quê?

Brinco de boneca mais as minhas amigas, brinco mais os meus irmãos, minha mãe, meu pai.

Entrevistadora: Bella, você mora aqui na Passagem mesmo ou você vem de outro interior?

De outro interior.

Entrevistadora: Aí tem o carro que vai buscar e vem deixar aqui e depois vem pegar?

É.

Entrevistadora: Todo dia?

Todo dia.

Entrevistadora: Tem mais outros alunos que vem pra cá do interior que você mora?

Tem, o Luiz e o meu irmão e outros lá.

Entrevistadora: Aí ele passa pegando e vem deixar todo mundo?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Bella, se eu perguntar pra você o que é saúde? O que você poderia me dizer?

(Silêncio)

Entrevistadora: O que é ter saúde?

Ter saúde é muito importante pra gente... *(Silêncio)*

Entrevistadora: E o que poderia interferir nessa saúde? Qual é a coisa que poderia acontecer ou quais as coisas que poderiam acontecer que poderiam diminuir essa sua saúde?

Doenças... *(Pausa)*

Entrevistadora: O que mais?

(Silêncio)

Entrevistadora: Só doenças?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: E a saúde da sua família, de todo mundo? O que poderia interferir na saúde das pessoas que moram com você?

Muitas doenças graves pode ser também.

Entrevistadora: Hanram. Bella e quando eu falo assim: o que é violência? O que vem à sua cabeça? O que você entende por violência?

(Pausa) Eu entendo é porque pode ser maldade, né?

Entrevistadora: Hunrum. Quais são as outras coisas que acontecem que são consideradas violência? Que as pessoas fazem que são consideradas violência?

(Silencia e olha pra mim)

Entrevistadora: Não, só se você souber. É o que você lembrar, tá bom?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

Entrevistadora: Então, você disse que violência é maldade, você já presenciou, você já viu alguma vez na vida uma cena de violência?

Não.

Entrevistadora: Nem pessoalmente, nem na televisão?

Não.

Entrevistadora: Como você acha que as pessoas se sentem quando elas são vítimas de violência? Quando alguém bate nelas, briga com elas... Como você acha que elas se sentem?

(Pausa) Sei não.

Entrevistadora: Você não sabe como elas se sentem?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: E na sua casa, você já viu algum dia na vida, alguma situação de violência na sua casa?

Nunca vi não.

Entrevistadora: Como você acha que as crianças que vivem violência em casa são afetadas na escola? Você acha que muda alguma coisa ou elas ficam do mesmo jeito?

(Silêncio)

Entrevistadora: Elas são diferentes na escola ou não são diferentes na escola?

(Silêncio)

Entrevistadora: Você entendeu a pergunta?

(Faz sinal negativo com a cabeça)

Entrevistadora: Assim, eu estou perguntando, aquelas crianças que sofrem violência em casa, elas apanham em casa, tudo... Aí quando elas vêm pra escola, como você acha que estas crianças são na escola?

Sei não.

Entrevistadora: Elas são diferentes ou são iguais às outras, nada muda?

Deve mudar.

Entrevistadora: Você acha que deve mudar?

(Faz sinal positivo com a cabeça)

APÊNDICE E – Artigo submetido
Experiências de vitimização e a vulnerabilidade de crianças e adolescentes frente à
violência familiar

Experiences of victimization and the vulnerability of children and adolescents to family
violence

MARIANNE LIRA DE OLIVEIRA. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Saúde e Comunidade (PPGSC) – Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Teresina, PI.

CÁSSIO EDUARDO SOARES MIRANDA. Doutor em Letras (UFMG) e em Psicologia (UFRJ), Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Saúde e Comunidade (PPGSC) – Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Teresina, PI

Introdução

A violência na infância e na adolescência é um fenômeno histórico mundial, complexo, multifatorial e com difícil definição, além de ser considerado um grave problema social e de saúde pública, devido aos efeitos deletérios que produz na vida das vítimas, sendo agravados pela vulnerabilidade própria da faixa etária e incapacidade de desenvolver autoproteção contra possíveis ameaças (COELHO; FRANZIN, 2014). As agressões podem ser físicas, sexuais ou psicológicas e afetam as mais diversas camadas sociais, ocorrendo em diferentes espaços, dentre eles o ambiente familiar que deveria prover segurança e proteção dos direitos do indivíduo. Assim, alguns aspectos que podem influenciar a gravidade dos efeitos dos atos violentos é a frequência, duração, intensidade e vínculo com o agressor (REIS; PRATA; PARRA, 2018).

A família é tida como a fonte primária de transmissão de virtudes e valores entre as gerações, constituição de identidade e referencial de comportamento social, por isto a violência familiar caracterizada pelas agressões que ocorrem no ambiente familiar independente das relações de consanguinidade produz alterações na interação social, seja pela violência que vitimiza crianças e adolescentes ou pelas agressões interparentais presenciadas (COSTA; COSTA; MOSMANN; FALCKE, 2018). Neste cenário, estudos comprovam a correlação entre a violência vivenciada na adolescência e a criminalidade na vida adulta como materialização do ciclo vítima - agressor e perpetuação das agressões sofridas (SARAIVA; PEREIRA; CRUZ, 2019).

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê que nenhuma criança ou adolescente deve ser objeto de qualquer forma de negligência, exploração, violência,

crueldade, discriminação e opressão, ou mesmo punido na forma da lei por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais (LIMA, 2019; SILVA; MELO, 2018). Contudo, a identificação dos casos de violência familiar é dificultada por inúmeros fatores, dentre eles os culturais relativos à aceitação de castigos corporais ou psicológicos diante da prerrogativa de um processo corretivo ou educativo, mesmo com a promulgação da lei da palmada que proíbe agressões físicas contra crianças e adolescentes. Somado a isto está o mito da sagrada família que caracteriza os pais como seres incapazes de praticar qualquer tipo de violência, situação esta que permite a culpabilização da criança e do adolescente (VIEIRA, 2018).

Neste sentido, o mapeamento dos casos de violência familiar contra crianças e adolescentes é imprescindível para o desenvolvimento de estratégias de proteção e enfrentamento, mas para isto é necessário o reconhecimento dos fatores envolvidos nas situações de violência vivenciada ou presenciada (COSTA; VIEIRA, 2018). Baseado nisto, o presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de identificar a percepção de crianças e adolescentes diante da experiência de vitimização frente à violência familiar.

Métodos

Trata-se de um estudo transversal com abordagem qualitativa, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas e posteriormente transcritas utilizando o programa Microsoft Word 2010. As pesquisas seguiram o princípio da saturação e encerraram no momento em que as informações começaram a se repetir, sem acrescentar esclarecimentos sobre a temática estudada. Participaram desta pesquisa 24 escolares do 6º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Chaval-CE, zonas rural e urbana, constituindo uma amostra por conveniência e o momento das entrevistas ocorreu em local reservado visando preservar o sigilo, a confidencialidade (MINAYO, 2017).

Inicialmente foram coletados os dados gerais sobre a quantidade de escolas, alunos e turmas de 6º ano do ensino fundamental das escolas públicas da rede de ensino de Chaval-CE existentes em 2019. Posteriormente foi elaborado o planejamento estratégico para execução da coleta de dados, apresentação do projeto de pesquisa aos diretores e coordenadores das escolas selecionadas e construção da agenda de acordo com a disponibilidade de cada escola a partir do calendário pedagógico.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de janeiro a março de 2019 e foram produzidos diários de campo ao longo da pesquisa para elucidar os aspectos específicos de cada etapa. As informações qualitativas referentes às entrevistas passaram por análise do discurso de acordo com a vertente francesa (SILVEIRA; GOMES; LIMA; VIEIRA, 2015).

Foram incluídos no estudo apenas os escolares do 6º ano de escolas públicas da rede municipal de ensino de Chaval – CE selecionados por conveniência a partir da sua percepção de violência familiar. Foram excluídos do estudo os escolares que não assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e/ou não apresentaram autorização dos pais e responsáveis por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Este trabalho é resultado da pesquisa para a dissertação “Violência familiar infanto-juvenil e o fracasso escolar” e obedeceu à resolução 466/12 e seguiu todos os preceitos éticos necessários ao desenvolvimento desta pesquisa (BRASIL, 2013), tendo sido aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal do Piauí com o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 97365218.6.0000.5214 e sob o parecer 2.948.443.

Resultados

Foram realizadas entrevistas com 24 escolares, em datas e horários acordados com a direção das escolas, professores e as crianças e adolescentes participantes. As entrevistas ocorreram em salas de aula vazias e disponibilizadas pelas escolas, na biblioteca ou ainda na sala da direção quando havia ausência de outros espaços como ocorreu na zona rural, de forma que apenas a entrevistadora e o escolar estivessem presentes neste momento.

Todas as entrevistas foram gravadas, sendo iniciadas com um momento de apresentação na tentativa de estabelecer o vínculo inicial com o escolar, posteriormente foram transcritas utilizando o programa Microsoft Word 2010 e para garantir o anonimato dos escolares, estes receberam nomes fictícios (vide quadro 01). A média de idade foi 11,4 anos, sendo 11 anos a idade que mais se repetiu. Dentre os escolares entrevistados, 16 (66,7%) não citaram ato de agressão ocorrida dentro do domicílio por qualquer familiar e 08 (33,3%) afirmaram ter vivenciado ou presenciado algum tipo de violência familiar, sendo todos da zona urbana, destes 05 eram do sexo feminino (62,5%) e 03 do sexo masculino (37,5%).

A maioria dos participantes relatou morar com ambos os pais ou só com a mãe e na ausência destes, os tios têm exercido o papel de responsáveis pelos escolares. Quanto ao que eles entendiam por saúde, não raro as respostas relacionaram a falta de saúde com doenças, agressões e o óbito deles mesmos ou de algum familiar. Quanto aos tipos de violência presenciada, a física e a psicológica foram as mais citadas pelos escolares de acordo com o quadro 01, tendo como agressor mais frequente o pai e a vítima mais frequente foi a irmã (o).

[Inserir Quadro 01 aqui]

Dentre as experiências de vitimização citadas, a própria casa e a rua em que moram foram os lugares mais frequentes quanto à ocorrência de violência, sendo pontuados exemplos de agressões entre crianças e adolescentes, de adultos contra crianças, interparentais, entre outros parentes adultos e entre vizinhos. Neste sentido foi investigado também o sentimento destas crianças e adolescentes diante do que presenciaram na tentativa de compreender de que forma a violência os afeta e como os mesmos percebem os efeitos desta no outro que em algum momento da vida foi vitimizado.

Assim, ao considerar a complexidade de se definir momentos pontuais de exposição à violência quando o escolar já tem sido submetido a inúmeros episódios de agressões, torna-se possível identificar a validação da multifatorialidade desta em falas como a de Maria que fragmenta vários momentos de agressões ao ser questionada se já presenciou algum tipo de violência na vida, além de dar indícios sobre como a violência familiar pode transformar as vítimas em possíveis agressores:

Eu acho que sim, quando a minha mãe bate na minha irmã ou quando as meninas brigam aqui na escola. Eu acho que sim quando meu tio bateu no meu outro tio. E eu já presenciei meu irmão brigando na rua. (*Pausa*) É sei lá, aterrorizante, porque quando a gente vê/presencia um tipo de violência dá vontade da gente correr, fugir, sair de casa... estas coisas sabe? É muito triste tia. Tipo porque uma pessoa quando mora com a outra e é vítima de violência, quem vê isto pode praticar violência (Maria).

Na minha casa mesmo. É por causa que o meu tio ele bebia, aí quando ele chegava em casa ele acabava bagunçando, aí a vó e a minha tia começava a brigar com ele. Aí ele pegava faca, saía correndo atrás das pessoas que tava dentro de casa, mas ele parou já. Me sentia... É... Espantada, preocupada... (Carol).

Vi na televisão! No jornal, assim, um câmera pegou o homem batendo na mulher. Hum, sensação de ódio assim... Entrevistadora: E na sua casa, você já viu alguma cena de violência? Já, que meu pai já assim, já brigou com a minha mãe assim. Vi, algumas vezes. Assim, me senti triste né? “Fazer” com que eles brigassem... (Denis).

Ao serem perguntados se já haviam presenciado alguma cena de violência na vida e em que local, outros participantes afirmaram ter visto atos violentos em casa e evidenciaram ainda em seus discursos a heterogeneidade da constituição de famílias e núcleo familiares na atualidade. Deste modo, a violência familiar que antes era descrita primordialmente entre pais e filhos conta com outros atores como tios, avós e indivíduos que partilham a mesma casa sem parentesco ou consanguinidade, como nos exemplos mencionados por Bia:

Violência já, com a minha irmã, a pequenininha. Olha, é porque ela ia pra casa da amiga dela todo dia que meu tio, que é meu padrasto, ia deixar ela na casa desta menina pra ele brincar mais ela, uma meninazinha do tamanho dela, pequena também. Ela morava lá na rua “C”. Aí ela ia pra lá todo dia, aí um dia ela levou a

Laila um dia pra praça e brigou com ela aí ela deixou a menina sozinha lá, chorando. Aí quando meu tio foi buscar ela, ela tava chorando lá na praça sozinha. E a mãe dela (da outra menina) não falou nada. Eu não gostei do que a mulher fez com ela não né? Porque é maltratar ela né? Ficar maltrando a criança, deixando ela sozinha na praça, porque vai que um adulto leva ela de lá e quando ele fosse buscar ela e ela não tivesse mais lá? A mulher podia até ser presa né? Porque ela não teve cuidado com ela. Se meu tio leva ela pra brincar com a menina, ela tem que ter cuidado com ela né? (Bia).

(*E na sua casa, você já presenciou algum tipo de violência?*) Já. É porque ó... é porque lá em casa tem uma mulher, ela não bate muito bem da cabeça, é porque ela normal assim como a gente, mas ela fala sozinha, teve um dia que ela bateu até no meu irmão. Ela mora com a gente. Ela é “doidinha” (*Risos*). E dizem que a gente não pode duvida nada de doido né? Ela não é boa do juízo. Ela fica em casa porque ela é irmão do meu tio, padrasto, é que eu chamo ele de tio. Aí ela mora lá mais ela, aí quando minha mãe e ele sai né? Porque minha estuda aqui, de noite, aí uma vez quando meu irmão tava lá né? Ela falou sozinha, aí ele começou a falar alto e ela acabou correndo atrás dele, aí ela bateu nele. Ela bateu muito nele (Bia).

Diante do exposto é perceptível o efeito da violência para quem presencia independente desta testemunha estar ou não no papel de vítima das agressões o que denota a relevância de avaliar o sentir em casos de violência, pois é a partir do sentimento demonstrado que se pode identificar a empatia com a vítima, uma possível motivação para que se torne um futuro agressor ou a existência de estratégias de resiliência e autoproteção. Estas últimas são pontos-chave para a elaboração de propostas efetivas de enfrentamento à violência que promove efeitos deletérios quando ocorre em qualquer ambiente, seja este familiar, na escola, na rua em que se mora ou qualquer outro espaço, como pode - se identificar nas falas de Marcos e Amália:

Acho que não... Acho, só as vezes, me chamam de coisas que eu não gosto. Na escola, às vezes. Eu me sinto muito triste por causa que os meus amigos né? Falando isso comigo, assim, que eu tenho convívio com eles na escola, que eu gosto muito deles, falando isso... eu fico muito triste. Quando isso acontece eu começo a chorar, fico pensando que eu não quero ir mais pra escola... Não quero mais ir pra escola. Fico pensando quando, se vai acontecer de novo (*Olhos marejados*) (Marcos).

Me senti assim, me senti assim, vendo aquilo ali pra mim foi ruim. Ele... e a fala que ele falou... A mãe, a minha mãe não deixou ele bater, mas como ele, o homem lá (um homem que morava na mesma rua que a escolar), é violento, a mãe falou assim: “*não faça isso não, não faça isso*”. Só que ele fez. Aí ele falou deste jeito assim: “*Eu só não te mato porque tem gente olhando!*” Ele falou desse jeito, foi ruim nesse dia que eu vi. E teve outra briga também que, tem um homem lá na nossa rua que às vezes eu tenho até medo dele, é um... Ele é muito violento. Só que agora ele é um homem legal, só que quando ele tá bêbado assim... Droga né? Ele não chega perto dele, nem nada, nem falam com ele, eu só falo com ele assim por longe, mas eu tenho medo, muito medo dele (Amália).

(*E na sua casa você já viu alguma cena de violência?*) (*Pausa*) Não. Só briga assim, mas por boca, não é mais assim, violência de bater mesmo não. Briga assim é só de irmão mesmo que nós briga muito, só isto mesmo (Amália).

A partir da análise dos trechos acima citados é possível identificar o desconforto, a tristeza e a sensação de medo aos quais os escolares são expostos ao presenciar situações de violência familiar ou de qualquer outra natureza. Estes e outros aspectos subjetivos são melhores apreendidos com a utilização de métodos qualitativos em pesquisa que permitem expressar no discurso o que é pensado e sentido pelos participantes.

Discussão

A presente pesquisa foi desenvolvida com escolares matriculados no 6º ano do ensino fundamental da cidade de Chaval-CE dada a importância ressaltada pela literatura sobre o papel da escola enquanto espaço de interação social e possível reverberação da violência sofrida em ambiente intra/extra institucional. Neste sentido, outros estudos identificaram os mais diversos tipos da violência ocorrendo de maneira simultânea e entrelaçada numa pesquisa realizada no cotidiano escolar durante a experiência de iniciação à docência (GIORDANI; OLIVEIRA; SILVA, 2018).

No presente estudo foram realizadas entrevistas com crianças e adolescentes que citaram, entre outras repercussões da violência, que a vítima pode ter maior tendência a reproduzir em outros lugares as agressões presenciadas em ambiente familiar. Frente a isto, a violência tem sido motivo de preocupações e inseguranças para a comunidade acadêmica e social devido à proporção que vem tomando no cenário escolar comprovando que a violência familiar é um tema que não pode ser esquecido mesmo com a escassez de capacitações para os professores (LIMA, NASCIMENTO, 2018). Desta forma se pode citar como possíveis causas para a problemática da violência familiar: as vulnerabilidades sociais, dentre elas a pobreza; famílias desestruturadas e uso abusivo e disseminação de álcool e outras drogas que potencializam a pulverização de atos violentos na rotina escolar (PEREIRA; CONCEIÇÃO; BORGES, 2017).

Dentre os escolares que afirmaram ter presenciado algum tipo de violência familiar nesta pesquisa, 62,5% eram do sexo feminino, este percentual concorda com um estudo baseado na Pesquisa Nacional de Saúde do escolar 2015 (PeNSE) que observou aumento na prevalência de agressão física por membro da família de 9,5% em 2009 a 16,2% em 2015 e as prevalências foram maiores nos adolescentes do sexo feminino (10% em 2009 e 17,3% em 2015) (PINTO et al., 2015). Além deste, outros estudos relataram a maior prevalência de agressões contra mulheres identificando como possíveis causas para estes dados estatísticos: os estereótipos de inferioridade da mulher diante do homem; a cultura machista muitas vezes internalizada pela própria mulher e ainda agressões contra crianças e adolescentes que são

negadas por mulheres que já foram vítimas e se omitiram (REIS; PRATA; PARRA, 2018; VIEIRA, 2018).

A média de idade dos escolares participantes deste estudo foi de 11,4 anos e obteve resultados similares à pesquisa realizada com escolares do 5º e 6º ano do ensino fundamental no qual predominou o sexo feminino (52,3%); idade de 10 anos (51,7%) e que integravam uma família com estrutura nuclear (53,4%). Este segundo estudo revela em seus dados a significância de se realizar pesquisa com este público principalmente quanto à investigação do ciclo vítima - agressor, uma vez que 65,3% da sua amostra afirmou que apanha em casa e 58,7% declarou que a família incentiva o revide, 83,2% assumiram a posição de agressor e 89,5% se declarou vítima (NOBRE et al., 2018). Outra pesquisa afirmou que crianças submetidas à situação de violência interparental apresentam maior tendência à repetição de atos violentos em seus relacionamentos futuros (REIS; PRATA; PARRA, 2018).

Quanto à variabilidade das agressões, no presente estudo os únicos tipos de violência familiar presenciados foram as agressões físicas e psicológicas e em alguns casos estas ocorreram de forma simultânea, tendo como agressor mais frequente o pai. Estes resultados são semelhantes à outra pesquisa realizada que identificou uma frequência de 82% das crianças e adolescentes como vítimas de violência psicológica, seguida por abandono (58%), violência sexual (26%) e física (23%), em alguns casos ocorreu mais de um tipo de agressão, sendo os principais agressores os pais (HILDEBRAND; CELERI; MORCILLO; ZANOLLI, 2019).

Outra pesquisa realizada no baixo Amazonas a partir das fichas de atendimento por violência contra crianças e adolescentes identificou que o maior número de casos denunciados era relacionado à violência física (32%) (HONORATO et al., 2018). No entanto a literatura publicada nos últimos três anos sobre o tema tem retratado com maior ênfase os casos e os diferentes modos de violência sexual infanto - juvenil. Como exemplo de caracterização deste tipo de violência temos a pesquisa de Santos et al. (2019) que identificou maior frequência de notificações de violência sexual entre estudantes do sexo feminino, matriculados em escolas públicas e cor da pele parda.

Dentre os 24 escolares entrevistados, 08 relataram ter presenciado ou vivenciado agressão familiar, este resultado é significativo diante de uma amostra composta por crianças e adolescentes convidados a falar sobre suas percepções. Neste sentido, outros estudos já abordaram a dificuldade de se perceber atos violentos de forma consciente por ocorrerem de forma sutil, seja para os indivíduos que são vítimas ou para as testemunhas das agressões. As crianças e adolescentes participantes do estudo desenvolvido por Franco, Magalhães e

Carneiro (2018) narraram situações de violência física, sexual, psicológica e patrimonial principalmente no período que antecedeu a separação dos pais.

A sensação de medo e tristeza identificados nesta pesquisa também foram tema de outros estudos que comprovaram que a violência familiar tem diversas repercussões para as crianças e adolescentes submetidos a ambientes violentos e estes sofrem os efeitos negativos dos eventos traumáticos de forma direta ou indireta. Desta forma, os escolares expostos a agressões em ambiente familiar podem tender a reprodução da violência presenciada ou ainda desenvolver o transtorno do estresse pós-traumático que torna estas crianças e adolescentes indivíduos mais introspectivos, ansiosos e tímidos (OLIVEIRA; RODRIGUES; CARVALHO, 2018; SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018).

Conclusão

A violência familiar é um problema contemporâneo que ainda encontra inúmeros impasses quanto à prevenção e o enfrentamento, porém estudos vêm sendo realizados na perspectiva de identificar fatores de proteção a serem fortalecidos no processo de reversão do aumento dos casos. Desta forma, um aspecto relevante e enfatizado nesta pesquisa é a identificação da percepção das crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de atos violentos perpetrados por algum familiar na tentativa de apreender o que estes escolares compreendem a partir do que presenciaram.

Neste estudo foi identificada a maior percepção de violência familiar por escolares com 11 anos de idade, sexo feminino, matriculados em escolas da zona urbana e que relataram medo ao presenciar algum tipo de ato violento. Estes resultados reforçam as estatísticas de notificações que revelam a maior frequência de exposição do sexo feminino e ainda enfatizam que a violência em zona urbana foi a única relatada mesmo entrevistando também escolares da zona rural.

É esta percepção que pode servir de base para estratégias mais eficazes na assistência às vítimas e na formulação de capacitações para os profissionais que compõem a rede de assistência às crianças e adolescentes. Assim, é possível inferir que apenas os dados quantitativos não são suficientes para mensurar e principalmente, avaliar os efeitos da violência familiar infanto-juvenil, o que denota a relevância da pesquisa qualitativa em temas transversais e sensíveis como este.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Publicada no DOU, seção 1, páginas 59-62. 13 de junho de 2013.

COELHO, F.J; FRANZIN, L.C.S. Violência doméstica infanto-juvenil: importância deste conhecimento pelo profissional da saúde. **Revista Uningá review**, v. 20, n. 2, p. 104-108, 2014.

COSTA, R.D.B; COSTA, C.B; MOSMANN, C.P; FALCKE, D. Experiências na família de origem que repercutem no clima familiar dos descendentes. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 18, n. 2, p. 408-425, 2018.

COSTA, R.G; VIEIRA, M.S. Violência contra crianças e adolescentes: da fragmentação à integralidade do atendimento. **Missões, revista de ciências humanas e sociais**, v. 4, n. 1, p. 68-82, 2018.

FRANCO, D.A; MAGALHÃES, A.S; CARNEIRO, T.F. Violência Doméstica e Rompimento Conjugal: Repercussões do Litígio na Família. **Pensando Famílias**, v. 22, n. 2, p. 154-171, 2018.

GIORDANI, M.V.G; OLIVEIRA, A.L; SILVA, L.E. Violência e Cotidiano Escolar: percepções a partir da realidade de uma escola pública de Matinhos – PR. **Mult-Scienc Journal**, v. 1, n. 12, p. 31-35, 2018.

HILDEBRAND, N.A; CELERI, E.H.R.V; MORCILLO, A.M; ZANOLLI, M.L. Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência. **Revista de Saúde Pública**, p. 53:17, 2018.

HONORATO, L.G.F. et al. Violência na Infância e Adolescência: Perfil notificado na mesorregião do Baixo Amazonas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 2, p. 266-284, 2018.

LIMA, A.B. Dinâmica familiar e esquemas formados em adolescente vítima de violência sexual: um estudo de caso. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 8, n. 1, p. 17-27, 2019.

LIMA, R.B; NASCIMENTO, J.M. Violência das/nas escolas e a ação da polícia militar: Uma perspectiva de segurança pública com cidadania. **South american, journal of basic education, technical and technological**, v. 5, n. 2, p. 275-288, 2018.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 01-12, 2017.

NOBRE, C.S. et al. Fatores associados à violência interpessoal entre crianças de escolas públicas de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4299-4309, 2018.

OLIVEIRA, M.A; RODRIGUES, F.F.X; CARVALHO, G.B.V. Discussões interdisciplinares sobre violência doméstica e transgeracionalidade. **Cadernos de graduação, Ciências Humanas e Sociais**, v. 5, n. 1, p. 29-42, 2018.

PEREIRA, A.B.M; CONCEIÇÃO, M.I.G; BORGES, L.F.F. Reflexões sobre a formação de professores para o enfrentamento da violência intrafamiliar contra crianças. **Tecnia**, v. 2, n. 2, p. 63-83, 2017.

PINTO, I.V. et al. Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.

REIS, D.M; PRATA, L.C.G; PARRA, C.G. O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. **Psicologado: o portal dos psicólogos**. 2018.

SANTOS, M.J. et al. Prevalência de violência sexual e fatores associados entre estudantes do ensino fundamental – Brasil, 2015. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 535-544, 2019.

SARAIVA, A.B; PEREIRA, B; CRUZ, J.M.Z. Violência juvenil, *bullying* e insucesso escolar: memórias de infância e o início de trajetórias desviantes. **Revista de educação, PUC-Campinas**, v. 24, n. 1, p. 89-107, 2019.

SILVA, J.C.T; MELO, S.C.A. Violência infantil: atuação do psicólogo no processo de auxílio à criança. **Revista Psicologia, Saúde e Debate**, v. 4, n. 1, p. 61-84, 2018.

SILVEIRA, L.C; GOMES, A.M.T; LIMA, D.W.C; VIEIRA, A.N. Análise do discurso e a pesquisa na saúde. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v. 3, 2015.

SOUZA, C.M; VIZZOTTO, M.M; GOMES, M.B. Relação entre violência familiar e transtorno de estresse pós-traumático. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 19, n. 2, p. 222-233, 2018.

VIEIRA, M.S. A vitimização sexual de crianças e adolescentes: as múltiplas faces de uma violência perversa. **Missões, revista de ciências humanas e sociais**, v. 4, n. 1, p. 29-52, 2018.

VIEIRA, M.S. Violência sexual contra meninas: do silêncio ao enfrentamento. **Revista Libertas**, v. 18, n. 2, p. 101-116, 2018.

ANEXO A – Questionário Sociodemográfico
SOUSA et al., 2018

1- Qual a sua idade? (*anos completos*) _____

2- Sexo (1) Masculino (2) Feminino

3- Qual a cor da sua pele?

- (1) Branca
- (2) Parda
- (3) Negra
- (4) Outra: _____

4- Qual a sua situação conjugal?

- (1) Solteira/o
- (2) Casada/o
- (3) Divorciada/Separada/o
- (4) Viúva/o
- (5) União estável/Junta/o

6- Você estudou até que série/ano?

- (1) Não alfabetizada
- (2) Alfabetizada funcional (< 4 anos de estudo)
- (3) Ensino fundamental incompleto ($4 \leq x \leq 7$ anos de estudo)
- (4) Ensino fundamental completo
- (5) Ensino médio incompleto
- (6) Ensino médio completo
- (7) Ensino superior incompleto
- (8) Ensino superior completo

7- Você tem alguma atividade remunerada?

- (1) Sim (2) Não

8- Qual a sua atual ocupação/profissão?

- (1) Estudante
- (2) Do lar
- (3) Trabalhadora autônoma
- (4) Trabalhador/a com carteira assinada
- (5) Outra: _____

9- Depende financeiramente de alguém?

- (1) Sim, parcialmente
- (2) Sim, totalmente
- (3) Não

10- De quem você depende financeiramente?

- (1) Companheiro
- (2) Seus Pais
- (3) Ex companheiro
- (4) Outra(s) pessoa (s)

11- Incluindo você, quantas pessoas da família ou agregados moram em sua casa?

(Não incluir visitantes e/ou moradores temporários).

12- A renda total de sua família no mês passado (que antecede esta entrevista) foi:

- (1) Até ½ salário mínimo (SM) (até R\$ 499,00)
- (2) Mais ½ até 1 SM (de 499,01 a R\$ 998,00)
- (3) Mais de 1 e até 2 SM (de 998,01 a R\$ 1.996,00)
- (4) Mais de 2 e até 3 SM (de 1.996,01 a 2.994,00)
- (5) Mais de 3 SM (R\$ 2.994,01 ou mais)

ANEXO B – Termo de autorização institucional



PODER EXECUTIVO
GOVERNO MUNICIPAL DE CHAVAL
SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
 Rua Monsenhor Carneiro, 121 – Centro – Chaval/Ce.
 e-mail: smeduc.chaval@gmail.com



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, Francisco Fábio Ferreira da Costa, Secretário Municipal de Educação na cidade de Chaval - CE, RG N° 1633290088, CPF N° 451.349.283-04, AUTORIZO Cássio Eduardo Soares Miranda, Professor do Programa de Pós – Graduação em Saúde e Comunidade (PPGSC) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), RG N° M7288234, CPF 002.516.286-12 e Marianne Lira de Oliveira, Mestranda do PPGSC da UFPI, com matrícula sob o n° 20181003459, a realizarem aplicação de questionário, análise de históricos escolares e entrevistas com alunos do 5° ano de escolas públicas municipais, utilizando roteiro semiestruturado, para a realização do Projeto de Pesquisa: Impacto da violência intrafamiliar sobre o fracasso escolar, que tem por objetivo primário, identificar os efeitos da violência intrafamiliar sobre o fracasso escolar sob a ótica de escolares.

Os pesquisadores acima qualificados se comprometem a:

- 1- Iniciarem a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2- Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS N° 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

Chaval - CE, 30 de julho de 2018.

Francisco Fábio Ferreira da Costa

Francisco Fábio Ferreira da Costa
Secretário Municipal de Educação

FRANCISCO FÁBIO FERREIRA DA COSTA
 SECRETÁRIO MUNICIPAL DE
 EDUCAÇÃO E CULTURA
 PORTARIA Nº 285/2017

ANEXO C – Autorização para adaptação e validação da escala SANI para o Brasil



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

DECLARAÇÃO

Ana Isabel Martins Sani, Professora Associada na Universidade Fernando Pessoa e autora dos instrumentos de avaliação psicológica designados por *Escala de Crenças da Criança Sobre a Violência (E.C.C.V.)* e *Sinalização do Ambiente Natural Infantil (S.A.N.I.)*, vem por este meio autorizar a Professora Cristiane Faiad da Universidade de Brasília a proceder a adaptação e validação para a população brasileira dos referidos instrumentos. Além da autora original, integram a autoria dos referidos instrumentos os investigadores Fernanda Gonçalves Silva da Universidade Estácio de Sá (RJ/BR) e Lucas Heiki Matsunaga da Universidade de Brasília.

Os autores comprometem-se a cumprir todos os procedimentos éticos e deontológicos subjacentes à realização da pesquisa para a adaptação e validação da versão brasileira dos referidos instrumentos, podendo alargar, com garantia de igual compromisso, a participação de outros investigadores que apoiarão na validação dos mesmos em diferentes regiões do Brasil.

Porto, 09 de fevereiro de 2017.

A autora da ECCV e SANI

Ana Isabel Sani, PhD



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

NIPC: 502 057 602 - Reg. Comercial nº. 26 Conservatória do Registo Comercial do Porto

REITORIA - [Faculdade de Ciências Humanas e Sociais] - [Faculdade de Ciência e Tecnologia] Praça 9 de Abril, 349 - 4249-004 Porto-Portugal - T. +351 22 507 1300 - F. +351 22 550 8269 - geral@ufp.pt
[Faculdade de Ciências da Saúde] - [Escola Superior de Saúde] R. Carlos Da Maia, 296 - 4200-150 Porto - Portugal - T. +351 22 507 4630 - F. +351 22 507 4637 - R. Delfim Maia, 334 - 4200-253 Porto - Portugal
T. +351 22 509 6371 - geral.asaude@ufp.pt UNIDADE de Ponte de Lima - Casa da Garrida - R. Conde de Bertandos - 4990-078 Ponte de Lima-Portugal - T. +351 258 741 026 - F. +351 258 741 412 - geral.plima@ufp.pt

ANEXO D – Autorização para utilização da escala SANI adaptada – Versão Brasileira

From: Cristiane <crisfaiad@gmail.com>
Sent: Sunday, June 10, 2018 9:51:01 PM
To: Mari Lira
Subject: Re: Escala S.A.N.I. adaptada

Prezada Marianne,

A professora Ana Sani entrou em contato comigo. Claro que vocês têm essa autorização. Vou encaminhar a versão final da escala apenas para que a Ana dê seu aval final. Assim que o fizer, mandaremos a versão a vocês. Pedimos apenas, que os dados sejam compartilhados com nosso grupo ao final da coleta, de forma que possamos finalizar os estudos de evidências de validade. Isso é possível?

Aguardamos retorno e coloco-me à disposição.
Atenciosamente,
Abraços,
Cristiane

ANEXO E – Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI) – Versão Brasileira

Ana Isabel Sani
Cristiane Faiad
Fernanda Gonçalves Silva
Lucas Heiki Matsunaga
(2018)

Instruções

Primeiro, peço que preencha o quadro com seus dados pessoais. Observe que não consta espaço para o nome, o que significa que está preenchendo um documento anônimo.

Data de Nascimento: ___/___/___ Idade: _____ anos Sexo: Escolaridade: Profissão do Pai/Responsável: Escolaridade do Pai/Responsável: Profissão da Mãe/Responsável: Escolaridade da Mãe/Responsável:
--

A seguir há uma lista de acontecimentos que algumas crianças dizem ter visto em casa. **Leia** cada frase com atenção e faça um **X** no quadrado que corresponde ao número que na sua opinião melhor descreve o que aconteceu em sua casa neste último ano. Depois, na outra coluna com dois quadrados, **diga** com quem fizeram aquilo que acabou de ler, caso tenha ocorrido com alguém, pondo **um X** no (s) quadrado (s) correspondente (s), podendo assim assinalar mais de uma opção.

0 Nunca (nenhuma vez)

1 Poucas Vezes (1 ou 2 vezes nesse ano)
--

2 Às vezes (+ de 2 ou 3 vezes nesse ano)

3 Muitas vezes (cerca de 1 vez por mês)
--

4 Quase sempre (+ de 1 vez por mês).

EM MINHA CASA, NESTE ÚLTIMO ANO, EU JÁ VI ou OUVI...	Fez com quem?						
	Um adulto	Uma criança					
1. Insultar alguém ou chamá-la por nomes feios.	0	1	2	3	4		

2. Jogar algo contra uma pessoa de propósito.	0	1	2	3	4		
3. Ameaçar que vai machucar seriamente alguém.	0	1	2	3	4		
4. Colocar uma pessoa para fora de casa.	0	1	2	3	4		
5. Proibir de conversar com certas pessoas (ex: amigos, familiares).	0	1	2	3	4		
6. Gritar muito e muito alto com alguém.	0	1	2	3	4		
7. Impedir de fazer certas coisas (ex: deveres de casa, arrumações, compras).	0	1	2	3	4		
8. Obrigar uma pessoa a trabalhar muito.	0	1	2	3	4		
9. Dizer coisas que envergonhem muito uma pessoa.	0	1	2	3	4		
10. Obrigar uma pessoa a fazer tudo o que se quer como se fosse um (a) empregado (a).	0	1	2	3	4		
11. Bater ou tentar bater com coisas em alguém.	0	1	2	3	4		
12. Não dar dinheiro para as despesas de casa.	0	1	2	3	4		
13. Obrigar a guardar segredo de coisas feias ou más.	0	1	2	3	4		
14. Sempre controlar tudo (ex: o que se compra, o que se come ou bebe).	0	1	2	3	4		
15. Dar pontapés ou murros numa pessoa.	0	1	2	3	4		
16. Debochar ou fazer Brincadeira de alguém para fazer sentir-se mal.	0	1	2	3	4		

17. Prender alguém para que não se mexa do lugar.	0	1	2	3	4		
18. Não deixar uma pessoa sair de casa para alguns lugares.	0	1	2	3	4		
19. Prender alguém numa parte da casa (ex: quarto).	0	1	2	3	4		
20. Deixar de falar com uma pessoa durante algum tempo.	0	1	2	3	4		
21. Dizer que vai destruir ou destruir mesmo qualquer coisa de valor (ex: roupas, objetos, etc....).	0	1	2	3	4		
22. Ameaçar com separações de pessoas da família.	0	1	2	3	4		
23. Perseguir ou seguir uma pessoa para onde quer que esta pessoa vá.	0	1	2	3	4		
24. Fazer acusações que não são verdadeiras só para magoar uma pessoa.	0	1	2	3	4		
25. Colocar medo em uma pessoa com armas ou outros objetos perigosos	0	1	2	3	4		
26. Obrigar uma pessoa a fazer coisas feias ou que a envergonham.	0	1	2	3	4		
27. Ter ciúme ou desconfiar muito de alguém.	0	1	2	3	4		
28. Puxar ou empurrar alguém com força até essa pessoa cair.	0	1	2	3	4		
29. Levar à força uma pessoa para certos lugares.	0	1	2	3	4		
30. Dizer coisas que assustem muito a pessoa.	0	1	2	3	4		